

A LENDA DO MONTE TAYÓ

CONTRIBUIÇÃO À CENTENÁRIA DISCUSSÃO

SOBRE O SIGNIFICADO DO NOME ITAJAI



Magru Floriano

Magru Floriano

A LENDA DO MONTE TAYÓ

**CONTRIBUIÇÃO À CENTENÁRIA DISCUSSÃO
SOBRE O SIGNIFICADO DO NOME ITAJAI**

Brisa Utópica/Aternativa

INTERPRETAÇÃO LIVRE DA FOTO DE CAPA

A foto de autoria de Magru Floriano foi escolhida para compor a capa do livro *A LENDA DO MONTE TAYÓ* por evidenciar alguns pontos que fazem referência direta ao levantamento histórico nele apresentado. No primeiro plano temos a Foz do Rio Itajaí. No segundo plano temos justamente o Morro do Baú, aparecendo em toda a sua plenitude para os moradores do Município de Itajaí. Depois temos uma pequena embarcação imbicada na direção do Morro, no sentido da colonização promovida pelos primeiros navegantes e exploradores. Temos ainda o Porto Mercante, fruto de todo o esforço ocorrido desde os tempos mais remotos da colonização. Por último, temos o dourado do pôr-do-sol simbolizando o ouro que motivou tanta gente a palmilhar centímetro por centímetro do nosso Vale do Itajaí.

AGRADECIMENTOS

Sem a contribuição decisiva dessas pessoas e instituições essa obra não seria possível:

APM Terminals

Prefeitura Municipal de Itajaí

Fundação Genésio Miranda Lins – Centro de Documentação e Memória
Histórica

Fundação Cultural de Blumenau – Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Editora Alternativa

Editora Brisa Utópica

Superintendência do Porto de Itajaí

Fundação Cultural de Itajaí

Biblioteca Comunitária da Univali

Arquivo Público de Santa Catarina

Arquivo Público de Joinville

Museu do Homem do Mar

Aldeia M'Biguaçu

Adilson Amaral

Isaque de Borba Corrêa

Vera Lúcia de Nóbrega Pecego Estork

Euclides José da Cruz

Antonio Ayres dos Santos Júnior

Alexandre Antonio dos Santos

José Amadio Russi

APRESENTAÇÃO

Apresentação

Descobrir sua origem é algo que motiva o ser humano. *A Lenda do Monte Tayó* surgiu da vontade de colaborar para uma elucidação definitiva de uma questão que vem gerando polêmica há mais de um século. Partiu da curiosidade do pesquisador de buscar o significado real do nome Itajaí e suas variações históricas, Itajahy, Tahahy, Tajahug entre outras. Mas, acima de tudo, veio de um desejo ardente de um homem que ama tanto sua terra que não se conformou em manter superficial a procura pela origem deste nome.

Indo muito além da história oficial do município e das teorias mais aclamadas, **Magru Floriano**, resgatou documentos históricos e relatos pouco conhecidos para abrir ainda mais os horizontes. Teve a coragem de remexer em um terreno que estava praticamente sedimentado para buscar, lá no fundo, algo que pode abalar toda a estrutura da história que conhecemos.

Quem teria “batizado” o rio, o município e o vale com o nome Itajaí? Teriam sido os silvícolas do período anterior ao descobrimento? Os primeiros exploradores brancos? Os colonizadores? *A Lenda do Monte Tayó* oferece evidências históricas e apresenta diversas hipóteses que traçam um paralelo entre a história da região e as possíveis referências do nome a termos como pedras, formigas, plantas, expressões e à mineração. Sabemos que até um passado não muito distante nossa cultura era predominantemente oral e que não existia uma população letrada que pudesse (ou quisesse) registrar, com precisão, em relatos ou documentos histórias como a que diz respeito à origem do nome Itajaí. A capacidade de escrever era restrita a poucos e os relatos enviesados de acordo com os interesses dessa minoria.

Estaria a verdade se perdendo ao longo dos anos? Estaríamos nos distanciando da nossa verdadeira origem ao acreditar na história oficial ou nas duas correntes tradicionalmente mais aceitas que traduzem Itajaí como “Rio que corre entre as pedras” ou “Rio dos taiobás” e suas variações? Esta é uma dúvida que você, leitor (a) terá o prazer de tentar responder ao final deste livro, após uma leitura que, certamente, lhe trará muitas sugestões e informações valiosas.

Leia com atenção e faça bom proveito!

Thiago Floriano
Jornalista

Como obter o máximo proveito deste livro em 9 passos?

Depois de participar da busca por alguns dos mapas antigos, ler e reler *A Lenda do Monte Tayó* diversas vezes e de ter participado de inúmeras discussões com o autor, tomei a liberdade de propor a você, leitor (a) um método que pode ajudá-lo a tirar maior proveito do livro em nove passos.

1. Leia com atenção o capítulo I.
2. Observe todos os mapas e procure neles os locais próximos a Itajaí, com suas referências a todas as nomenclaturas desde que o rio Itajaí-Açu deixou de ser chamado Rio das Voltas.
3. Leia, atentamente, o capítulo II.
4. Leia os anexos.
5. Leia as considerações finais.
6. Releia todo o livro.
7. Coloque a questão em debate com seus amigos.
8. Assinale na página **XX** qual a teoria que você acredita que esteja mais próxima à verdadeira origem e significado do nome Itajaí.
9. Escreva algumas considerações a respeito e envie para o autor:
magrufloriano2008@gmail.com ou heliofloriano@yahoo.com.br

Após realizar a leitura desta forma, estou convicto de que você terá plenas condições de traçar suas próprias conclusões sobre o tema com muito mais propriedade, contribuindo ainda mais para esta centenária e polêmica discussão.

Bom trabalho e mãos à obra.

Thiago Floriano

tajaí\2012

SUMÁRIO

Introdução

I – Como tudo começou

A - os nativos

B - os colonizadores

C – confronto entre nativos e colonizadores

II - Teses sobre o significado do nome

Tese 1 – referências à pedra

Tese 2 – referências a formigas

Tese 3 – referências a plantas

Tese 4 – referências a expressões

Tese 5 – referência à mineração

III – Considerações finais

Referência Bibliográfica

Anexos

Anexo I – Norberto Cândido Silveira Júnior - Cartas

Anexo II – Hermes Justino Patrianova – taiá X taióba

Anexo III – Hermes Justino Patrianova - Cartas

Anexo IV – Marcos Konder – Qual o verdadeiro nome de Itajaí

Anexo V – Norberto Bachmann – Sobre a origem da palavra Itajaí

Anexo VI – Silveira Júnior e Marcos Konder – Rio das pedras ou dos taiás?

Anexo VII – Raulino Reitz – Itajaí significa rio dos taiás

Anexo VIII – Silveira Júnior – Itajaí quer dizer: pedra laminada

Anexo IX – Gustavo Konder – a origem do nome de Itajaí

Anexo X – Almirante Lucas Arthur Boiteaux – O rio Itajaí ... morfologia do nome

Anexo XI – Ayres Gevaerd – ouro no Vale do Rio Itajaí-mirim

Anexo XII – Silveira Júnior – rio das pedras ou dos taiás?

Anexo XIII – Silveira Junior – taiá, aguapé e Itajaí

Anexo XIV - Norberto Bachmann – Toponímia tupi-guarani do Município de Itajaí

Anexo XV – Novidades. O ouro no Valle do Itajahy. Edição de 02 de outubro de 1910.

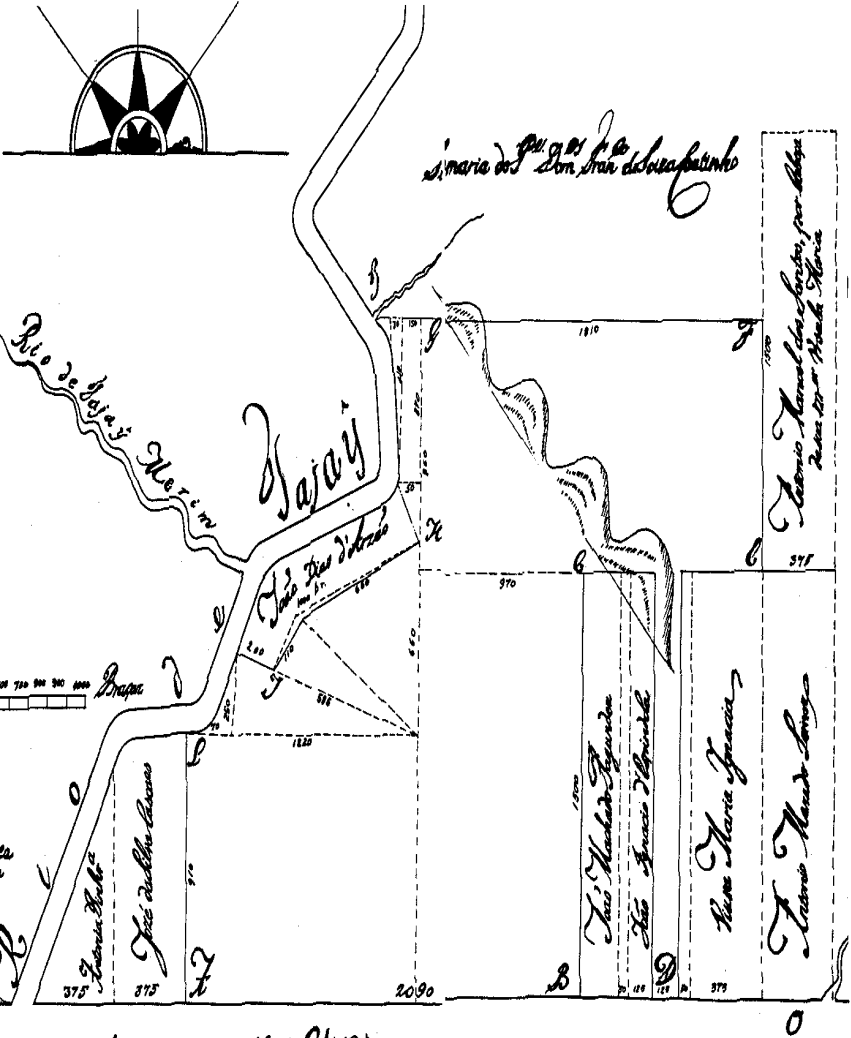
Anexo XVI – Norberto Bachmann. Ibirama – Joaçaba – Itajaí -- jornal. A União – Joinville – 28 de setembro de 1947

Anexo XVII – Hermes Justino Patrianova. Itajaí. Pequeno livro. Pag. 45-50

Introdução

Explicação

*Plano da fazenda
de Santos Marcel da
Costa Freixo, compreendendo
no todo as terras as
divisas A, B, C, D,
E, F, G, H, I, L,
M, N, O, P, Q, R,
S, T, U, V, W, X, Y,
Z, AA, AB, AC, AD, AE, AF,
AG, AH, AI, AJ, AK, AL, AM, AN,
AO, AP, AQ, AR, AS, AT, AU, AV,
AW, AX, AY, AZ, BA, BB, BC, BD,
BE, BF, BG, BH, BI, BJ, BK, BL,
BM, BN, BO, BP, BQ, BR, BS, BT,
BU, BV, BW, BX, BY, BZ, CA, CB,
CC, CD, CE, CF, CG, CH, CI, CJ, CK,
CL, CM, CN, CO, CP, CQ, CR, CS,
CT, CU, CV, CW, CX, CY, CZ, DA, DB,
DC, DD, DE, DF, DG, DH, DI, DJ, DK,
DL, DM, DN, DO, DP, DQ, DR, DS,
DT, DU, DV, DW, DX, DY, DZ, EA, EB,
EC, ED, EE, EF, EG, EH, EI, EJ, EK,
EL, EM, EN, EO, EP, EQ, ER, ES,
ET, EU, EV, EW, EX, EY, EZ, FA, FB,
FC, FD, FE, FF, FG, FH, FI, FJ, FK,
FL, FM, FN, FO, FP, FQ, FR, FS,
FT, FU, FV, FW, FX, FY, FZ, GA, GB,
GC, GD, GE, GF, GG, GH, GI, GJ, GK,
GL, GM, GN, GO, GP, GQ, GR, GS,
GT, GU, GV, GW, GX, GY, GZ, HA, HB,
HC, HD, HE, HF, HG, HH, HI, HJ, HK,
HL, HM, HN, HO, HP, HQ, HR, HS,
HT, HU, HV, HW, HX, HY, HZ, IA, IB,
IC, ID, IE, IF, IG, IH, II, IJ, IK, IL,
IM, IN, IO, IP, IQ, IR, IS, IT, IU, IV,
IY, IZ, JA, JB, JC, JD, JE, JF, JG, JH,
JI, JJ, JK, JL, JM, JN, JO, JP, JQ, JR,
JS, JT, JU, JV, JW, JX, JY, JZ, KA, KB,
KC, KD, KE, KF, KG, KH, KI, KJ, KK,
KL, KM, KN, KO, KP, KQ, KR, KS, KT,
KU, KV, KW, KX, KY, KZ, LA, LB, LC,
LD, LE, LF, LG, LH, LI, LJ, LK, LL,
LM, LN, LO, LP, LQ, LR, LS, LT, LU,
LV, LW, LX, LY, LZ, MA, MB, MC, MD,
ME, MF, MG, MH, MI, MJ, MK, ML,
MN, MO, MP, MQ, MR, MS, MT, MU,
MV, MW, MX, MY, MZ, NA, NB, NC,
ND, NE, NF, NG, NH, NI, NJ, NK, NL,
NM, NO, NP, NQ, NR, NS, NT, NU,
NV, NW, NX, NY, NZ, OA, OB, OC, OD,
OE, OF, OG, OH, OI, OJ, OK, OL,
OM, ON, OO, OP, OQ, OR, OS, OT, OU,
OV, OW, OX, OY, OZ, PA, PB, PC, PD,
PE, PF, PG, PH, PI, PJ, PK, PL, PM,
PN, PO, PP, PQ, PR, PS, PT, PU, PV,
PW, PX, PY, PZ, QA, QB, QC, QD,
QE, QF, QG, QH, QI, QJ, QK, QL,
QM, QN, QO, QP, QQ, QR, QS, QT, QU,
QV, QW, QX, QY, QZ, RA, RB, RC, RD,
RE, RF, RG, RH, RI, RJ, RK, RL, RM,
RN, RO, RP, RQ, RR, RS, RT, RU, RV,
RW, RX, RY, RZ, SA, SB, SC, SD,
SE, SF, SG, SH, SI, SJ, SK, SL, SM,
SN, SO, SP, SQ, SR, SS, ST, SU, SV,
SW, SX, SY, SZ, TA, TB, TC, TD, TE,
TF, TG, TH, TI, TJ, TK, TL, TM, TN,
TO, TP, TQ, TR, TS, TT, TU, TV, TW,
TX, TY, TZ, UA, UB, UC, UD, UE, UF,
UG, UH, UI, UJ, UK, UL, UM, UN, UO,
UP, UQ, UR, US, UT, UY, UZ, VA, VB,
VC, VD, VE, VF, VG, VH, VI, VJ, VK,
VL, VM, VN, VO, VP, VQ, VR, VS, VT,
VU, VY, VZ, WA, WB, WC, WD, WE,
WF, WG, WH, WI, WJ, WK, WL, WM,
WN, WO, WP, WQ, WR, WS, WT, WU,
WY, WZ, XA, XB, XC, XD, XE, XF, XG,
XH, XI, XJ, XK, XL, XM, XN, XO, XP,
XQ, XR, XS, XT, XU, XV, XW, XX, XY,
XZ, YA, YB, YC, YD, YE, YF, YG, YH,
YI, YJ, YK, YL, YM, YN, YO, YP, YQ,
YR, YS, YT, YU, YV, YW, YX, YZ, ZA,
ZB, ZC, ZD, ZE, ZF, ZG, ZH, ZI, ZJ,
ZK, ZL, ZM, ZN, ZO, ZP, ZQ, ZR, ZS,
ZT, ZU, ZV, ZW, ZX, ZY, ZZ.*



Mapa de 30 de Abril de 1796

[imagem: acervo da Fundação Genésio Miranda Lins]

A história de Itajaí guarda um baú fértil de polêmicas. Talvez a mais constante delas seja aquela proporcionada pela indecisão oficial acerca do significado do termo ITAJAÍ. Grafado ao longo dos tempos das mais diversas maneiras por viajantes estrangeiros, catequizadores, bandeirantes, pesquisadores, faiscadores, funcionários públicos, proprietários de terras, aventureiros e toda sorte de gente que passou pelo litoral catarinense desde os tempos imemoriais do descobrimento, o nome sofreu inúmeras modificações.

Considerando um ensaio elaborado pelo Almirante Lucas Arthur Boiteux podemos supor que a denominação RIO DAS VOLTAS prevaleceu, com relativa certeza, entre 1515 (mapa dos Reinel) e 1563 (Carta de Ramúsio), sendo factível supor que o nome ainda tenha sido utilizado durante o século XVII, já intercalado com as diversas variações do termo Itajaí.

O primeiro dos mapas mudando **Rio das Voltas** para uma grafia próxima da que conhecemos hoje (Itajaí) utiliza a denominação de **Rio Tajahug**. O mapa é datado de 1630 e foi confeccionado por Judocus Hondius ou Blaeu. Entre 1630 e 1816 Lucas Arthur Boiteux enumera quase vinte mapas com nada menos que uma dúzia de variações do termo Itajaí. Mas, a grande polêmica atual se dá a partir de duas grafias que persistiram ao longo dos tempos como matrizes de outras variantes do termo: TAJAHY e ITAJAHY. Ou seja, a primeira discussão é sobre a questão do nome começar ou não começar com a letra **I**.

Muitos autores entraram na discussão que envolve a verdadeira grafia do nome, determinante para buscar a palavra inicial correta e sua exata tradução. Afinal, pesquisando em arquivos e documentos,

percebemos que o nome ITAJAÍ foi grafado de maneiras diversas, tais como: Táa-hy, Tacahug, Tahai, Tahei, Taiahug, Taiahung, Taiahy, Taixi, Tajabug, Tajahi, Tajahii, Tajahug, Tajahy, Tajai, Tajaim, Tajaiye, Tajay, Tayabeuhy, Tayabeuy, Tayahuy, Tayahy, Thajai, Téjay, Tejái, Tojahy, Tucuary, Tujuy, Iajahy, Iaujanjé, Itajahi, Itajahy, Itajaí, Ita jajai, Itajay, Itajuhy, Itéjay.

“Ora, precisamente êsse “I” é um intruso que apareceu, pelo menos, há uns cem anos, com a fundação duma colônia na foz por Drummond em 1820 e a subsequente criação da paróquia do “Santíssimo Sacramento de Itajahy” em 1833. Antes dessa época, quando vemos, o nome começava sempre com “T” e só depois generalizou-se o uso ou abuso de lhe anteporem um “I”. Achamos, por exemplo, em 1845 Itajahi e ainda Tajahi (Milliet St. Adolphe, Dicc. Geogr. Do Brasil). 1827, Itajahy (Menezes de Drummond no Journal des Voyages); 1822, Tajay (Memórias Hist. do Rio de Janeiro, IX, 268); 1817, Tajahy e Thajai (Ayres Casal, Corografia Brasileira, I, 57, 188, 204); 1816, Tajahi (Paulo Miguel de Brito, Mem. Política sôbre S. Catharina); 1767, Tujuy (Carta do Vice-rei ao Gov. De S. Paulo, citada por Lucas Boiteux, Notas para a História Cat., pagina 243)”. (excerto de um longo trabalho de J. A. Padberg-Drempkol, in “Revista de Philologia e de História”, Tomo I pgs. 427 e segs.)

Portanto, segundo alguns autores, os nomes iniciados com “I” foram consolidados a partir do final do século XVIII e início do século XIX. Eles evidenciam que o nome grafado com “I” inicial foi oficializado e popularizado a partir da confecção de documentos e correspondências vinculadas diretamente à atividade de interesse do Estado da lavra de interlocutores como Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond e Agostinho Alves Ramos. Pessoas influentes que mantinham grande fluxo de informação junto aos governos central e da Província de Santa Catarina. Silveira Júnior no livro **Itajaí** cita o pesquisador Carlos da Costa Pereira para afirmar que:

*“o mais antigo documento que se conhece já com a grafia de **Itajahy** (isto é, começando com “i” e não com “t”) data de 1799 e é o requerimento em que Joaquim Francisco Salles e Mello, governador da Fortaleza de Santo Antônio de Ratores, na Ilha de Santa Catarina, pede uma légua de terras em quadra no rio **Itajahy-Merim**” para neste lugar construir uma fábrica de açúcar para seu interesse e dos reais dízimos”. Finaliza Silveira Júnior: “Esse requerimento é de 30 de agosto de 1799”. (pag. 11)*

Thiago Floriano dos Santos participou de uma seção de fotos dos mapas antigos que compõem o acervo do Arquivo Histórico de Santa Catarina (junto com Magru Floriano e Isaque de Borba Corrêa) no ano de 2011. Depois de estudar todos os mapas considerou a hipótese de que o nome **tajai** pode ter recebido o **I** no seu início por simples acomodação da cultura oral, a exemplo do que possivelmente ocorreu com o termo **Camboriú**. Lembremos que existe uma corrente que advoga a ideia de que o termo Camboriú surgiu do hábito popular de indicar a vila como aquela que ficava ali onde **camba o rio**, ou no lugar onde o rio faz uma grande curva.

Ainda por essa lógica da cultura oral, a denominação “Enseada de Tajay”, sofreria modificações para “Enseada d’Tajay” e depois para “Enseada d’Itajay”. Na linguagem oral teríamos “Enseada ditajay”. Ou seja, o DE se transforma em DI e este DI se decompõe em d’I, sendo que o I desmembra do D e fica agregado ao TAJAY. Tudo por conta da facilidade ao falar.

Como exemplo da pouca disciplina técnica na hora de grafar o nome da localidade podemos remeter nossos estudos à leitura do Primeiro Livro de Óbitos da Capela de São João Batista de Itapocorói vinculada à Paróquia Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco. Entre 1791 e 1823 o padre José Antonio Martins registrou os óbitos de Itajaí utilizando nada menos do que seis variações para o nome da localidade: TAJAHY – 13

vezes entre 1791 e 1823; TAJAHII – 18 vezes entre 1792 e 1816; ITAJAHI – 04 vezes entre 1792 e 1823; TAJAHI – 02 vezes em 1793; ITAJAHY - 01 vez em 1800; ITAJAÍ – 03 vezes entre 1803 e 1823.

Grandes intelectuais e homens públicos tentaram definir o termo ou contribuir de forma direta para elucidar o enigma que persiste ao longo dos anos. Entre os que dialogaram sobre o tema temos: José Ferreira da Silva, Edil Odebrecht, Silveira Júnior, Gustavo Konder, Gil Miranda, Raulino Reitz, Lucas Arthur Boiteux, Norberto Bachmann e Marcos Konder. São citados frequentemente em pesquisas sobre o tema: A J. A Padberg-Drenkpol, Plínio Ayrosa, Cristóvam de Mauricéa, Carlos da Costa Pereira, Arnaldo Santiago entre outros.

Muitas teses foram defendidas acerca do verdadeiro significado da palavra Itajaí. Algumas dessas teses foram vistas pelos demais historiadores e memorialistas como excêntricas. É o caso da tese defendida por Hermes Justino Patrianova, um autodidata da linguagem tupi-guarani, que chegou a publicar o **Pequeno Livro** defendendo a interpretação de que Itajaí significa *Rio do jaó de pedra* – fazendo uma referência direta ao “Bico do Papagaio” localizado na Estrada Geral de Cabeçadas.

Contudo, as duas principais matrizes aceitas por memorialistas e escritores são aquelas que defendem a tradução do termo ITAJAÍ relacionando-o a **taiá** e **pedras**. Ou seja:

- 1 – Rio dos taiás; Rio dos taiobas – e suas variações
- 2 – Água que corre sobre as pedras; Rio das pedras – e suas variações.

Para melhor compreensão do processo que leva os intelectuais a divergirem sobre a tradução do termo ITAJAÍ para o português vamos promover um breve relato de cada tese, inclusive aquela externada pelo orientador educacional indígena Wanderley Carai Yvydju, da aldeia M'Biguaçu (Carijó - Guarani), que tivemos oportunidade de entrevistar

(junto com o memorialista Isaque de Borba Corrêa) no dia dois de julho de 2010.

Quer dizer, lemos todos os autores e depois fomos consultar um professor que ensina guarani-português na aldeia carijó mais próxima de Itajaí. Entrevistamos ainda intelectuais do porte de Lino João dell'Antônio e pessoas idosas de nossa comunidade, como Ivo Pereira - proprietário do Restaurante Panorama que conviveu com Marcos Konder.

Ao expormos as principais teses buscamos, em cada uma delas, argumentações favoráveis e pontos de contradição. Tentamos ver o que cada tese pode contribuir para o debate e na elucidação definitiva da centenária questão sobre a mais apropriada tradução do guarani para o português. Após a exposição das principais teses publicamos *ipsis litteris* artigos que consideramos vitais na discussão sobre o verdadeiro significado do termo Itajaí, de forma que o leitor possa ler os originais e tirar suas próprias conclusões tendo material de primeira grandeza em suas mãos para consulta direta e rápida. São textos compilados de livros, jornais e da excelente publicação da Fundação Casa Dr. Blumenau – “Blumenau em cadernos”.

As teses que iremos estudar aqui estão relacionadas a temas bastante diferenciados. São teses que buscam traduzir o termo Itajaí relacionando-o a: formiga; taiá; pedras no rio; pedras fora do rio; morro; ilha; mineração. Buscamos, em síntese, o elo perdido que nos remete definitivamente ao nascedouro de um termo que denomina todo o Vale, seu principal rio e afluentes mais importantes, além da cidade que abre suas terras ao mundo. Convenhamos que não pode ser qualquer coisa a dar tal destaque. Tem de ser algo muito especial, que definitivamente marcou a vida das pessoas que viveram no Vale ainda na sua gênese histórica.

I – COMO TUDO COMEÇOU



Magru Floriano em visita à aldeia carijó M Biguaçu - Biguaçu – Santa Catarina

Foto: Isaque de Borba Corrêa

A – NOSSOS NATIVOS

Quanto mais você aprofunda os estudos sobre os povos que viveram no Vale do Itajaí na era pré-colombiana, mais você tem a sensação de que entrou em uma densa floresta sem saída. Essa sensação desconfortável intelectualmente se dá, principalmente, pela presença de muitas teses inconclusas e poucos trabalhos de campo que oferecem aos pesquisadores dados concretos sobre nossos povos mais primitivos.

Temos pesquisadores falando na presença do homem em território americano entre 12 e 50 mil anos atrás. Alguns aceitam a teoria da presença mais recente prevendo que a migração entre continentes (Ásia – América) ocorre pela “ponte de gelo” formada na era glacial no Estreito de Behring. Outros estudiosos acreditam que a presença de humanos no continente é muito mais antiga (entre 35 e 50 mil anos atrás) e foi viabilizada pela prática da navegação no Oceano Pacífico.

Com certeza, o território brasileiro já estava plenamente ocupado próximo à época de 12 mil anos por grupos de coletores e caçadores nômades, considerados pré-históricos. Segundo nos esclarece o historiador Eduardo Bueno no livro **Brasil: uma história – a incrível saga de um país** esses grupos foram catalogados pelos estudiosos por “tradições” considerando o que foi encontrado de suas respectivas culturas (instrumentos de pedra, pinturas rupestres, sambaquis...).



Peças indígenas expostas no Museu do Homem do Mar – Bombinhas (SC)

Na Região Sul do continente americano, incluindo Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, a tradição considerada mais antiga é denominada “Ibicuí”, estabelecida próxima a treze mil anos antes de Cristo na região da Bacia do Rio Uruguai. Entre 4.500 e 100 anos antes de Cristo surgiu na Região do Brasil (a partir de São Paulo) a tradição denominada de “Humaitá”. Os estudiosos aceitam que as atividades agrícolas e de confecção de cerâmica surgiram próximas a 1.500 antes de Cristo, portanto, há mais de 3.000 anos.

Até hoje os estudiosos não conseguiram encontrar o elo perdido entre essas civilizações pré-históricas e os nativos encontrados durante o período do “descobrimento”. Provavelmente ocorreu um longo período de extermínio mútuo e aculturação entre “tradições” até chegar à predominância dos grupos encontrados no litoral brasileiro pelos portugueses em 1.500 depois de Cristo: Potiguar, Tremembé (Litoral Norte); Tabajara, Caeté, Tupinambá, Aimoré (Litoral Norte-Nordeste); Tupiniquim, Temiminó, Goitacá, Tupinambá, Tamoio (Litoral Sudeste); Carijó (Litoral Sul). Muitos consideram o tupinambá como “pai de todos” ou “o povo Tupi por excelência”.

Eduardo Bueno dá a seguinte descrição do Carijó:

“Seu território ia de Cananéia (SP) até a lagoa dos Patos (RS). Considerados “o melhor gentio da costa”, foram receptivos à catequese. Isso não impediu sua escravidão em massa por parte dos colonos de São Vicente. Em 1562, participaram de um grande ataque a São Paulo. Eram cerca de 100 mil.” (p. 19)

Visando proteger os nativos da escravidão imposta pelos bandeirantes oriundos de São Paulo (Vicentistas), os Jesuítas promoveram entre 1610 e 1750 a reunião de grande contingente de nativos em

“reduções” (aldeias protegidas). Nesse período temos quatro grandes núcleos de reduções na América do Sul:

1 – **Guairá** (Paraná, São Paulo) - Abrigava 13 reduções a partir de 1610. Foi destruída em sucessivas guerras dos bandeirantes entre 1628 e 1632. Os bandeirantes fizeram cerca de 100 mil escravos.

2 - **Itatim** (Mato Grosso do Sul e Paraguai) - Abrigava 13 reduções e foi erguida por volta de 1631 e atacadas por bandeirantes a partir de 1633, logrando obter cerca de 15 mil novos escravos.

3 - **Tape** (região central do Rio Grande do Sul) - Abrigava 18 reduções, destruídas a partir de 1636 pelos bandeirantes Raposo Tavares e Fernão Dias com a escravidão de 60 mil guaranis;

4 - **Paraná-Uruguai** (extremo oeste do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, além de parte do Paraguai e Argentina) - Formada a partir de 1670 por 30 povos guaranis, ela foi abandonada quando da expulsão dos jesuítas em 1759.

Sobre o extermínio e escravidão dos nativos no Sul do Brasil diz Eduardo Bueno:

“A máquina escravista aperfeiçoada pelos bandeirantes começou a operar em larga escala a partir de agosto de 1627, quando Manuel Preto e Raposo Tavares partiram rumo ao Guairá. Com sua espantosa tropa de dois mil índios (talvez temiminó), novecentos mamelucos e 69 paulistas, o jovem Raposo e o septuagenário Preto chegaram às margens do rio Tibagi no dia 8 de setembro. De início, agiram com cautela já que, embora estivessem acostumados a capturar indígenas na região, aquele seria o primeiro ataque a uma redução jesuítica.”

Portanto, quando a civilização branca iniciou a colonização no litoral catarinense praticamente não temos mais nativos na região. Primeiro eles foram recolhidos (interiorizados) nas “reduções” patrocinadas pelos jesuítas; depois, escravizados ou mortos pelos bandeirantes. Pequenos grupos formados por sobreviventes das reduções ou fugitivos da guerra

direta com os bandeirantes foram tudo o que restou no nosso litoral. Vale ressaltar que esses grupos sobreviventes acabaram precisando enfrentar, a partir das primeiras décadas do século XIX (1.800), os imigrantes europeus que aqui chegaram durante o ciclo de colonização que atingiu todas as terras de Santa Catarina.

Na Região do Vale do Itajaí já foram encontrados importantes sambaquis perfazendo um total próximo a uma centena. Vamos fazer um breve resumo dos sambaquis mais próximos de Itajaí, considerando as obras do arqueólogo Darlan Pereira Cordeiro e do padre João Alfredo Rohr:

A – Sambaqui Gaspar I (Município de Gaspar) - sua datação está próxima de cinco mil anos de existência. O material desse sambaqui foi coletado pelo historiador Walter Piazza e está guardado no Museu do Homem de Sambaqui – Florianópolis.

B – Salto Alto (Município de Brusque) – sítio pré-cerâmico com cerca de 300 metros quadrados. Está localizado em terreno de morraria.

C – Sambaqui Laranjeiras I (Município de Balneário Camboriú) – explorado pelo padre João Alfredo Rohr em 1979 e tem características de sítios pré-cerâmicos. Ali foram recuperados 52 sepultamentos e tem datação entre três mil e 200 anos. Estava localizado na morraria que cerca a Praia das Laranjeiras e ficou mais protegido do público.

D – Sambaqui Laranjeiras II (Município de Balneário Camboriú) – é um sítio com características da tradição Itararé litorâneo. Datação entre 800 e 1300 anos. Foi explorada pelo padre Rohr entre 1977 e 1978. Ele estava localizado defronte à Praia das Laranjeiras com o mar batendo à sua franja nas marés altas e ressacas. Foram encontrados 114 sepultamentos e retiradas 2.308 peças de pedra, como: talhadores, lâminas de machados, esmagadores, facas, raspadores, pesos-de-rede. Entre os objetos feitos de ossos temos: ossos apontados, agulhas, anzóis, espátulas.

E – Sambaqui Balneário de Cabeçadas (Município de Itajaí) – Explorado pelo padre João Alfredo Rohr em 1971. Foi localizado por acaso quando a diretoria do Iate Clube Cabeçadas resolveu construir um anexo à sua tradicional sede. Ficava a poucos metros da prainha que o Iate utilizava como rampa para retirar e colocar seus barcos n'água. Foram encontrados fragmentos da tradição cerâmica Itararé e sua idade calculada não deve ultrapassar 1.500 anos. Foram encontrados 56 esqueletos, quatro machados polidos de pedra, vinte pontas de flechas feitas de osso, objetos de adorno confeccionados com conchas, ossos e pedras. O material recolhido está no Museu do Homem do Sambaqui (Colégio Catarinense - Florianópolis).

F – Sambaqui da Canhanduba (Município de Itajaí) – Encontrados pelos arqueólogos Maria Madalena Velho do Amaral e Osvaldo Paulino da Silva em 1996 às margens da BR-101. O sítio ficou muito deteriorado porque parte significativa do material foi retirada para a produção de cal.

G – Sambaqui Itaipava I (Município de Itajaí) – ele foi completamente deteriorado. Fica dentro de uma plantação de milho na localidade rural de Itaipava.

H – Sambaqui Itaipava II (Município de Itajaí) – Foi descoberto por acaso em 1987 pelos próprios moradores do local que queriam coletar argila para as olarias. Fica próximo ao Rio Itajaí-Mirim e era considerado local assombrado pelos moradores mais antigos.

I – Sambaqui Morro da Cruz (Município de Itajaí) – Gustavo Konder dá testemunho que sua curiosidade de criança foi aguçada pela constatação de existir muitas conchas na encosta do Morro da Cruz, local bastante distante do Mar. Esse sambaqui teria sido totalmente destruído para servir de matéria prima para fábrica de cal.



Memorialista Isaque de Borba Corrêa inspecionando sambaqui às margens do Rio Camboriú

Foto de Magru Floriano

Referências sobre a presença de nativos em nossa região não faltam. Segundo nos relata o escritor itajaiense Nemésio Heusi no livro **A fundação de Itajaí – sua história – seu romance**, “Sabemos nós que duas Bandeiras Vicentinas passaram por terras itajaienses: uma de Dias Velho, em 1662, e a outra de Domingos de Brito Peixoto, em 1684...” (p.13) e

“... bandeiras vicentinas rumaram ao sul para povoarem Santa Catarina... Pelo litoral, parte de Santos o vicentista Francisco Dias Velho, em 1662, levando a mulher, dois filhos, duas filhas, quinhentos índios domesticados, um homem branco com mulher e três filhos, e dois padres jesuítas... Em 1684, também pelo litoral, parte o povoador vicentista Francisco Brito Peixoto, com auxílio de seu pai, levando muitos escravos, mantimentos e materiais para fundar Laguna....” (p.16)

Ainda nos fala Nemésio Heusi:

“O Vale do Itajaí já era bem conhecido da Corte do Rio de Janeiro quando por ele passou a primeira bandeira vicentina de colonização de Francisco Dias Velho, em 1662, em direção ao Desterro, para lançar os fundamentos de uma povoação sob a proteção de N. Sra. Do Desterro, que não era uma ilha deserta, já que, em 1503, data do seu descobrimento provável pela expedição de Gonçalo Coelho, é chamada pelos portugueses Ilha dos Patos até começo do século XVII. Os carijós a denominavam Juriré-Mirim ... Em 1526, Sebastião Caboto, em viagem para o Rio da Prata, esteve na ilha, a que denominou de Santa Catarina ... Pero Lopes de Souza assina a carta de doação de terras do continente e da Ilha de Santa Catarina, em 11 de novembro de 1549... Quando Hans Staden chegou à Ilha, em 1549, encontrou espanhóis vivendo com os carijós.” (p. 17)

O arquiteto Dalmo Vieira Filho também fez referências interessantes sobre os nativos do litoral de Santa Catarina na obra **Santa Catarina 500: terra do Brasil**. Conforme nos relata Dalmo “... em poucos anos, os carijós, que habitavam o litoral entre Cananéia e Santa Catarina, que

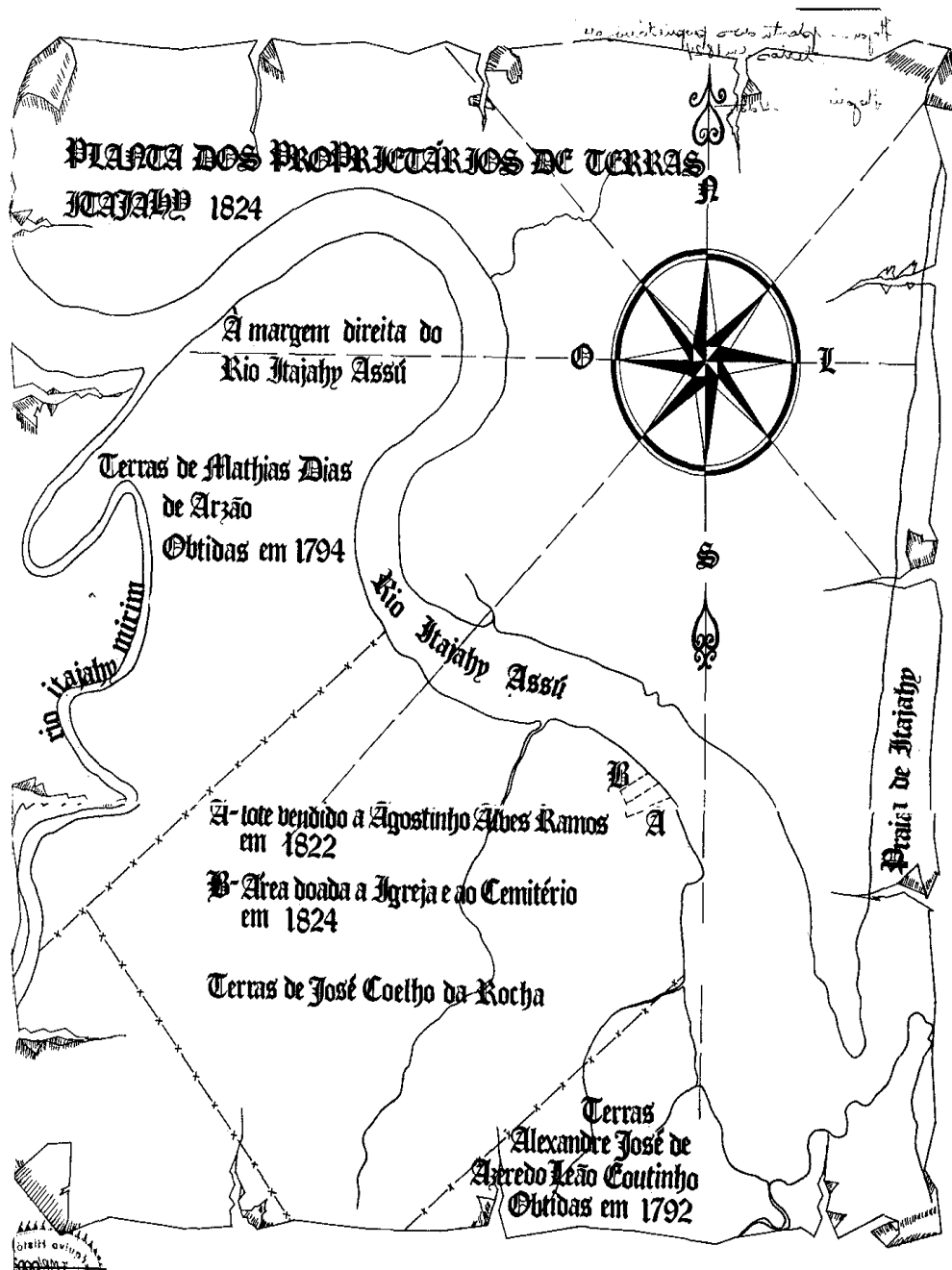
tinham uma população estimada de 100 mil índios, foram dizimados da costa, tornada quase desabitada já no início do século 17.” (p. 33-4)

Segundo ainda Dalmo:

“No projeto colonial português (mais tarde mantido inalterado pelos holandeses quando estabeleceram-se no Nordeste), era indispensável contar com grande número de escravos. Junto com o pau-brasil, a escravidão dos indígenas foi dos primeiros produtos da terra. Os carijós foram o alvo preferido e sua perseguição já era desenfreada em meados do século 16. Segundo Boiteux, o saque fora iniciado pelos “exploradores castelhanos Diego Garcia Moguer e Sebastião Caboto, de parceria com o grupo de náufragos e desertores...” (P. 34)

Para finalizar, vale o registro de que a colonização do Vale do Itajaí ganhou força já no século XIX (1.800) e os silvícolas encontrados por aqui já eram os xoklengs (tapuias) e não os carijós (tupis-guaranis). Os carijós praticamente estavam dizimados e os xoklengs, em grupos pequenos, estavam sendo empurrados do pé da serra para o litoral pela civilização branca que precisava de grandes pastagens para criação do gado.

B – OS COLONIZADORES



[imagem do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins]

Sobre os primeiros habitantes brancos temos a informação de que João Dias de Arzão requereu sesmaria em região próxima da foz do Rio Itajaí no ano de 1658. Vale ressaltar que o pedido oficial de concessão de sesmaria ocorre sobre terra de São Francisco do Sul, município que João Dias de Arzão ajudou na fundação com o vicentista Manoel Lourenço de Andrade.

O historiador Edison d'Ávila também nos traz contribuição sobre o tema na obra **Pequena história de Itajaí**. Diz:

“Assim, João Dias de Arzão, primeiro morador das margens do Itajaí, quando em 1658 requereu ao Capitão Mor da Vila de São Francisco do Sul uma sesmaria para aqui vir morar, tinha a intenção de explorar estas minas de ouro.” (p. 17).

Segundo ainda Edison d'Ávila:

“Destes moradores muito pouco se guardou a não ser alguns dos nomes e a vaga localização das suas terras (...) Alexandre José de Azeredo Leão Coutinho tinha casa e plantações nas terras do bairro da Fazenda; José Coelho da Rocha plantava nas terras do hoje centro da cidade, embora morasse do outro lado do rio; José Correia de Negreiros e Silvestre Nunes Leal Corrêa moravam em Canhanduba e Itaipava; e Matias Dias de Arzão tinha fazenda nas terras da Barra do Rio.” (p. 18)

Os historiadores Elio Serpa e Maria Bernadete Ramos Flores publicaram o interessante **Catálogo de documentos avulsos manuscritos referentes à Capitania de Santa Catarina – 1717 – 1827** com dados retirados do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. A obra nos dá uma boa referência sobre ocupação de terras da região pelos brancos.

Vejam algumas citações que consideramos relevantes:

“REQUERIMENTO do tenente do Regimento de Infantaria de Estremoz, da Ilha de Santa Catarina, Manuel José Xavier Palmerim, por seu procurador, Alexandre Pereira Dinis, ao príncipe regente [D. João], solicitando confirmação da carta de sesmaria de uma légua de terra na cabeceira do rio Itajaí Merim.” 16 novembro de 1801. (Pág 111)

“OFÍCIO de João da Costa Moraes, ao coronel Rafael Pinto Bandeira, sobre a possibilidade da existência de ouro entre a capitania de São Paulo e Santa Catarina, solicitando que o dito coronel tente uma licença no Reino para explorar nesta região a procura de ouro...” 14 de junho de 1788. (Pág 87)

Afonso Luiz da Silva publicou no seu livro **Itajaí de ontem e de hoje** uma listagem dos primeiros povoadores que receberam concessões de sesmarias às margens do Rio Itajaí e seus afluentes (entre a Foz e a localidade de Tabuleiro). Ele promoveu pesquisa no Arquivo Nacional obtendo o seguinte resultado:

1792 – Alexandre José de Azeredo Leão Coutinho (Fazenda), Domingos Francisco de Souza, Francisco José Ferreira da Rocha Gil, Manoél Francisco da Costa, Manoél Teixeira de Souza.

1793 – Joaquim Manoél da Costa Lobo, Manoel Fernandes Lessa.

1794 – José Corrêa, Matias Dias de Arzão, Silvestre Nunes Leal Corrêa.

1795 – Manoel da Costa Fraga.

1799 – Joaquim Francisco de Sales e Melo, Manoel José Diniz.

1800 – Domingos Luiz do Livramento

1802 – Antônio Bernardino da Costa

1803 – Joaquim José Pereira.

1811 – Domingos Francisco de Souza Coutinho.

A população de todo o Litoral Norte catarinense aumentou substantivamente após a invasão espanhola na Ilha de Santa Catarina, no

ano de 1777. Muita gente deixou a Ilha de Santa Catarina e seus arredores, povoando o Litoral Norte. Os portugueses que exploravam a caça da baleia na Armação da Piedade, por exemplo, transferiram toda sua indústria para a Armação de Itapocoróy. Essa atividade econômica trouxe muita riqueza para a região e um contingente expressivo de operários, pescadores, escravos e comerciantes. Quando a atividade da caça à baleia começou a declinar, na primeira metade do século XIX, essa população começou a se dispersar.

Dizem Cláudio Bersi de Souza e Gentil Abílio Serpa Filho no livro **Penha – a história para todos** que desde que foi extinta a pesca da baleia ...

“... houve um êxodo com mais da metade dos habitantes locais. Uma parte foi para São Francisco do Sul, outra, para a Ilha de Santa Catarina e continente próximo, e outra ainda, para as margens do rio Itajaí-Açu, pelos dois lados, onde uma vila já se formava na parte esquerda de quem sobe, próximo a foz.” (p. 14)

Logo em seguida iniciam os movimentos visando estabelecer colônias no Litoral Catarinense, notadamente no Vale do Itajaí. Alguns exemplos:

- 1818 a 1820 – Colônia Nova Ericeira (Porto Belo)
- 1835 – Colônia Itajaí – Arraial de Pocinho (Gaspar)
- 1835 – Colônia Itajaí – Arraial de Tabuleiro (Itajaí)
- 1844 – Colônia Belga (Ilhota)
- 1850 – Colônia Blumenau (Blumenau)
- 1860 – Colônia Brusque e Príncipe D. Pedro
- 1877 – Colônia Luiz Alves

C – CONFLITOS ENTRE NATIVOS E COLONIZADORES

Desde o início a ocupação das terras brasileiras não ocorreu de forma pacífica. São Paulo acabou se formando a partir da atividade de caça e escravidão dos nativos. Uma luta que demorou séculos, envolvendo de um lado os bandeirantes vicentistas e de outro os jesuítas e suas reduções. Luta que culminou com a hegemonia completa da civilização europeia e o extermínio dos nativos. Calcula-se a morte de cerca de meio milhão de nativos. O número certo jamais conheceremos.

A ocupação das terras do Vale do Itajaí por descendentes de europeus também não foi tão tranquila quanto tentam evidenciar alguns livros de história que habitam as prateleiras das bibliotecas de nossas escolas. Aqui na Região da Foz do Itajaí aconteceram muitos embates entre brancos e nativos, tendo como resultado um número alto de mortos e feridos.

O memorialista Isaque de Borba Corrêa coletou depoimento de um antigo morador da localidade de Monte Alegre (Camboriú) – José Antunes – sobre massacre ocorrido no ano de 1837. O relato está publicado no livro **Poranduba papa-siri – catalogação de manifestações inéditas do folclore do centro do litoral catarinense.**

Primeiro, Isaque nos fala do ataque dos nativos:

“(...) os índios atacaram a casa e mataram duas mulheres adultas, sendo que uma delas foi ferida por uma flechada enquanto lavava roupa num cocho, caindo morta ali mesmo. Em seguida invadiram a residência e mataram outra senhora (...)” (Pág 75)

Depois, nos dá relato sobre as represálias dos colonizadores:

“Ao chegarem perto da aldeia, esperaram a noite cair para invadir a aldeia de surpresa.

A primeira estratégia foi cortar a corda dos arcos dos índios para deixa-los desarmados. Esta tática fez com que obtivessem razoável êxito.

(...) Após cortarem os fios, desapareceram com as lanças e tudo que fosse de armas, iniciaram um processo de degolamento. Foram degolados um a um, com o facão bem amolado, escolhendo os homens mais fortes. Não deu nem para ouvir os gemidos.” (p. 75)

Obviamente que essa guerra foi finalizada com o total extermínio dos nativos e o desenvolvimento da região pelos ditames econômicos e sociais dos imigrantes europeus. A pesquisadora Giralda Seyferth fez um relato sobre esse crescimento no livro **A colonização alemão no Vale do Itajaí-Mirim** nos seguintes termos:

“Até 1881 a área correspondente ao Vale do Rio Itajaí-Mirim era uma colônia governamental dirigida por um diretor, nomeado pelo Presidente da Província de Santa Catarina, e fazendo parte do município de Itajaí. Em 1880 já era considerada uma Freguesia ... tendo o nome de São Luiz Gonzaga...” (p. 43)

Como podemos perceber, o confronto entre civilizações foi intenso e direto entre 1500 e meados de 1800. Três séculos de conflito que culminou com a hegemonia da civilização branca e o ocaso das civilizações silvícolas. Essa guerra civilizatória apresentou diversos momentos com práticas bem diferenciadas, como: escravidão, massacre em represálias, adoção familiar, catequese, aldeamento missionário, repressão armada do Estado, criação de grupos paramilitares de extermínio, transferência em massa, cooptação, aculturação e aldeamento em reserva.

II – TESES SOBRE O SIGNIFICADO DO NOME



[Foto do Morro do Baú, no segundo plano, visto das margens da BR-470 em Ilhota.

Foto: Magru Floriano]

TESE 1 – referências sobre pedra

Muitas são as teses sobre o significado do termo Itajaí que o relacionam a **rio + pedra**. As variações abrangem expressões do tipo: rio que corre sobre pedras, rio pedregoso, rio que contém pedras, rio das pedras juntas, rio onde há muitas pedras, rio das pedras que emergem, pedra de rio, rio com pedra e mato, ilhota. São referências que podem indicar a existência de pedras em diversos pontos do leito do Rio Itajaí-açu, começando por sua barra, cujo acesso sempre foi qualificado pelos navegadores como dificultado pela existência de banco de areia e uma grande pedra.

Mas, o nome pode ser uma referência aos morros do Farol e Morcêgo, os saltos, cachoeiras, passagens rasas e ilhotas para atravessar o rio, Morro do Baú, Pedra de Amolar e, até, ao Bico do Papagaio.

Sobre a “grande pedra” existente no canal de entrada do Rio Itajaí, muito foi escrito nos primórdios da navegação costeira:

“Sempre com as montanhas à vista, ora altivas e toucadas de alvacenta neblina; ora quase a lamberem as verdes águas do oceano, chegamos á barra daquele rio, que é sem dúvida de temer-se, porque, além de sua estreiteza, ocorre que do lado direito de quem entra, há um banco de areia da esquerda de uma laje perigosíssima; é sobretudo perigosa para os grandes navios porque tem a forma de um grande S”. (A viagem do Presidente da Província ao Rio Itajaí. Joaquim M. Caminhoá, Blumenau em cadernos, Tomo IX, 1968, n. 08, pag. 141.)

“Porisso ficamos contentes quando, após uma viagem de quase 24 horas, chegamos ao porto de Itajaí. A entrada na foz do rio Itajaí é muito rochosa e porisso muito perigosa (já naufragaram ali muitos navios).” (Diário de viagem do imigrante Paul Schwartzer, Blumenau em cadernos, Tomo, set \1984, n. 09, p. 279.)

“Eram quase quatro e meia quando transpúnhamos a estreita e difícil barra do Itajaí, barra cuja vista despertava em minha alma tantas saudades.” (Uma viagem ao Estado de Santa Catarina em 1902. Padre Jacomo Vicenzi. Blumenau em cadernos, Tomo XLII, julho/agosto 2001, n. 7/8, p. 105.)

Acontece que os índios não eram grandes navegadores e não tinham acesso por mar à barra do Rio Itajaí-Açu através de grandes embarcações, portanto, não encontravam ali qualquer obstáculo às suas atividades cotidianas. Por que, então, dariam tanta importância a uma pedra no fundo do rio próximo à sua barra? Obviamente que a tese que relaciona o termo Itajaí a uma grande pedra que dificulta o acesso à barra do Itajaí-Açu deve estar relacionada a uma visão de quem vem de fora e adentra, com dificuldades, o Vale. Está, com certeza, vinculada à atividade de navegação de grande porte.

Os nativos carijós (guaranis) e os kaigangs e xoklengs (tapuias), estabeleceram processos migratórios internos, via terrestre. O mesmo acontecendo com os primeiros habitantes do nosso litoral, a maioria vinda por terra a partir de São Francisco do Sul, Armação de Itapocoroy, Ilha de Santa Catarina. Mesmo que João Dias Arzão e outros faiscadores e colonos tivessem acesso ao Vale pela barra do Itajaí, estariam adentrando com embarcações tão pequenas que não destacariam qualquer dificuldade de acesso por causa de banco de areia ou rochedo. Isso seria muito pouco provável. A dificuldade de navegação diz respeito exclusivamente às grandes embarcações marítimas. Assim, ao relacionarmos o termo Itajaí à existência de uma pedra na barra de acesso ao Vale teremos de creditar a sua invenção aos colonizadores brancos que aqui chegaram por via marítima.

Mas, pesa contra essa tese o fato de que todos navegadores que aqui desenvolveram atividades exploratórias deixaram relatos e mapas

consignando praticamente o mesmo termo a todo o território, apresentando apenas variações de grafia, apesar de não terem contatos entre si. Isso significa dizer que alguém foi a fonte original do termo utilizado também pelos navegadores. Ora, se a origem está no interior do Vale e não na visão própria daqueles que adentravam a barra, então resta creditarmos tal origem aos nativos ou aos primeiros habitantes brancos, como o faiscador João Dias de Arzão, e aqueles que serviram de guia para todos os exploradores que confeccionaram os referidos mapas e fizeram relatórios minuciosos da região ao governo central de seus respectivos países de origem.

A civilização indígena era apócrifa ou muito próxima disso. O fato dos indígenas não terem escrito a palavra Itajaí pode ter ocasionado as distorções que encontramos ao longo da história. Cada um escreveu do jeito que entendeu no relato oral que obteve junto aos nativos e primeiros moradores locais. Vale ressaltar que é gente que dominava línguas diferenciadas como português, espanhol, francês, inglês, italiano, alemão; além de diversos dialetos locais oriundos dos povos tradicionais europeus. Também existia o interesse em disfarçar ao máximo as informações consideradas estratégicas para o reino, fazendo com que os mapas fossem codificados, evitando que os inimigos pudessem decodificá-los com facilidade.

Mesmo assim, falta-nos o que motivou a uniformização do nome Itajaí. Por que esse nome foi generalizado para todo o Vale, principal rio, principais afluentes e a cidade que é banhada pela foz desse rio? Temos, então, que adentrar no Vale em busca de outras pedras. E pedra é o que não falta no Rio Itajaí e seus afluentes. Os relatos antigos são bastante sintomáticos quanto ao tema e as dificuldades que elas traziam ao empreendimento da civilização.

“O rio Itajaí Açu não tem um leito homogêneo. Quando chega à altura de Itoupava Seca, deixa de ser caudaloso e torna-se navegável até a cidade de Itajaí.” (Siegfried Carlos Wahle. Blumenau em cadernos, Tomo XL, maio\1999, n. 05, p. 43.)

“Dos morros dos Pinheiros, rio para cima, e na vizinhança e margem deste o micachisto logo desaparece e fica substituído por xistosos, grés vermelho antigo e conglomerados, todos pertencentes à formação psamítica (...), sendo esta a rocha que aparece à flor e abaixo da água em algumas ilhotas e partes do rio inferior e forma o terreno perto e acima do “Salto Grande”.” (Documentos da colônia. Hermann Bruno Otto Blumenau. Blumenau em cadernos, Tomo XLII, mar\abr\2002, n. 3\4, p. 41.)

Cristovão de Mauricéa publicou o estudo **Nomes geográficos aborígenes** considerando a melhor tradução para o termo Itajaí como sendo *“rio pedregoso”* ou *“rio que contém pedras”*. Já August de Saint-Hilaire escreveu no documento **Viagem à Província de Santa Catarina**, em 1820, que a melhor tradução para o termo seria *“rio das pedras juntas”*.

Gil Miranda escreveu uma série de artigos para o Jornal do Povo no início da década de setenta discutindo a questão do fundador da cidade de Itajaí. Num desses artigos da série intitulada “Documentos para a história de Itajaí”, publicado no JP de 27 de fevereiro de 1971, páginas dois e seis, Gil afirma: *“... as significações **rio dos taiás** e **rio que corre sobre as pedras** continuam igualmente válidas.”*

O jornalista Gustavo Konder participou de amplo debate promovido nas páginas do Jornal do Povo, no início da década de 70, sobre quem deveria receber os méritos da fundação de Itajaí. Debateu com Gil Miranda, Silveira Júnior, José Ferreira da Silva, Paulo Bornhausen, entre tantos outros grandes nomes de expressão de Itajaí da época. No bojo da discussão sobre o fundador da cidade, Gustavo desviou do assunto momentaneamente no artigo “Visita de um naturalista francês do século passado”, publicado no Jornal do Povo do dia 28 de agosto de 1971, página

cinco. Ali Gustavo afirma: “*a palavra Itajahy*” vem do guarani: *ITA-JAHY, rio onde há muitas pedras*”. Atestando que, de fato, o fundo do rio continha muitas pedras redondas, roliças “*de muitos matizes*” que estavam sendo utilizadas para a construção em concreto por empresas de todo o Vale do Itajaí.

O grande jornalista itajaiense também escreveu para a revista “Blumenau em cadernos” [vol 12, p 09-55, nov-dez 1997] ensaio intitulado “Rio onde há muitas pedras”. Portanto, Gustavo Konder fica muito próximo de Saint-Hilaire que fala de “*rio das pedras juntas*” e de um artigo escrito por Lino João Dell’Antonio na revista “Blumenau em cadernos” [2004] considerando “*rio de muitas pedras*”.

Acontece que, anos depois, Lino publicou o livro **Nomes indígenas dos municípios catarinenses: significado e origem**, onde tenta entender a intenção do nativo que vivia no Vale do Itajaí e que utilizava uma língua “apenas falada e cheia de metaplasmos”, portanto, sem poder ser traduzida literalmente, através da simples decomposição dos termos. No final das três páginas consagradas ao estudo do termo ele opta pela tradução de Itajaí como “*rio das pedras que emergem*”.

Uma questão importante que envolve o rio e os índios é a dificuldade que os nativos enfrentavam para atravessar o grande rio e os afluentes de fortes correntezas. Sabemos que eles não eram bons nadadores ou possuíam uma cultura forte em termos de construção de canoas. Portanto, o nome Itajaí pode ter sido utilizado para destacar locais de passagens entre margens dos rios.

“Diziam os antigos de Braço do Sul que os bugres usavam o raso que ficava junto a duas ilhas, para cruzar o Rio Itajaí-Açu. Conheço desde 1916 as ilhas dos bugres, quando a maior delas já estava desmatada nos dois terços a jusante, com uma plantação e cana para forragem, do pioneiro Aquiles Ferrari. A menor delas acabou

desaparecendo com a intensa extração de areia e pedregulho destinados a tornar transitáveis nossas primitivas estradas.”
 CARDOSO, Alfredo Emanuel. *Compêndio histórico e geográfico de Rio do Sul*. 2.ed. Rio do Sul: Jawi, 19[.]. Página 52.

Talvez a maior contribuição de Lino ao debate sobre o verdadeiro significado da palavra ITAJAÍ esteja na afirmação histórica de que também índios tupis frequentaram o território catarinense na condição de guias dos bandeirantes. Essa informação merece nossa atenção porque muitos desconsideram traduzir **ITA** como pedra, já que essa seria uma expressão tupi e não guarani. Acontece que temos de considerar também a possibilidade do **T** inicial se referir à pedra na própria língua guarani, sendo adaptado ao português de diversas maneiras pelos colonizadores.

A verdade é que não sabemos exatamente quando e onde foi usado pela primeira vez o termo ITAJAÍ e em que sentido. Logo, não podemos descartar a possibilidade de ter sido os tupis já aculturados (Língua Geral), e não os carijós selvagens, quem deu essa denominação à região. Também podem ter sido os carijós que batizaram o local, mas os tupis transformaram Tajahy em Itajahy. Todas as possibilidades têm de ser consideradas.

Muitas das citações sobre pedras, ilhotas e acidentes geográficos estão impregnadas da visão civilizatória dos brancos. Uma visão centrada na necessidade de navegação e produção agrícola. Muito diferente da visão civilizatória tupi-guarani, que estava centrada na busca diária por suprimento alimentar e diversas outras atividades de sobrevivência. Necessidade suprida com atividades de coleta, caça e pesca de armadilha com cerco de camboa.

Qual a importância de uma cachoeira? Muita e nenhuma! Obviamente que a escolha por respostas tão díspares depende do interesse que move cada um dos que se propõem a responder tal indagação. Os

índios não navegavam pelos rios do Vale, logo tinham pouco interesse em relação às cachoeiras e “saltos”. Os europeus queriam adentrar o Vale navegando. Logo, em termos econômicos era fundamental a navegabilidade do rio. Um “salto” fazia toda diferença para eles, porque impunha limites intransponíveis para a colonização. O relato do Dr. Blumenau sobre o tema parece ser bastante elucidativo:

“O rio é profundo, corre mansamente e as terras nas suas margens são as melhores da Província. Pela primeira vez vi a grande cachoeira (Salto) a qual Hackradt havia me falado e nela nos separamos. Hackradt desceu o rio até o acampamento na margem do ribeirão da Velha, para negociar contratos de compra de terras e eu, acompanhado de um alemão e um brasileiro, subi o rio a fim de explorá-lo até onde fosse possível. O Salto forma uma cachoeira muito larga, medindo 300 a 400 passos, intercalada por escolhos e tem uma queda de 20 a 30 pés. Não é possível abranger toda a cachoeira devido à floresta existente em volta. O nível do rio estava baixo e a paisagem não era nem grandiosa, nem bonita. No lado direito do rio corre um forte braço que se precipita por um canal encravado nas rochas, numa distância de 200 a 300 passos. A cachoeira tem um aspecto assustador e selvagem.

As rochas são negras e lisas como se fossem polidas... As pedras eram escorregadias e cambaleei como um bêbado. Algumas vezes tivemos que descarregar completamente a canoa e arrastá-la por cima das pedras, o que era moroso e foi desagradável, sob uma temperatura de 31 graus Celcius...” (Carta aos pais e parentes (21\4\1848). Hermann Bruno Otto Blumenau. Blumenau em cadernos, Tomo X, março\1998, n. 03, p. 13-4).



[Magru Floriano entrevistando Wanderley Carafá na aldeia M'Biguaçu. Foto: Isaque de Borba Corrêa]

Para o orientador educacional da aldeia M'BIGUAÇU, Wanderley Carai Yvydju, que alfabetiza os nativos guaranis do ramo carijós, a palavra ITAJAÍ pode ter inúmeros significados uma vez que a linguagem guarani é muito simbólica, por trabalhar com poucas palavras. Na entrevista que concedeu a Magru Floriano e Isaque de Borba Corrêa em julho de 2010, Wanderley ressaltou alguns problemas que podem ter causado os desvirtuamentos do uso do termo. O primeiro problema diz respeito à dificuldade dos colonizadores em absorver a sonoridade da linguagem guarani, com o uso de poucas vogais. Então, a tendência dos colonizadores era colocar vogal onde não tinha, desvirtuando bastante o som e, depois, a grafia das palavras. O segundo problema diz respeito ao fato de que muitas pessoas querem considerar como linguagem única, uniforme, o tupi e o guarani, como se português e espanhol fossem uma língua única, por terem muitas palavras e estrutura linguística próximas. O terceiro grande problema é que tudo o que foi escrito até agora, foi escrito pelos brancos colonizadores, que sabem muito pouco da língua guarani. O quinto grande problema diz respeito à própria interpretação da palavra, já que um termo pode ter diversos significados.

Wanderley considera viável traduzir a palavra **ITAJAHY** nos seguintes termos:

- 1) pedra no mato;
- 2) pedra marcada;
- 3) pedra lascada;
- 4) pedra que serve de referência.

Wanderley considera viável traduzir a palavra **TAJAHY** nos seguintes termos:

- 1) pedra de rio:
- 2) rio com pedra e mato:
- 3) ilha;
- 4) dono da pedra.

Contudo, para o orientador educacional, que ensina guarani-português para os nativos da aldeia M`BIGUAÇU, a palavra que dá origem a todas as demais não deve ser ITAJAHY nem TAJAHY, mas **TADJHAY**. A palavra “ancestral”, matriz de todas as outras, significa “*pedra de difícil acesso*” e pode estar fazendo referência ao Morro do Baú, Morro do Funil, Morro Pelado, ou qualquer outro fenômeno natural que propiciava fácil localização aos nativos que circulavam por todo o Vale do Itajaí.

Então seria interessante nós avançarmos na busca por um ponto geográfico que possa servir de referência para os nativos de sorte a ser tão importante ou vistoso que mereça dar o nome a toda região, inclusive, seus principais rios. Mas, o que estamos buscando? Uma grande pedra? Uma ilha? Uma pedra lascada? Uma pedra de difícil acesso? Acontece que a geografia do Vale está muito modificada nos dias de hoje. O ideal seria encontrarmos um relato preciso sobre a geografia do Vale do Itajaí no tempo do desbravamento de João Arzão, coronel Henrique Flores, Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond e Agostinho Alves Ramos.

Acontece que esse relato minucioso da geografia do Baixo Vale do Itajaí existe e foi produzido pelo belga Charles Van Lede.

Charles Maximiliano Luiz Van Lede foi o responsável pela colonização belga que legou ao Vale do Itajaí o município de Ilhota. Charles promoveu uma primeira viagem de estudo ao Vale no ano de 1842, subindo os rios Itajaí Grande e Pequeno para justamente fazer um levantamento minucioso dos terrenos ali existentes, pensando na implantação de uma futura colônia. Ele registrou sua excursão pelos rios do

Vale em seu diário de viagem com o título “Reconhecimento do Itajaí Grande”, entre os dias 31 de março de 1842 e 04 de abril de 1842.

O que poderíamos encontrar nos relatos de Van Lede para corroborar com as teses até aqui levantadas sobre o verdadeiro significado do nome Itajaí? Vamos compilar os principais registros de Van Lede publicados no livro de Paulo Maes intitulado **Colonização flamenga em Santa Catarina – Ilhota:**

“Primeiro dia – 31 de março de 1842

15 horas e 10 minutos - norte-noroeste vê-se o **Morro de Itapocoróia**, que se estende ao longo do mar, quebrando-se sobre um bico.

15 horas e 28 minutos - ... à noroeste, um quarto à oeste avista-se o **Morro do Baú**.

15 horas e 45 minutos – chegamos ao Saco Grande.

16 horas e 56 minutos – Saco do Machado.

17 horas e 42 minutos – a noroeste aparece uma serra que provavelmente serra a Bacia do Itajaí-açu da do Camboriú-Mirim.

18 horas e 11 minutos – **Morro do Baú** a oeste, distante 10 a 12 léguas. A olho pode-se calcular uma altura de 3 a 4 léguas...

18 horas e 22 minutos – à oeste podemos ver o **Morro Pedra de Amolar** de Baixo. À sudoeste o Morro dos Pinheiros.

Segundo dia – 01 de abril de 1842

06 horas e 13 minutos - ... Pode-se ver uma elevação que supomos ser a que separa a bacia do Camboriú-Mirim da bacia do Gravatá.

06 horas e 51 minutos – À oeste o **Morro Pedra de Amolar**. Em direção à Nordeste algumas colinas separam Luís Alves de Itapocu.

07 horas e 25 minutos – ao longo da margem esquerda, colinas que separam Itajaí do Camboriú, tudo coberto pela densa vegetação, até um granito nu.

07 horas e 45 minutos -ao sudoeste um quarto oeste se vê o Morro de Ilhota.

09 horas e 47 minutos – Morro do Pocinho...

10 horas e 15 minutos – Morro do Baú à noroeste um quarto à oeste.

12 horas e 32 minutos – **Ilhota** – uma pequena ilha no rio

13 horas e 30 minutos – pedras e rochedos de granito no meio do rio

13 horas e 45 minutos – à nossa frente o Morro do Estaleiro de Naus....

16 horas e 07 minutos – pedras e rochedos no leito do rio. **Ilha de Gaspar**. Superfície 30 por 7, totalizando 210 metros quadrados. Algumas pedras.

Terceiro dia – 02 de abril de 1842

08 horas e 03 minutos – ponta da **Pedra de Amolar de Cima**

09 horas e 11 minutos – Ilha Belchior, 200 metros de largura e 800 metros de comprimento...

15 horas e 10 minutos - ... Muitas colinas em forma de anfiteatro, cobertas pela mais bela vegetação.

16 horas e 16 minutos – as colinas se elevam a mais de 50 metros.

Quarto dia – 03 de abril de 1842

06 horas e 18 minutos - ... Pode-se ver uma colina a norte/nordeste, à distância de 1.000 metros, de 80 metros de altura mais ou menos.

06 horas e 48 minutos – Morro da Fortaleza

07 horas e 25 minutos – **Ilha da Fortaleza**

07 horas e 45 minutos – rochedos no rio a seis metros da margem direita....

10 horas e 05 minutos – um rochedo de 10 metros de altura no meio do leito do rio [próximo a dois quilômetros do salto do Itajaí Grande].”

Como podemos perceber, Van Lede registrou praticamente todos os fenômenos naturais que envolvem a discussão do termo Itajaí. Encontrou ILHOTAS, PEDRAS NO RIO, PEDRA DE AMOLAR, GRANITO NU, MORROS Só não falou de taiás. Talvez seu olhar estivesse condicionado por sua formação de engenheiro militar e “técnico em minas e tesouros ocultos” assim como o biólogo Raulino Reitz teve seu olhar mais direcionado para os taiás. A verdade é que os taiás não estavam em posição de lhe chamar a atenção como lhe chamou a árvore “tajuva”.

O jornalista e escritor Norberto Cândido Silveira Júnior empreendeu viagem a Assunção para ouvir Reinaldo Decoud Larosa, o tradutor da Bíblia para a língua guarani. Como resultado da conversa com o doutor Larosa, Silveira Júnior escreveu um extenso artigo que publicou na página dois do Jornal do Povo do dia nove de agosto de 1969, como último texto da série “*Na rota do Paraguai*”, com o título “*Itajaí quer dizer: pedra laminada*”. Depois, republicou o artigo na revista “Blumenau em cadernos”, com o mesmo título, na sua edição de novembro de 1969. [tomo X, n. 11, págs 218-220].

Silveira expressou sua admiração com a aula do doutor Larosa porque

“Pela primeira vez, alguém decompunha o nome “Itajaí” sem ligar o “i” final à idéia de “rio” ou de “água”. Porque tudo o que se supunha até agora (“rio dos taiás”, “rio das pedras”, “água boa”, “rio das formigas”) continha essa conotação. Mas Decoud Larosa entende que o último elemento etimológico do topônimo “Itajaí” não é vogal “i” e sim o ditongo “ai”” [p.220].

Após a visita ao Paraguay, Silveira Júnior sentenciou em seus escritos: “*Itajaí significa **pedra laminável, pedra laminada***” desconsiderando sua participação com Marcos Konder no extraordinário “Anuário 1949” onde foi publicada excelente defesa de que Itajaí significa “*rio pedregoso*”.

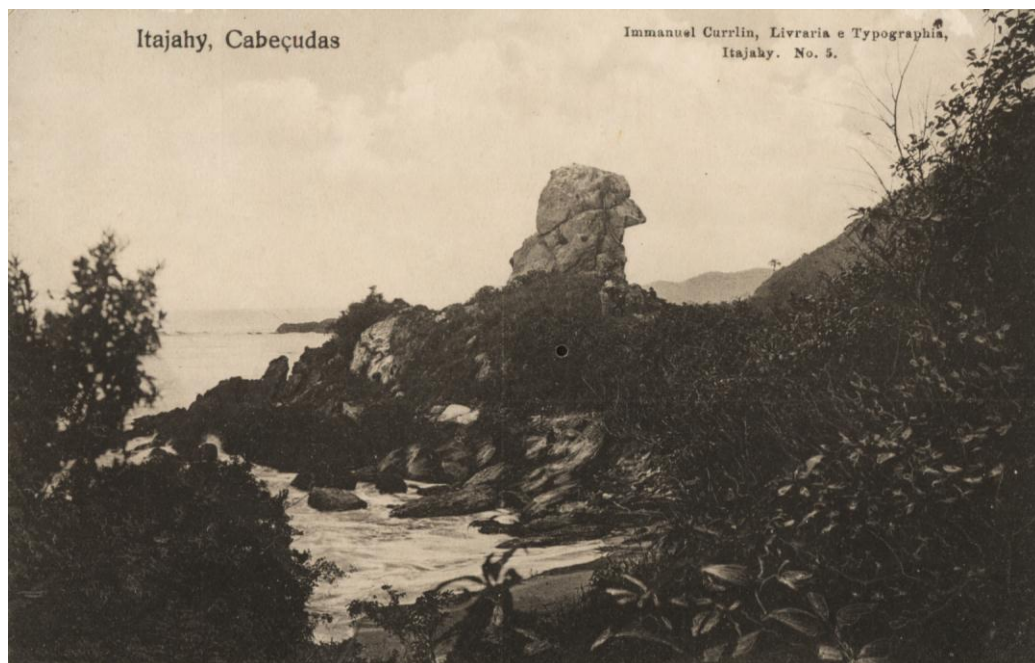
A contribuição de Silveira Júnior foi destacada no debate sobre o significado da palavra Itajaí. Primeiro, porque teve a iniciativa de buscar um doutor em língua guarani para fazer a tradução do termo; segundo, porque chamou a atenção de todos para o fato de que o tradutor tem de considerar o fato de que “... *os índios usavam de grandes circunlóquios para expressar certos pensamentos...*” inviabilizando a tradução direta. Ou

seja, não dá de promover uma boa tradução desmembrando o termo, sem considerar o ambiente em que esta palavra foi aplicada; terceiro, ele aceitou a ideia de que o termo **Itajaí** pode se referir a uma outra coisa que não o rio.

Não é difícil de aceitar a tese de que Itajaí significa “pedra laminável” ou “pedra laminada”. Afinal, em diversas localidades do Vale do Itajaí encontramos jazidas de pedras com essas características, até mesmo nas terras próximas à foz do Rio Itajaí. Temos referências bastante antigas denominando a localidade de **Pedra de Amolar** entre Itajaí e Ilhota. O diário da excursão exploratória que o belga Charles Maximiliano Luiz Van Ledde empreendeu pelos rios Itajaí-Açu e Itajaí-Mirim em 1842 faz referências diretas e exatas ao **Morro da Pedra de Amolar**, assim como **Pedra de Amolar de Cima** e **Pedra de Amolar de Baixo**.

A tese mais polêmica sobre a interpretação do nome Itajaí relacionado a pedra é, sem dúvida, aquela defendida por Hermes Patrianova. No seu **Pequeno Livro** Hermes desqualifica todas as traduções promovidas até então considerando que “*rio das pedras*” deveria ser grafado como **ITAÍ**; enquanto “*rio que corre sobre pedras*” deveria ser grafado como **ITARINHANI**. Constata o autor que jesuítas, navegadores e cientistas que por aqui passaram mudaram a grafia do termo ITAJAÍ por dificuldade no falar a língua nativa.

O escritor Josué Casemiro de Oliveira garante que conversou diversas vezes com Patrianova sobre o tema e, após ouvi-lo, “comprou” uma discussão com o historiador Edison d’Ávila, defendendo a tese do “jaú de pedra”. Josué lembra que toda a argumentação de Patrianova estava baseada em uma foto assinada por Immanuel Currilin que supunha ser anterior à abertura da Estrada Geral de Cabeçadas. A foto teria sido tirada de dentro de uma embarcação nas proximidades da foz do Rio Itajai.



Cartão postal do Bico do Papagaio integrante da série Currlin

Por último, Patrianova defende a tese de que, a exemplo do que ocorre no município do Estado da Bahia, que possui nome idêntico, o nome **Itajaí** faz referência a uma grande pedra em formato diferenciado. Na Bahia a referência seria uma pedra em forma de “cabaça” e em Santa Catarina há uma pedra com formato de pássaro, no caso o Bico do Papagaio, na Estrada Geral de Cabeçadas. Hermes Patrianova, portanto, defende a idéia de que ITAJAÍ significa “rio do jaó de pedra”.

“...O nome de Itajaí não deriva de taiá, ver arácea que veio das Antilhas depois da Descoberta do Brasil. Deriva, sim, daquele passarinho de pedra (jaó), que a erosão escogriu na Ponta do Atalaia e que ali ainda se conserva, de Atalaia, preservando o nome da Ponta e o da Cidade – RIO DO JAÓ DE PEDRA = ITAJA(Ó) Í = ITAJAÍ.

Na Bahia também existe Itajaí, mas também não existia taiá! Lá é Rio da Cabaça de Pedra= ITAJAÍ.” (CAFUNDÓ. Hermes Justino Patrianova, Blumenau em cadernos, Tomo XXXII, jan/1991, n. 01, p. 19.)

A tese de Hermes Patrianova é contestada por diversos historiadores e memorialistas ao garantirem que a pedra conhecida como Bico do Papagaio não é um fenômeno natural, mas resultado da atividade humana durante a abertura da Estrada Geral de Cabeçudas. Ao dinamitar a grande pedra existente no costão o engenheiro da obra notou o formato peculiar da rocha e resolveu deixar o restante intacto, servindo de referência e atrativo para os transeuntes. Sendo verdadeira a tese desses memorialistas o termo ITAJAÍ não pode fazer referência a uma pedra que nasceu do acaso na primeira metade do século vinte.

Entrevistamos Ivo Pereira, proprietário do Hotel e Restaurante Panorama, no Morro Cortado, no dia 29 de junho de 2011. Ivo trabalhou no Hotel Cabeçudas onde residiu Marcos Konder nos seus últimos anos de vida. Segundo Ivo, em várias oportunidades Marcos confirmou que ajudou a manter a pedra com o formato de um bico de pássaro intacta apesar de muita gente entender que ela apresentasse perigo para os transeuntes da estrada que estava sendo aberta até Cabeçudas e, portanto, devia ser detonada como os demais cabeços de rochas existentes no percurso.

Parece evidente também que o exemplo proposto pelo próprio Hermes Patrianova coloca em cheque sua argumentação. Senão vejamos: se na Bahia tem uma pedra em formato de cabaça que recebe o nome de Itajaí, e na Estrada Geral de Cabeçudas tem um pedra em formato de pássaro que recebe o nome de Itajaí, qual então a única coisa em comum entre esses dois fenômenos nominados como Itajaí? Apenas e tão-somente a referência a uma pedra de formato especial, não ao fato de ser cabaça ou pássaro de pedra. Portanto, parece evidente, não faz sentido Itajaí se referir a pássaro. Assim, faria mais sentido se Itajaí, a exemplo da Bahia, estivesse fazendo referência a uma pedra destacada no cenário do Vale do Itajaí, como é o caso do Baú, que ao longe parece uma grande pedra esculpida no meio da mata. Além do que a cabaça e o baú possuem, relativamente, a

mesma função de armazenamento. Ou seja: são termos com identidade de sentido e utilidade.

O que resta saber é, simplesmente, se o “jaó de pedra” foi obra da natureza ou dos trabalhadores que abriram a Estrada Geral de Cabeçadas. Uma observação rápida do local nos fornece indicadores de que a segunda tese é mais provável. Isso é, tudo indica realmente que o “jaó de pedra” foi criado ao acaso quando da detonação da rocha do costão visando abertura da estrada, sendo preservado por pura vontade dos homens.

De qualquer forma, Patrianova pode ter dado duas boas contribuições para o debate acerca do significado do termo ITAJAÍ. A primeira, por ter chamado a atenção dos historiadores para o fato de que o termo ITAJAI foi grafado de forma diferente, por dificuldade linguística dos colonizadores, distorcendo seu significado original; a segunda, foi a referência que fez a “uma grande pedra” e não apenas pedras por cima das quais corre água. Patrianova abre caminho de investigação para dois pontos novos:

1) a busca do termo ancestral. A palavra que foi corrompida pelos viajantes, bandeirantes e colonizadores, que deu origem a todas as outras variações;

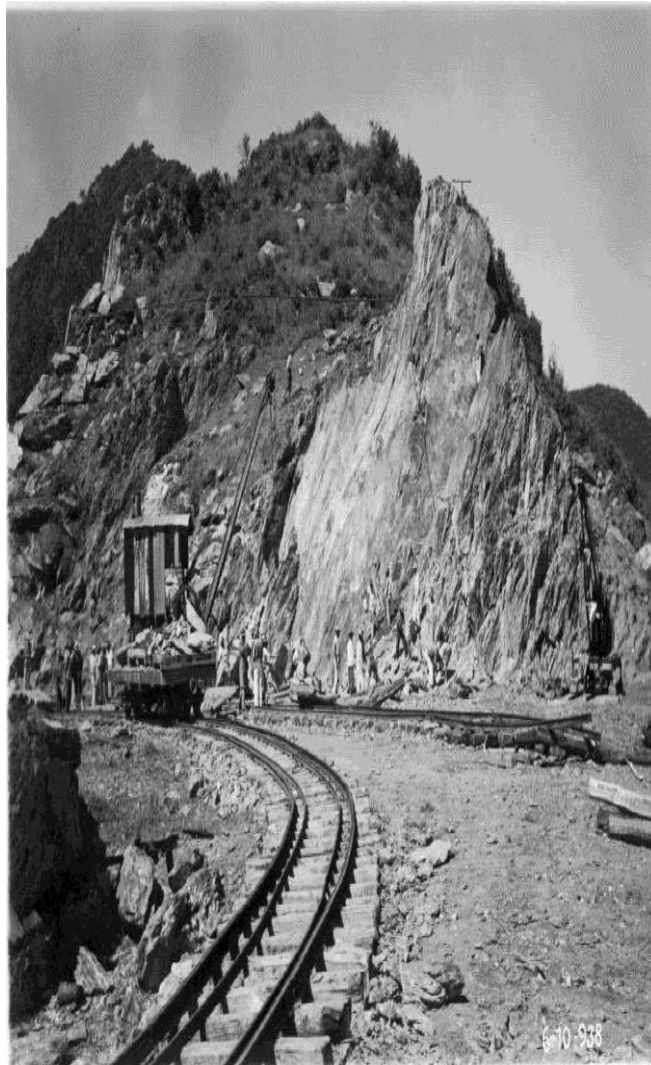
2) a pedra ou acidente geográfico que chama a atenção de todos no Vale do Itajaí de forma a merecer registro no nome geral da região, na cidade que abre as portas para a hinterlândia, nos rios mais importantes da mesma.

Por último, devemos ressaltar a interpretação do termo ITAJAÍ publicada pelo médico Norberto Bachmann no jornal A União, do Município de Joinville, edição do dia 28 de setembro de 1947. Ali, Norberto (médico que residiu em Itajaí por muitos anos e foi proprietário da casa que hoje abriga o Arquivo Histórico de Itajaí, conhecida como Casa Lins) também considera factível interpretar o termo da seguinte maneira:

*“A interpretação de vozes indígenas dá margem a largas fantasias, contra o que, com razão, protestaram Batista Caetano e Rodolfo Garcia; mas, si o proprio grande mestre von Martins devaneou neste sentido, porque não havemos de cair no mesmo peca-dilho. Assim, eu lembro uma interpretação poética: **itá**, pedra; **ya** contração de **y yara**, a sereia e **y** rio! Rio da sereia, das pedras.*

***Yá** também significa fruto.*

Talvez os índios, aludindo aos seixos redondos que abundam na Itoupava, em Blumenau, dêsem ao rio o nome de frutos de pedra.”



Detonação de rochas no Morro da Atalaia para construção do Molhe da Barra do Rio Itajai

TESE 2 – referências a formigas

Uma tese sempre lembrada, mas bem pouco defendida, é aquela que relaciona o termo Itajaí às formigas e, principalmente, ao fenômeno anual que conhecemos como “formiga-correição”. Coletamos alguns relatos sobre as ações de formigas no Vale:

“Também conhecemos as famosas formigas andarilhas. Na floresta faziam uma larga trilha, espantando insetos debaixo da terra. Eram seguidas por muitos pássaros que aproveitavam as sobras. Estas mesmas formigas são verdadeiro pesadelo quando invadem a casa: passam em todos os cantos, espantando os insetos escondidos, como baratas, aranhas e outros. Até nossa cobra muçurana, que vivia no forro da casa, fugiu delas, voltando mais tarde. Meu pai não permitia que se matasse aquela cobra, porque ela caçava e se alimentava de ratos e camundongos, assim como matava cobras venenosas. Certa vez um vizinho teve que refugiar-se na casa de outra pessoa com toda sua família, porque a invasão das formigas foi muito grande. Quando apareciam em nossa casa era sempre tempo de muito barulho: os fregueses não podiam entrar no armazém e nós tínhamos que levar as compras até as residências dos mesmos.” (Para meu neto Peter Kuhles Ebert, Edith Ebert Kuhles, Blumenau em cadernos, Tomo XXVII, out/1986, n. 10, p. 308.)

*“Quando eu era criança, em Congonha, todo verão as formigas faziam a tradicional **taióca** ou formiga-correição. Invadiam as casas e desalojavam os bichos peçonhentos e insetos diversos, tais como: baratas, aranhas, traças e carregavam tudo. O aspecto da formiga era grande de cor preta. Tinha o capitão, que era de cor amarela e era maior, com uma garra muito forte. Quando pegava em uma pessoa só largava cortando a garra de tanta força que tinha”.* (Natanael Vieira - nascido em 1928 na localidade de Congonha, Rio Pequeno, Município de Camboriú)

“As mordidas de mosquitos e formigas causaram uma coceira nas pernas que me roubou o sono.” (Carta aos pais e parentes (21\4\1848). Hermann Bruno Otto Blumenau. Blumenau em cadernos, Tomo XXXIX, mar\1998, n. 03, p. 15-6.)

Como podemos perceber, as formigas não chegam a merecer tanto destaque a ponto de receber o privilégio de nominarem o Vale. Apesar de ser incrivelmente impressionante o fenômeno sazonal da migração das formigas (formiga-correição) parece que a possibilidade de relacionarmos o nome Itajaí às formigas deve ser considerada, mas em um segundo plano.

Afirmamos isso porque chegamos a presenciar a migração de formigas na sede campestre que a Univali possui no Município de Ilhota no ano de 2009. Simplesmente assustador, mas nada que mude o curso econômico, altere valor de propriedade, mude hábitos ou conceitos e cultura de grupos. Essa avaliação sobre o fenômeno da “taióca” é corroborada por depoimentos colhidos junto a João Silvestre de Souza e João Silvestre de Souza Júnior, que tiveram oportunidade de assistir por diversas vezes o fenômeno, o primeiro no interior de Camboriú, o segundo na Várzea do Ranchinho, localidade que divisa os municípios de Itajaí e Balneário Camboriú.

De qualquer maneira, não podemos desprezar nenhuma pista. Por exemplo, merece abertura de uma linha de investigação o fato do fenômeno “formiga-correição” ser conhecido no Vale do Itajaí como “taióca”. Nome muito próximo em sonoridade com tayó e taiá.



[Magru Floriano e Lino dell'Antônio pesquisando em atlas de origem alemã]

TESE 3 – referências a plantas

A tese que mais rivaliza com aquela que relaciona o termo Itajaí à pedra é a que vincula o termo Itajaí a taiá. A referência ao taiá ganhou a adesão de muitos estudiosos da linguagem tupi-guarani em todo o Brasil e no Vale do Itajaí.

Considerado o primeiro memorialista itajaiense, Marcos Konder publicou em 1958 o opúsculo **A pequena pátria**, impresso de discurso que proferiu no dia doze de outubro de 1920 alusivo à passagem dos cem anos de fundação do Município de Itajaí, acrescido de algumas outras anotações. Marcos Konder anexou ao livreto uma breve pesquisa que promoveu com o título de “Qual o verdadeiro nome de Itajaí”.

Segundo o próprio relato de Marcos Konder, ele resolveu em 1943 consultar no Rio de Janeiro o grande Roquete Pinto sobre o significado do termo Itajaí. Roquete respondeu a Marcos Konder utilizando como referência artigo de um tal de A.J.A Padberg-Drenkpol, publicado no Boletim do Museu Nacional [Vol VIII – 1932]; e do livro **Glossaria Linguarum Brasiliensis** de Carl Friedrich von Martius [Erlange, 1863]. Marcos também dá seu testemunho de que viu “... *num mapa antigo de relíquias históricas que estava exposto numa papelaria da Rua da Quitanda no Rio de Janeiro.*” A designação TAI AHY. A mesma grafia que garante ter encontrado em cartas marítimas inglesas da costa do Brasil.

Ele publica ainda o texto veiculado no jornal de língua alemã, editado em Blumenau, “*Urwaldsbote*”, promovendo uma sinopse das idéias de A.J.A. Padberg-Drenkpol, que garante ter sido motivado por provocação do memorialista José Ferreira da Silva. Conclusão de todos os envolvidos: “*Itajahy – Tajá – erva; hy – água: FLUVIUS HERBAE TAIÁ. Seja: Itajahy – rio das Taiobas.*” Ou simplesmente “*rio dos taiás*”.

No “Anuário 1949”, redigido por Marcos Konder e Silveira Júnior, a conclusão do artigo “*Rio das pedras ou dos taiás?*” a escolha dos autores recaiu sobre a primeira opção, afirmando que Itajaí significa “*Rio pedregoso*”. Como podemos observar, Marcos e Silveira Júnior mudaram de ideia, um após consultar o doutor Larosa em Assunção; outro, após consultar Roquete Pinto, no Rio de Janeiro. E a vida segue.

O grande memorialista tijuquense José Ferreira da Silva, radicado no Vale do Itajaí, inicia o opúsculo **A colonização do Valle do Itajahy – notas para a história do povoamento e cultura do valle do maior rio do litoral catarinense** posicionando-se diretamente sobre a questão do significado do nome ITAJAÍ, seguindo a referência de J. A Padberg-Drenkpol, nos seguintes termos: “*Itajahy-assú, nome pelo qual é conhecido o maior rio do litoral catharinense, significa o grande “Rio dos Tayás”*”.

O botânico Raulino Reitz escreveu artigo no Jornal do Povo do dia 25 de abril de 1948 com o título “Itajaí significa **rio dos taiás**”. O autor trabalha com a possibilidade de três traduções do nome Itajaí: 1) rio dos taiás; 2) rio das plantas iguais a vinagre; 3) rio das plantas iguais a pimenta. Todas as traduções fazendo referência direta à planta existente no Vale do Itajaí – no caso o taiá.

Norberto Bachmann publicou artigo na página quatro do Jornal do Povo do dia 23 de janeiro de 1949 onde considerou três hipóteses para a tradução do termo Itajaí: 1) rio cheio de pedras; 2) Ó!, que água excelente; 3) rio dos taiás. Ele também recupera estudo feito por Von Martius intitulado **Glossaria Linguarum Brasilensis** editado na cidade de Erlangen no ano de 1863, onde o estudioso considera duas novas grafias para o nome Itajaí: 1) TAIXI – rio das formigas; 2) TAJAHY – rio dos taiás.

Plínio Ayrosa publicou trabalho intitulado de **Primeiras noções de tupi** e é citado por vários autores que entram no debate sobre o verdadeiro

significado da palavra Itajaí. O autor considera como mais apropriada a tradução “*rio dos taiás*”, “*rio das taiobas*” ou “*aguada dos taiás*”. João Medeiros publicou o estudo intitulado **A significação dos vocábulos tupi-guaranys** onde considera a tese de que Itajaí deve receber a tradução “*rio dos taiás*”.

Apesar da tese de que Itajaí deve ser traduzido como **rio dos taiás** receber grande adesão de jornalistas, políticos, estudiosos e pessoas muito esclarecidas de nossa sociedade, pesa contra essa ideia o fato da planta taiá não ser originária da região, sendo trazida para o Vale pelos colonizadores; bem como, não encontrarmos em toda a literatura sobre os hábitos alimentares dos povos residentes no Vale referência expressiva sobre o taiá. Diferentemente da farinha, batata e pinhão, o taiá é citado aqui e ali de forma espontânea, não sistemática e sem qualquer destaque.

“A farinha de mandioca, se fabrica da seguinte maneira: as raízes são lavadas, escascadas e raladas, colocadas em grandes frigideiras sobre o fogo. Esta forma a farinha perde o veneno e pode ser usada. Agora vou descrever rapidamente ainda o Taiá, senão minha narrativa se tornará muito monótona. O Taiá tem o arbusto parecido com o de um nabo amarelo, mas maior. As hastes e folhas são mais fortes e em forma de leque. Na raiz encontram-se pequenos tubérculos do tamanho de uma batata. São cozidas, depois raladas e adicionando-se um pouco de leite e sal se obtém verdadeiro purê de batata, o gosto desta substituição de batata nunca foi do meu agrado a não ser como almôndegas, então sim, eram deliciosas e talvez melhor do que era feito com a batata comum”. (Para meu neto Peter Kuhles Ebert, Edith Ebert Kuhles, Blumenau em cadernos, Tomo XXVII, out/1986, n. 10, p. 296.)

“...A batatinha, embora sendo a base da alimentação na Alemanha, como não fosse cultivada nos primeiros anos da colônia, perdeu prestígio como prato indispensável. Eles declaravam que o taiá e aipim eram mais saborosos...” (O Vale do Itajaí – documentário da vida rural n. 6. Zedar Perfeito da Silva. Brasil. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1954. p. 47.)

Também os observadores viajantes não deram destaque para a existência dessa planta no cenário geral do Vale. Atualmente, quem viajar pelo Vale do Itajaí também vai experimentar o mesmo, ou seja, não vai encontrar local com expressiva incidência do taiá. Quem pertence à família antiga da região também vai poder comprovar que muito pouco dos hábitos culinários passados de geração a geração guardam algo que destaque o taiá.

Portanto, fica difícil acreditar que o Vale e os rios neles existentes receberam o nome tendo como referência uma planta que não tinha importância nem para os índios, nem para os brancos. Mesmo porque, consultando o livro de J. Barboza Rodrigues intitulado **Vocabulário indígena comparado para mostrar a adulteração da língua**, vemos que o termo AMARGO, muito vinculado a TAIÁ, não demonstra qualquer similaridade com a ideia central defendida até aqui:

termo	nheengatu	Língua geral	Auanheenga (língua matriz)	karani
amargo	irauá	Iraua irob	rob	rob

Por outro lado, o agrônomo Antônio Henrique dos Santos defendeu na UFSC a dissertação de mestrado com o título “*O Vale do Rio Taia-hy – levantamento de aráceas e dioscoreáceas comestíveis no litoral norte catarinense*” onde defende a ideia de que realmente o Brasil tinha plantas nativas como taiá e cará que já eram “domesticadas” pelos nativos. Essa assertiva, inclusive, vale para os indígenas carijós que habitavam o Litoral Norte Catarinense.

Portanto, desconsidera a alegação de alguns estudiosos de que o nome ITAJAI não pode fazer referência ao TAIÁ por não ser uma planta nativa. Nos estudos ele considera a existência de quatro espécies nativas e três espécies introduzidas, originárias da Ásia e África. Entre as quatro espécies nativas Antônio Henrique dos Santos relaciona: mangarito branco

(*Xanthosoma riedelianum* Schott) e mangarito roxo (*Xanthosoma* sp.), taiá (*Xanthosoma sagittifolium* Schott), cará-mimoso (*Dioscorea trifida* L.). As espécies introduzidas foram identificadas como: taiá-Japão (*Colocasia esculenta* Schott, var. *Antiquorum*), cará-do-ar (*Dioscorea bulbifera* L.) e cará-de-pão (*Dioscorea alata* L.).

O agrônomo Antônio Henrique nos concedeu entrevista no dia 09 de maio de 2012 e considerou, na oportunidade, que não há a menor dúvida de que o nome do rio pode estar diretamente relacionado com o cultivo do taiá por nativos e, posteriormente, pelos imigrantes alemães que habitaram o Litoral Norte Catarinense, inclusive o Vale do Itajaí. O detalhe interessante é que Antônio chega a considerar a cultura dessas raízes como “colheita oculta” porque o governo não as incluía em suas estatísticas oficiais, já que eram plantações de subsistência mais do que atividades incluídas nas relações de mercado.

Antônio Henrique alega que os descendentes de alemães substituíram a farinha de trigo em sua culinária por farinha de milho, acrescentando na mistura algumas raízes que foram “domesticadas” pelos índios guaranis pelo sistema de coivara (círculo desmatado no meio da mata, com fogo rasteiro, pegando sombra das grandes árvores, itinerantes entre 2 e 4 anos). O autor utiliza como principal fonte de referência dos seus estudos as obras publicadas por F C Hoehne: 1) **Botânica e agricultura no Brasil no século XVI**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1937; 2) O homem pré-colombiano na América. Relatório Anual do Instituto de Botânica. São Paulo: Secretaria da Agricultura e Comércio, 1942. P.78-88.

Sobre o estudo realizado por Antônio Henrique dos Santos, consideramos prudente fazer menção às evidências contidas nele. O ponto a destacar na obra tem relação com o fato do taiá ser cultivado no sistema de coivara. Isso significa dizer que a plantação não tem relação direta com o rio, mas com a mata. O taiá ficava escondido entre as grandes árvores, em

pequenas clareiras abertas na mata através da prática de pequenos incêndios controlados. Por que, então, a planta emprestaria seu nome ao rio?

As principais referências de Antônio Henrique estão fundamentadas em estudos junto às colônias de imigrantes da região de Joinville e Ilhota. Mas, ele afirma que a planta foi domesticada por índios de grande parte do Brasil. Então, por que somente aqui essa planta dá nome ao rio? Por que não temos referências na toponímia de Joinville, por exemplo?

Por último, temos de considerar o fato destacado de que nossos nativos eram povos nômades, que promoviam deslocamentos por grande extensão de terra durante várias épocas do ano, tendo suas principais fontes de alimentos nas atividades de coleta e caça, um pouco na agricultura e pesca. É temeroso afirmar que eles cultivavam essas raízes à época do surgimento do nome ITAJAÍ a ponto dessa atividade merecer tal destaque na toponímia do Vale.

TESE 4 – referências a expressões

Arnaldo Santiago assinou artigo no jornal A Notícia de 12 de maio de 1948 com o título “Nos domínios da semântica” onde trabalha com a grafia do nome Itajaí corrompida para **Itéjay** que traduz como “*que água excelente*”. Outros autores chegaram a cogitar a possibilidade de Itajaí ser traduzido como **Oh! Que água excelente!** Mas, parece visível a corrupção do termo Tajahy e Itajahy por viajantes estrangeiros que não dominavam adequadamente o português e muito menos a Língua Geral.

Esses viajantes poderiam ouvir o termo ITAJAÍ em relatos promovidos por caboclos iletrados que costumavam falar o termo com variações sonoras do tipo TEJAÍ, comum até os dias atuais.

TESE 5 – referências à mineração

Muita coisa foi dita sobre o significado do termo Itajaí. Poucas vezes, contudo, os pesquisadores refletiram sobre a possibilidade do termo Itajaí estar relacionado diretamente à tendência dos primeiros habitantes das terras do Vale a sonharem com um verdadeiro eldorado. João Dias de Arzão foi um dos primeiros moradores do Vale, vindo se estabelecer à margem esquerda do Itajaí-Açu, na desembocadura do Itajaí-Mirim, tendo como principal ocupação a atividade de faisgador. Ou seja, Arzão abriu as portas do Vale do Itajaí na intenção de encontrar por aqui seu eldorado. Acabou encontrando ouro em diversos locais, destacando seu achado em um tal Monte Tayó.

Quem conta um pouco da tragédia vivenciada por Arzão é Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond, que escreveu sobre sua experiência no Vale do Itajaí quando residia na Europa.

Escreveu Vasconcellos de Drummond:

“Durante o meu exílio na Europa, sendo colaborador do “Journal dès Voyages” etc. publiquei vários artigos concernentes aos interesses do Brasil e em um ou dois deles falei do rio Itajaí, do célebre monte Taió, onde há, segundo se supõe, abundantes minas de prata, e da minha viagem e residência nas margens daquele rio”. (Vasconcellos de Drummond apud José Ferreira da Silva, Blumenau em cadernos, Tomo VI, 1963, n. 04, pág 05. As terras do Itajaí Mirim e Vasconcellos de Drummond.)

“Se, das províncias setentrionais passarmos às províncias do sul, encontraremos na de Santa Catarina em particular, a opinião geralmente espalhada de que ela abunda em minas de prata. Há mais de um século que um certo Aragão descobriu numa montanha que ele denominou de Taió, grande quantidade de prata, de que tirou alguns fragmentos para seu uso e outros para os mostrar ao

governador da província, a fim de lhe dar as provas palpáveis da descoberta que vinha de fazer”.

O governador remeteu essas amostras ao vice-rei no Rio de Janeiro que fez demorar por muito tempo a sua decisão. Por fim, ele resolveu que enquanto não recebesse resposta de Lisboa, o desgraçado Aragão seria seqüestrado em um cárcere, a fim de que não pudesse abusar do que sabia, visto com não lhe pertencia o segredo e, sim, ao rei.

Muito tempo depois o governo de Lisboa ordenou que Aragão fosse remetido para Portugal, a fim de lá fazer as suas declarações. Ao chegar a Lisboa o desgraçado foi de novo metido num cárcere sem que se o submetesse ao interrogatório para o qual lá fora levado. Morreu preso na miséria e moído de desgostos. Assim a pátria de Camões recompensa um colono honesto que teve a desgraça de fazer uma descoberta útil num país dominado então pela fôrça a mais ignorante e a mais bárbara.

Eu era, em 1820, governador das colônias da província de Santa Catarina, sob o título de inspetor geral, quando recebi do ministro Vila Nova, ordem de fazer todas as tentativas necessárias para redescobrir o maravilhoso monte Taió. Essa ordem vinha acompanhada de uma cópia da correspondência que havia sido trocada outrora a esse respeito e que não oferecia nenhuma pista a seguir. Convencido da importância dessa missão, desenvolvi todos os esforços para saber se ainda existia algum descendente do desgraçado Aragão e cheguei a descobrir os netos dessa vítima, os quais sabiam, por te-lo ouvido dizer de seus pais, qual fora a sorte de seu avô e que, presumivelmente ele havia levado consigo para Lisboa, o roteiro, o mapa do traçado que ele fizera para chegar ao monte Taió, plano esse que depois de sua morte se disse fora achado entre seus despojos, na prisão de Lisboa.

Em seguida, eu procurei colher informações entre os velhos dos logares os mais distantes das povoações brasileiras e as mais próximas das hordas de selvagens. Não consegui nada mais do que eu já conhecia. Sómente nas margens do rio Itajaí eu encontrei um homem de 120 anos, que tinha conhecido Aragão e ao qual ele falara depois da descoberta das lâminas de prata. Ele me assegurou que todas as vezes que Aragão partia para as suas excursões passava por sua casa e que, por essa razão, o monte Taió não podia estar muito distante do rio Itajaí e era mesmo, segundo supunha, banhado por suas águas”. (Idem, Pagina 13.)

Devemos observar que Vasconcellos de Drummond está atestando de próprio punho que não veio ao Vale tão-somente para edificar uma colônia, mas cumprir a “*ordem de fazer todas as tentativas necessárias para redescobrir o maravilhoso monte Taió.*” Tem mais, ele atesta que era possível tirar prata e ouro próximo da foz do Rio Itajaí porque “*o monte Taió não podia estar muito distante do rio Itajaí*” e completa dizendo que contratou um lavrador “*para fazer algumas tentativas ... ao cabo de três dias êle voltou, trazendo-me cinco onças de ouro em pó ...*”. Também não está bem definido se fala do Rio Itajaí-Açu ou do Rio Itajaí-Mirim em cujas margens residia.

Obviamente que esse ouro não foi encontrado muito longe de Itajaí, haja vista que o lavrador gastou apenas três dias para ir ao local do garimpo, garimpar e retornar a Itajaí. Considerando que ele estava sozinho, utilizando uma embarcação rudimentar da época, três dias é um espaço de tempo bastante exíguo. Por isso, podemos dar crédito a Almeida Coelho, que chegou a cogitar da possibilidade do famoso Monte Tayó ser na verdade o nosso conhecido Morro do Baú. Evidências não faltam, já que Arzão subia o rio de canoa várias vezes no mesmo ano, o que seria bastante desgastante se o tal monte estivesse na localidade que atualmente conhecemos como Taió. Portanto, podemos muito bem aceitar a ideia de que o Monte Tayó é na verdade o Morro Baú.

“Almeida Coelho transcreve um trecho de uma antiga idéia que acerca de desidiosa a administração de Drummond. O facto é que este brasileiro procurou fazer conhecida na Europa a capitania Catharinense, escrevendo no “Journal des Voyages” vários artigos sobre o Itajahy e o Morro do Tayó (talvez de Bahú)...” (Notas à história de Gaspar [II]. Antônio Francisco Bohn, Blumenau em Cadernos, Tomo XXXII, mar/1991, n. 03, p.87.)

Outra possibilidade é identificar a morraria do Brilhante, no Itajaí-Mirim, como sendo o Monte Tayó, conforme evidencia o mapa datado de 1776 assinado por Juan de La Cruz Cano Y Olmedilla que encontramos no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

Mateus Arzão era aparentado de João Dias Arzão, continuando a atividade de faiscador no Vale do Itajaí. Foi com ele que Drummond conseguiu complementar as informações que trouxe do Rio de Janeiro sobre o “maravilhoso” e “célebre” Monte Tayó. Mateus era proprietário de terras localizadas na margem direita da desembocadura do Itajaí-Mirim.

Segundo texto de Luiz Gualberto, havia um evidente estímulo aos pioneiros pela busca às minas:

“constava que o sertanista (Mateus Arzão) havia extraído ouro do morro Taió e ainda em 1829 a Câmara Municipal da Vila do Desterro informava ao governo da província que no sertão do Itajaí, Mateus Arzão tirava ouro de muito boa qualidade, segundo se sabia tradicionalmente. A fama do ouro do morro Taió e as riquezas do vale do rio Itajaí, pela fertilidade de seu território, eram igualmente admitidas. Todas essas circunstâncias determinaram as medidas tomadas por Vila Nova Portugal, que mandou explorar o Vale do Itajaí e descobrir o morro Taió famoso pelas suas jazidas minerais, como constava pela exploração de Mateus de Arzão, em tempos passados. Cheio dessas ideias e animado pela propaganda em colonizar o Brasil por colonos europeus, de qualquer procedência, encontrou Tomaz Antônio de Vila Nova Portugal forte oposição, principalmente por parte do elemento português... E nessas condições mandou explorar o rico vale do Itajaí.” (Luís Gualberto apud Zedar Perfeito da Silva, p. 55.)

Diante da “forte oposição” restou a Antônio de Tomaz Vila Nova Portugal e seu escudeiro de confiança Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond mascarar ao máximo possível seus reais objetivos no Vale do Itajaí. Por isso fundou uma colônia a quem, incontestavelmente, não emprestou qualquer atenção. Isso porque seu interesse estava voltado para descobrir o lendário Monte Tayó. Mas quem poderia estar lhe oferecendo

“*forte oposição*”? Naturalmente, aqueles que não queriam intrusos garimpando no local e lhe fazendo concorrência.

Nelsia Flores Dutra apresentava em 2012 idade superior a noventa anos. Herdeira da tradicional família Flores, ela lembra histórias de seus antepassados recheadas de casos de envolvimento dos Flores com a mineração no Vale do Itajaí. Segundo uma aparentada sua, a jornalista Maria do Carmo Bauer de Oliveira, ouvida por nós em 25 de agosto de 2012, Nelsia garante que muito da fortuna dos Flores teve por origem negócios envolvendo o garimpo no Vale do Itajaí.

Almeida Coelho menospreza essa atividade de “olheiro” de Vasconcellos Drummond no livro **História da Província de Santa Catharina**. Diz:

“No mesmo anno, 1820, veio da Côrte do Rio de Janeiro Antonio de Menezes Vasconcellos Drummond, encarregado da fundação de uma colônia no rio Itajahy. ... Este homem gastou um anno em passear e iludir o Ministro a bem do seu interesse particular, vexando aos pobres moradores do lugar, a quem dava a tarefa de serrar taboado e cujos jornaes nunca foram pagos, apesar de despender a fazenda real em tão pouco tempo, pois retirou-se em 1821, o melhor de cinco mil cruzados: não fez mais do que uma derrubada, sem deixar logar algum de colônia.”

Obviamente que todos os historiadores até aqui, incluindo o memorialista Marcos Konder, só viram em Vasconcellos de Drummond o exilado interno que tentou implantar uma colônia que absolutamente “não deu certo” porque gastou seu tempo “*em passear*”. Não quiseram ver que ele estava à procura do Monte Tayó, apesar de Vasconcellos de Drummond ter escrito com todas as letras, que sua principal missão no Vale do Itajaí não era a de formar uma colônia. Evidências nesse sentido existem e elas poderiam ser melhor estudadas à luz de uma pesquisa mais aprimorada sobre duas questões importantíssimas à época: 1 – legislação do reino sobre

mineração no Sul do Brasil; 2 – interesse do ministro Vila Nova Portugal na colonização das terras no Sul do Brasil.

Outra pista sobre este tema foi deixada pelo general Vieira da Rosa em artigo publicado na Revista da Engenharia Militar com o título “Mosaicos Literários”. O general considera plausível interpretar o termo **Itaju-hy** como sendo referência direta a um **rio de ouro**. O raciocínio de Vieira da Rosa fundamenta-se no fato de ser o Rio Itajaí

*“O único que arrasta pepitas auríferas dos terrenos do Itajahi-mirim e do Garcia. Se o nome do rio fora **Itajahy**, diz ele, - rio das Pedras (?) pelas muitas que seu leito tem em 200 quilômetros, então seria justo que todos os rios da vertente marítima se chamassem **Itajahy**, porque há quase identidade quase igualdade de leito em todos eles. Se a existência de aroídeas fosse tão abundante que justificasse seu nome de batismo teríamos que cair no primeiro caso: cada rio ou riacho seria um rio ou riacho dos taiás. Creio estar raciocinando com acerto, preferindo o nome **Itajuhy** – rio do ouro – por ser o único que possui o precioso e louro metal.”* (apud Lucas A Boiteux, Blumenau em Caderno, pag 25)

O Almirante Lucas Arthur Boiteux não concordou com o raciocínio empreendido pelo general Vieira da Rosa, porque ...

*“Se assim fora, acredito eu, todos os rios e ribeirões auríferos do Brasil deveriam ser chamados **Itajuhy** como deseja ilustre geógrafo, meu caríssimo amigo. O nosso selvícola sempre soube com grande propriedade aplicar os nomes aos acidentes naturais ... O antepassado Carijo, que deu nome ao famoso rio, mais teria se impressionado com a quantidade de água-pés boiantes em suas águas e seus remansos do que com as pepitas de ouro envoltas nas areias de seu leito e ocultas às suas vistas. Taiá-i – rio da conhecida aroídea, nome que o linguajar do povo mantém ainda puro.”*(Ib.)

Uma coisa temos certeza: ouro e prata existiam no Vale do Itajaí próximo ao Rio Itajaí Grande e seus afluentes. Recentemente ainda tivemos

tentativas de extração desses minerais, como nos mostra o historiador Marlus Niebuhr ao escrever sobre a história da região alta de Brusque no livro **Memórias de Porto Franco ... Botuverá: a sua história**. Segundo o historiador o auge do garimpo na região (Ribeirão do Ouro + Guabiruba + Botuverá + Gaspar + Ilhota + Taió) foi em 1937 e 1938. Essa nova “febre do ouro” acabou em 1940. A maior pepita encontrada oficialmente na região pesou 108 gramas.

Marlus registra diversos depoimentos de moradores antigos que viram o ouro brotar nas terras altas de Brusque. Um depoimento interessante é de José Tomio que diz: “... *Aqui no nosso lugar tinha ouro na água e no barranco também*”; e o depoimento de Nicolau Witcosvky: “*Oh, daqui foi tirado muito ouro*”. (pag. 58)

Aqui em Itajaí, o jornal O Novidades publicou na sua edição de número 43, datada de 26 de março de 1905, um texto bastante interessante intitulado “Mineração no Baú”, onde fala sobre a “*conhecida lenda das riquezas do Tayó*”. Ora, uma lenda faz referência à tradição oral da comunidade que perpassa uma quantidade de tempo expressiva. Quer dizer, as notícias de que existia ouro no local ainda corriam na Itajaí de 1905 em forma de “lenda”.

Segundo O Novidades, edição datada de 02 de outubro de 1910, “*remonta a 1651 a notícia da existência de ouro nas cabeceiras do rio Itajaí.*” Interessante perceber que a informação contida no jornal O Novidades faz referência a Salvador Pires, filho do bandeirante Francisco Dias Velho Monteiro, fundador da Vila de Desterro (hoje Florianópolis). Devemos registrar também, que Salvador Pires já tem seu nome vinculado à atividade de faiscador no tal Monte Tayó. Contudo, queremos crer que a data publicada pelo Novidades tem uma imprecisão histórica. O ano da atividade de Salvador Pires deve ser próxima de 1689, por tratar-se do ano da morte do seu pai pelos piratas que assaltaram a Ilha de Santa Catarina.

O historiador Oswaldo Rodrigues Cabral no livro **História de Santa Catarina** relaciona o irmão de Dias Velho garimpando no “interior”. Podemos inferir que Salvador Pires e seu tio José Dias Velho estavam juntos faiscando no Vale do Itajaí quando ocorreu a morte trágica do bandeirante e fundador de Desterro – Francisco Dias Velho – pelos piratas vingadores.

“Quando chegaram reforços do continente, já era tarde, a tragédia já se havia consumado. Chamado do interior, onde andava faiscando, o irmão do fundador, José Dias Velho, pouco depois abalaram todos para São Paulo deixando ao abandono, com poucos moradores, a póvoa do Desterro, levando no coração a memória dolorosa dos trágicos dias então vividos. Para a Laguna transferiu-se um filho do fundador, José Pires Monteiro, e parece ter sido o único descendente do bandeirante que ficou em Santa Catarina.”(pag. 42)

Depois, quando O Novidades faz referência à ocorrência de ouro no Rio Itajaí-Mirim, apresenta relato datado de 1727 que fez o sargento-mor Francisco de Souza Faria: *“... pelo pé da Serra Negra corre um ribeirão que vai buscar as cabeceiras do dito morro Tayó, o qual morro é baixo, redondo e agudo com sua capina ... que não poderão deixar de achar ouro.”*

A verdade é que o sul do continente estava sendo varrido por faiscadores e aventureiros em busca do “eldorado perdido” há muito tempo. Do primeiro faisgador que temos notícias (João Dias de Arzão, em 1658), passando pelo filho do bandeirante Dias Velho (1681), chegando a Vasconcellos de Drummond (1820) e encerrando nos desbravadores das terras altas de Brusque (até 1940), muita gente teve o sonho de encontrar o lendário Monte Tayó.

O comerciante Agostinho Alves Ramos foi o homem que deu aos habitantes do Vale uma outra alternativa, mudando sua mentalidade e

objetivo econômicos. Trocou a busca pelo eldorado por um comércio baseado em trocas regulares com as demais cidades do litoral catarinense. Foi a partir das atividades comercial e política de Agostinho Alves Ramos que o Vale começou a pensar seriamente em colonização e produção, visando troca mercantil. Mas isso é assunto para um outro livro, a ser confeccionado em futuro próximo, visando responder a um outro questionamento que ficou aberto na história de Itajaí: Quem fundou Itajaí?

Portanto, é defensável a tese de que o nome Itajaí possa estar diretamente vinculado à atividade dos faiscadores em busca do eldorado. Assim sendo, de alguma forma, pelos vários descaminhos e corrupção do termo, o RIO DO MONTE TAYÓ, acabou sendo grafado como O RIO DOS TAIÁS.

Foi Arzão e seus descendentes diretos que abriram o caminho do Vale para os demais colonizadores. E Arzão falava uma mistura de português com tupi-guarani, como a maioria da população do litoral sul brasileiro à época. Falava e não escrevia. Falava com gente que pouco entendia de português, tupi ou guarani.

Acontece que usando a mesma lógica desses tradutores podemos chegar a uma outra conclusão, vindo ao encontro da mentalidade de Arzão, o faiscador de ouro do Rio das Voltas: **TA** (pedra) + **I** (está, tem) + **Ó** (desgarrar, arrancar, extrair) = **TAIÓ** = **pedra para ser extraída, extração de pedra. Local de onde se está retirando pedra.** O vicentista João Dias de Arzão, ou alguém antes dele, pode ter dado o nome TAIÓ ao lugar de onde estava extraindo pedra ... pepitas de ouro.

Obviamente que nesta época para mais nada serviria a atividade de extração de pedras. Além do mais, pedra útil à construção civil se encontraria em qualquer lugar do vale. Também não podemos deixar de considerar o fato de que todos os dicionários de guarani/português

traduzem o termo **ITA** como pedra, objeto duro e metal. Isso mesmo, qualquer metal, qualquer objeto duro, também recebe a denominação ITA.

O eldorado, procurado por muitos, pode ter sido utilizado como referência para todo o resto, até mesmo para o rio e a cidade. Assim, o rio que dava acesso ao Monte Tayó ficou designado como TAIÓ + Y (rio) = TAIÖY = TAIAY = TAJAHY = ITAJAÍ ... ou qualquer outro caminho que a cultura oral se encaminhou de seguir. Caprichos da cultura oral que não temos ciência para desvendar nos tempos atuais. Por sua vez a cidade ganhou o nome do rio. A localidade de Itajaí é a localidade do Rio Itajaí. Assim como o Rio Itajaí é o rio do Monte Tayó e este é o morro de difícil acesso de onde os primeiros faiscadores extraíam pedras ... de ouro.

Como temos no Vale vários rios menores com o nome ITAJAÍ é plausível supor que o nome original tenha sido derivado de atividade desenvolvida no Rio Grande. Queremos crer ser completamente factível a hipótese do nome Itajaí estar vinculado à atividade de faiscadores e aventureiros que frequentaram os primórdios da civilização no Vale do Itajaí em busca do ouro do Monte Tayó. Como o processo de procura pelo eldorado iniciava próximo à foz, todo o Vale foi recebendo a mesma denominação. O processo de denominação do Vale, portanto, pode ter começado de baixo para cima, da foz para a nascente. Porque era da foz que saíam os faiscadores.

Temos de considerar também o fato de que todas as atividades de exploração promovidas por estrangeiros no Vale do Itajaí, a partir da barra do Rio Itajaí, foram durante séculos maquiadas nos relatórios oficiais, por tratar de atividades clandestinas e também por tratar de assunto estratégico para as nações envolvidas. Quando o assunto era ouro, tudo devia ser devidamente camuflado. Foi assim com Vasconcellos de Drummond e deve ter sido assim com todo mundo que tentou a sorte no Vale do Itajaí. Uns camuflaram suas atividades por terem conhecimento da tragédia

ocorrida com João Dias de Arzão. Outros, por medo do fisco. O próprio Vasconcellos de Drummond reconhece essa dificuldade:

“O rio Itajaí é muito aurífero. Quando eu morei em Santa Catarina, eu soube por um pobre lavrador da província de São Paulo que toda a região era abundante em ouro. Eu o contratei para fazer algumas tentativas. De princípio êle se negou com medo do governo, mas afinal concordou com o meu pedido depois que eu lhe afirmei que nenhum mal lhe poderia acontecer e que eu assumiria a responsabilidade pelo que viesse.”(ib.)

Ninguém pode negar que aconteceu uma corrida do ouro no Vale do Itajaí. Assim como também podemos credenciar a ideia de que essa corrida foi frustrada por causa da quantidade e qualidade do metal daqui retirado. Mas, independente da quantidade e da qualidade do ouro encontrado, sua referência tem importância suficiente para dar nome a tudo. Estimulou a cobiça de muitos a informação de que aqui no Vale existia ouro. Contudo, não dá de manter a tradução de ITAJAÍ como sendo “Rio do ouro” por tudo que até aqui já foi mencionado, inclusive por Hermes Justino Patrianova e Lucas Arthur Boiteux.

Vejam que a ideia central é de que Arzão tinha sua atividade centrada na retirada de ouro de um determinado ponto subindo o Rio Itajaí. Esse ponto seria designado por ele como TAYÓ. O Rio das Voltas passou a ser considerado como o Rio do Tayó, ou o rio que dava acesso ao local onde Arzão retirava pedras de ouro. A cultura da época era uma cultura oral. Um belga, alemão ou russo que ouvia um nativo falar Rio do Tayó, poderia ouvir a expressão com dificuldade e depois, do seu jeito, escrever o que bem entendesse, inclusive mudando Tayó para Taiá.

Quantas vezes, ainda hoje, escutamos descendentes de alemães trocando o gênero de palavras no seu arrastado falar da língua portuguesa. Quem leu o romance de Lausimar Laus intitulado **O guarda-roupa**

alemão consegue perceber como os colonos falam com naturalidade mudando o gênero. Veja exemplos das falas de um personagem: *“Uma mosquita foando no cabeça da gente?”* ou *“O mulher tem tudo que a homem tem, mas o alma do mulher ser diferente. É o alma do criançon.”* (ps. 92-3)

Selmo Braz Galm, em entrevista concedida no dia 31 de maio de 2012, nos forneceu um bom exemplo dessa mistura entre culturas oral e escrita. Segundo seu testemunho, ele tinha uma tia que residia na localidade rural de “Paciência” que, ao anunciar sua visita à zona urbana da cidade, dizia: “Vô no Tejaí” ou “Vô lá em Tejaí”.

Quando os pioneiros letrados começaram a se fixar na foz do Rio Itajaí temos a escolha da grafia e sua normatização e regularização via documentos oficiais do Estado. Diante de muitas opções de como escrever o nome RIO DO TAYÓ Vasconcellos de Drummond, Agostinho Alves Ramos entre tantos outros, optaram por grafar Itajahy e corrupções próximas. Já adentramos o século XIX mas, a busca do eldorado ainda não havia cessado na sua totalidade. O texto de Ayres Gevaerd (ver anexo) demonstra que muitos dos americanos que vieram para as colônias às margens do Itajai-Mirim após 1800, vieram motivados pela perspectiva de garimpar. Detalhe importante: Vasconcellos de Drummond e Charles Van Lede também tinham formação científica em mineralogia.

Também devemos considerar que, quando da entrevista do professor de guarani-português da tribo M'Biguaçu, Wanderley Carai Yvydju, percebemos que a palavra Itajaí não tem qualquer importância na cultura indígena. Nada do que nos falou sobre sua cultura e o Vale nos fez referência a algo que fosse próximo a um destaque. Itajahy é uma montagem a mais na vida cultural desse povo. Uma montagem aleatória e sem significado cultural para seu povo. Esse, pelo menos, foi o sentimento que experimentamos ao ouvir o professor carijó.

Assim sendo, para os defensores dessa tese, Itajaí não é tupi puro, não é guarani legítimo, é uma corrupção da Língua Geral utilizada pelos pioneiros a partir da ideia central de que aqui os primeiros faiscadores encontraram ouro em um local que designaram Tayó. Mas, a discussão não se encerra aqui. Muitas outras considerações podem e devem ser destacadas nesse cipoal de informações desencontradas ao longo de séculos.

Uma interessante variante da tese de que o nome Itajaí está diretamente relacionada ao garimpo envolve Drummond e o mapa datado de 1776 assinado por Juan de La Cruz Cano Y Olmedilla, um dos únicos que assinala a localização do misterioso Monte Tayó. Este mapa surpreende a muitos pesquisadores porque localiza o Monte Tayó à margem direita do Rio Itajaí-Mirim, para cima da localidade de Brilhante e as terras altas, justamente onde muita mineração ocorreu durante séculos. Então, vale pesquisar essa relação entre o Monte Tayó e a localidade de Brilhante.

Algumas evidências encontramos subindo o Itajaí-Mirim até a localidade de Brilhante. Devemos destacar o fato de Vasconcellos de Drummond atestar por escrito que veio tentar localizar o lendário Monte Tayó e para isso montou sua colônia justamente na Foz do Rio Conceição, um afluente do Rio Itajai-Mirim, muito perto do Monte Tayó assinalado no mapa de 1776 por Juan de La Cruz Cano Y Olmedilla. E também que o próprio Vasconcellos garantiu que uma pessoa a seu mando conseguiu perto dali garimpar ouro em apenas três dias.

Como se escreve BRILHANTE em variante do guarani? Se escreve JAJÁI. No **Dicionário guarani-português / português-guarani** de autoria de Cecy Fernandes de Assis, encontramos a seguinte frase: “Morena graciosa de pestanas brilhantes” que é traduzida da seguinte maneira: “Morena juky ropea Jajái.” Como se escreve DIAMANTE em guarani? Se escreve ITA JAJÁI. O termo JAJÁI pode ser traduzido para “brilhante”

“diamante” e “resplandecente”. Então o termo ancestral, que dá origem a ITAJAÍ pode muito bem ser o termo composto ITA JAJÁI. Que depois passou para a linguagem oral e escrita como ITAJÁI.

Essa tese estabelece novamente a ideia central de que o nome Itajaí é derivado direto da língua guarani. Ganha consistência racional por sua grafia e sonoridade muito próximas do termo Itajaí.

Se pesquisarmos as versões oficiais atualmente divulgadas pelas instituições de Itajaí sobre a origem do nome “Brilhante” para a localidade rural vamos perceber facilmente que é uma estória sem qualquer consistência e até, colocando o termo completamente fora de época.

“Recebeu este nome depois de Nato Gastaldi avistar uma luz muito forte e brilhante nesta localidade ao mergulhar no Rio Itajaí-Mirim, passando depois a chamar o local de Brilhante, que devido a sua grandiosidade foi dividido em duas comunidades: Brilhante I e Brilhante II...” (www.itajai.sc.gov.br acessado em 05 de agosto de 2012)

Estivemos na comunidade rural de Brilhante no dia 13 de junho de 2012 onde tivemos oportunidade de entrevistar diversos membros de famílias tradicionais da região, entre os quais destacamos Luiz Forbeci (63 anos), Noemi Rodrigues Evangelista (74 anos) e Pedro Evangelista (87 anos).

Todos os moradores do local garantem que nunca ouviram falar no lendário Monte Tayó ou de alguém que andou por aquela morraria tentando encontrar ouro. Acontece que Noemi Rodrigues Evangelista nos deu uma boa pista sobre os motivos que podem ter levado aquela localidade a receber o nome de Brilhante. Segundo Dona Noemi quando ela era criança costumava brincar nos inúmeros riachos da região com pedrinhas brilhantes de malacacheta (mica). “Tinha muita pedra brilhante nos riachos. Muita

mesmo. Agora não tem mais nada, porque o pessoal foi retirando para levar como lembrança e decoração.”

Então, estamos diante da seguinte situação:

1 - Temos o nome ITAJAÍ que deve ser um termo composto oriundo do tupi-guarani.

2 - Temos uma localidade com o nome em português de “Brilhante”.

3 - A tradução do português para o guarani do termo “Brilhante” é “Jajái”.

4 - A tradução do português para o guarani da expressão “pedra brilhante” é “Ita jajái”.

5 - O mapa de Juan de La Cruz Cano Y Olmedilla, datado de 1776, estabelece a localização do Monte Tayó à margem direita do Rio Itajaí-Mirim, muito próximo de onde está localizada a comunidade do Brilhante.

6 - João Dias de Arzão estabeleceu moradia em terras próximas à barra do Rio Itajaí-Mirim e dali saiu para faiscar ouro. O mesmo fazendo seu aparentado Matias Dias de Arzão.

7 - Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond vem para o Vale em 1820 para tentar encontrar o Monte Tayó e se estabelece às margens do Rio Itajaí-Mirim, muito próximo ao local indicado por La Cruz Cano Y Olmedilla e ali encontra ouro.

8 - Muitas das grandes descobertas de ouro no Vale do Itajaí foram efetuadas nas terras altas de Brusque.

9 - Os primeiros exploradores que chegaram ao Vale do Itajaí usavam a Língua Geral para se comunicar.

10 - A descoberta de ouro pode ser um fato de significativa importância para os primeiros exploradores a ponto de os motivar a batizar o local com o nome de ITA JAJÁI ou ITAJAJÁI, depois abreviado para ITAJÁI.

11 – sendo assim o nome ITAJAÍ teria o significado expresso de PEDRA BRILHANTE, fazendo referência direta à mineração.

QUAL SERIA SUA ESCOLHA?

Esta é a lenda do Monte Tayó. Você acredita nela, ou tem outra história para nos contar?

Diante de tudo o que foi dito, qual a sua escolha?

1. Água boa
2. Água que corre sobre pedras
3. Aguada dos taiás
4. Dono da pedra
5. Ilhota
6. Machado de pedra
7. Óh! Que água excelente
8. Pedra Brilhante
9. Pedra de difícil acesso
10. Pedra de rio
11. Pedra laminada
12. Pedra lascada
13. Pedra marcada
14. Pedra no mato
15. Pedra que serve de referência
16. Rio com leite de pedra
17. Rio com pedra e mato
18. Rio da sereia das pedras
19. Rio das formigas
20. Rio das pedras
21. Rio das pedras juntas
22. Rio das pedras que emergem
23. Rio das pedras soltas
24. Rio das voltas
25. Rio de muitas pedras
26. Rio do jaó de pedra
27. Rio do Monte Tayó
28. Rio do ouro
29. Rio dos frutos de pedra
30. Rio dos Taiás
31. Rio onde há muitas pedras
32. Rio pedregoso
33. Rio pedrento
34. Rio que contém pedras
35. Rio que corre sobre as pedras

III – CONSIDERAÇÕES FINAIS



[Foto da cidade de Itajaí em dia de chuva tendo o Morro do Baú ao fundo.

Foto: Magru Floriano]

Aqui, onde a cultura oral encontrou-se tardiamente com a cultura escrita, tudo que foi dito sobre a origem do nome Itajaí é suscetível de trazer em seu bojo erros grosseiros de conteúdo e interpretação. Contudo, é necessário apresentar nossa conclusão à luz de tudo que foi lido e escrito até este momento sobre o tema em discussão. Por isso mesmo entendemos que para finalizarmos esse ensaio, que buscou uma interpretação plausível para o nome Itajaí, é importante estabelecer as seguintes considerações:

1 – O nome a ser estudado não é necessariamente Itajaí. Pode ser Thadjhay, Taió, Tajahug ou Jajái, entre outras variações do nome Itajaí.

2 – Estamos diante de duas visões civilizatórias bem distintas: a nativa e a dos colonizadores brancos.

3 – Essas visões civilizatórias vão nos permitir olhares muito distintos sobre a realidade do Vale do Itajaí, porque utilizam critérios de valores diferenciados em sua essência.

4 – Na visão dos nativos valem interpretações como “pedra laminada”, “pedra que serve de referência”, “rio das pedras juntas” ou “rio das pedras que emergem”. Todas estão diretamente vinculadas às atividades de caça e pesca ou a mobilidade necessária para ir e vir pelo Vale, inclusive possibilitando a difícil tarefa de passar de uma margem a outra do rio.

5 – Na visão dos faiscadores valem interpretações como “rio do Monte Tayó” e “pedra brilhante”.

6 – Nas duas visões civilizatórias a planta **taiá** não chegou a ser determinante como cultura.

7 – As duas visões civilizatórias apresentam pontos em comum: pedra e rio. Na visão dos nativos – pedras que emergem do rio e possibilitam passar de uma margem a outra; na visão dos colonizadores – pedras extraídas de veios de ouro, ou pedras que impedem a navegação.

8 – vale destacar que todos os dicionários de tupi-guarani que consultamos promovem a tradução da expressão ITA não apenas como pedra, mas como “pedra, objeto duro e metal”. Os autores dos artigos compilados nesse trabalho é que concentraram esforços na tradução do termo ITA apenas e tão-somente como pedra, descartando a possibilidade desse ITA estar fazendo referência direta a metal.

8 – Até Vasconcellos de Drummond (1820) prevalece exclusivamente a ótica do Monte Tayó – a mineração em busca do eldorado. Ele é o marco definitivo entre a mineração e a colonização, porque tentou as duas coisas e fracassou nas duas simultaneamente. Temos até aí nada menos do que três séculos de história que não podemos deixar de considerar em todas as nossas análises.

9 – Depois de Vasconcellos de Drummond o enfoque que prevaleceu foi o enfoque da colonização. O ouro deixa de ser a principal referência, passando a ser atividade marginal. Agostinho Alves Ramos e José Henrique Flores lideram o processo colonial e a possibilidade de trocas comerciais regulares.

10 – Todos os mapas e documentos que estudamos têm a visão civilizatória branca. Portanto, todos os nomes encontrados guardam em si corrupções promovidas por estrangeiros.

11 – O elo perdido de nosso estudo pode estar adormecido no momento histórico da troca da denominação **Rio das Voltas** (Rio de las Bueñas) para **Tajahug**.

12 – Ocorreu uma possível inversão no processo de denominação do Rio. Ou seja, primeiro apareceu o nome em português e espanhol, para depois aparecer o nome em linguagem nativa. Essa inversão pode ser uma armadilha interposta aos estudiosos pelo choque entre as culturas oral e escrita. Portanto, pode estar falseando a realidade dos fatos e nublando a verdadeira origem do termo Itajaí.

13 – Isso pode sinalizar para o fato de que os primeiros mapas e documentos foram confeccionados por gente de fora do Brasil, viajantes russos, belgas, holandeses, alemães e portugueses. Gente que não tinha conhecimento da Língua Geral. Os mapas que iniciaram com Tajahug podem ter sido confeccionados por gente que contou com informantes de dentro do Brasil, vicentistas, que tinham conhecimento da Língua Geral. Os primeiros evidenciam uma visão externa; os segundos, uma visão interna. Mas, fundamentalmente, todos, uma visão civilizatória colonizadora.

14 – João Dias de Arzão é o primeiro que tenta oficializar sua presença na região. Mas, isso não o torna obrigatoriamente o primeiro a faiscar na região. Ele já pode ter assimilado os termos **Tayó** e **Itajaí** de outros que por aqui ficaram perdidos anonimamente entre o rio e a mata dessa imensa região.

15 – Temos de separar o nome do rio do nome da vila. O povoado de Itajaí nasceu com o nome oficial de ITAJAHY. Diferentemente do rio que tem um histórico consagrando inúmeros nomes e corrupções linguísticas.

16 – Temos evidências de que não foram os carijós que denominaram o rio e o Vale de Itajaí, mas gente branca que dominava a Língua Geral.

17 – Devemos supor que a inspiração do nome está fundamentada em algum fenômeno próximo à foz do Rio Itajaí e não muito distante dela.

18 – Vasconcellos de Drummond normatizou na burocracia estatal a grafia do nome Itajahy, seguido por Agostinho Alves Ramos e outros interlocutores do estado brasileiro.

19 – nenhum estudo sobre o termo ITAJAÍ deve ser considerado conclusivo enquanto não for encontrado o “elo perdido” entre as diversas civilizações que habitaram a Região do Vale do Itajaí até mesmo antes dos povos dos sambaquis.

Por último gostaríamos de confessar ao nosso leitor que, na medida que tomamos conhecimento mais aprofundado do tema, fomos criando tendência de aceitar esta ou aquela hipótese de interpretação para o nome ITAJAÍ. Mas, ao final do trabalho ficamos com uma acentuada tendência de considerar firmemente o conceito de que o termo ITAJAÍ pode fazer referência direta à busca do eldorado no Vale do Itajaí.

Essa versão para o termo Itajaí não faz muito sentido nos dias atuais porque todos os estudos até aqui apresentados sobre a história da colonização do Vale do Itajaí não dão destaque para a atividade econômica do garimpo. Todos os estudos destacam fundamentalmente a atividade colonizadora dos imigrantes europeus, relegando a um segundo plano os habitantes intermediários entre os silvícolas e os imigrantes agricultores.

Essa tendência histórica nos fez desconsiderar, até aqui, que muitos homens estiveram no Vale em busca do eldorado, inclusive Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond. Marcos Konder e Ferreira da Silva olharam para os documentos querendo encontrar os fundamentos da colonização do Vale. Eram olhares direcionados, marcados e condicionados por uma ideia já estabelecida. O conceito de colonização permeou todos os atos, condicionou todas as vontades e ditou todos os pensamentos. O resultado dessa busca não poderia ser outro, senão aquele envolvendo o próprio processo de colonização e seus interesses e identidades.

As duas teses que envolvem o nome ITAJAÍ à atividade de mineração nos parecem plausíveis. Seja a tese que volta seu olhar ao “Itajaí Grande” e o Morro do Baú; seja a tese que volta seu olhar para o “Itajaí Pequeno” com a morraria de Brilhante e as terras altas de Brusque. O Morro do Baú merece especial atenção porque ele pode ser visto como o lendário Monte Tayó e também como “a pedra ou lugar de difícil acesso” que serve de referência visual aos nativos, faiscadores e colonizadores. São

três possibilidades concretas envolvendo o Morro do Baú: local de difícil acesso, referência visual e mineração.

Sem termos em mãos o necessário elo entre civilizações, nos falta, por consequência, convicção diante de opções tão palpáveis à luz do que tivemos acesso até aqui. Fica para nós a difícil e intrigante tarefa de escolher um entre três caminhos possíveis. Itajaí faz referência a:

1 – o Morro do Baú

A – ele é o morro de difícil acesso que serve de referência para quem circula pela costa ou interior do Vale

B – ele é o lendário Monte Tayó e o Itajaí-açu é o “rio do Monte onde se extrai pedras de ouro”.

2 – a morraria de Brilhante

A – ali estaria localizado o lendário Monte Tayó e os faiscadores denominaram o local de “ita jajaí” por ali encontrarem pedras brilhantes.

No nosso entendimento a tese que reúne maiores evidências favoráveis é justamente a última. ITA JAJÁI tem grafia e sonoridade muito próximas do termo consagrado ao longo do tempo pelas culturas oral e escrita; temos um mapa anterior a Drummond localizando o lendário Monte Tayó na margem direita do Itajaí-Mirim; ali existe uma localidade de nome Brilhante, cuja tradução para uma variante da língua guarani é “jajái”; ali próximo Drummond se estabeleceu para cumprir a missão de encontrar o lendário Monte Tayó e ali próximo comprovadamente encontrou ouro.

Outras evidências também nos saltam aos olhos, como o fato dos Arzão (João e Matheus) serem proprietários de terras na Barra do Rio Itajaí-Mirim e muitas referências sobre suas atividades não discriminarem com exatidão se eles operavam no Itajaí Grande ou no Itajaí Pequeno. Essa afirmação nos remete a um questionamento oportuno: por que os Arzão escolheram a Barra do Rio Itajaí Pequeno para estabelecer residência fixa?

Obviamente que o critério dessa escolha está relacionado à questões práticas da própria atividade mineradora. Se o ouro estivesse realmente no Morro Baú, seria o caso deles estabelecerem residência mais próxima do local, já que nada os prendia economicamente à foz do Itajaí Grande, uma vez que as terras de Ilhota também eram boas para a agricultura.

São muitas as evidências a empalidecer nossas dúvidas e incertezas. Não temos total convicção, mas estamos relativamente satisfeitos com a tradução do termo ITAJAÍ como sendo PEDRA BRILHANTE, encontrada por faiscadores no Monte Tayó, localizado às margens do Rio Itajaí-Mirim.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. ADAMI, Luiz Saulo; ROSA, Tina. Alto Rio dos Bugres: as origens do município de Imbuia . Itajaí: S&T, 2004.
2. ALMEIDA, João Mendes de. Dicionário Geographico da Província de São Paulo.
3. ASSIS, Cecy Fernandes de. Dicionário guarani-português / português-guarani. São Paulo: Saraiva, [...].
4. BACHMANN, Norberto. Sobre a origem da palavra Itajaí in: Jornal do Povo, 23.01.1945, p.04.
5. BARBOSA, A. Lemos. Pequeno vocabulário tupi-português. Rio de Janeiro: Livr. São José, 1951.
6. BAPTISTA, Leda Maria. Simplesmente Gaspar. Blumenau: Nova Letra, 1998.
7. BOITEUX, Lucas A. (Alm.) O Rio Itajaí – O desvendamento da Costa – mapas e portulanos do tempo – nomenclatura litorânea – morfologia do nome. In: Blumenau em Cadernos. Pág. 23-5.
8. BOITEUX, Lucas a (Alm.). Dicionário histórico e geográfico do Estado de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.
9. BOHN, Antônio Francisco (Pe.). Paróquia de São Vicente de Paulo – Sua História. Blumenau: 3 de maio, 2003.
10. BUENO, Eduardo. Brasil: uma história – cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010.
11. BUENO, Eduardo. Brasil: uma história – a incrível saga de um país. 2. ed. rev. São Paulo: Ática, 2003.
12. CABRAL, Oswaldo Rodrigues. História de Santa Catarina. 4.ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.
13. CARDOSO, Alfredo Emanuel. Compêndio histórico e geográfico de Rio do Sul. 2.ed. Rio do Sul: Jawi, 19[..].
14. CARNEIRO, Marcio Matos. Origem dos nomes dos municípios de Santa Catarina. Blumenau: Nova Letra, 2006.
15. CORDEIRO, Darlan Pereira. Conhecendo Arqueologia. Itajaí: ed. Autor, 2006.

16. CORRÊA, Isaque de Borba. Poranduba papa-siri – catalogação de manifestações inéditas do folclore do centro do litoral catarinense. Camboriú: ed. Aut, 2001.
17. CUNHA, Antonio Geraldo da. Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
18. CUNHA E SILVA, Laércio; DE FARIA, Roberto Mello. Itajaí – cem anos de município.
19. CUNHA E SILVA, Laércio; DE FARIA, Roberto Mello. Anuário de Itajaí para 1959. Niterói: Hoje, 1959.
20. D´ÁVILA, Edison. Pequena historia de Itajaí. Itajaí: FGML/PMI, 1982.
21. DEEKE, José. O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento. 2.ed. Blumenau: Nova Letra, 1995.
22. DELL´ANTONIO, Lino João. Nomes indígenas dos municípios catarinenses. (...). Blumenau: Odorizzi, 2009. p.136-138.
23. GAKRAN, Nambla et alii. Dicionário bilíngüe Xokleng e Português. Datilografado.
24. HEUSI, Nemésio. A fundação de Itajaí – sua história – seu romance. Blumenau: do autor, 1982.
25. KOHL, Dieter Hans Bruno. PortoBelo – sua historia sua gente. 1.ed. Porto Belo: ed. Aut., 1987.
26. KONDER, Gustavo. Visita de um naturalista francês do século passado. In: Jornal do Povo. 28.08.1971, p.05.
27. KONDER, Gustavo. A origem do nome de Itajaí In: Blumenau em Cadernos. P. 94.
28. KONDER, Marcos. A pequena pátria. Blumenau: Livraria Blumenauense, 1958.
29. KONDER, Marcos; SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Rio das pedras ou dos taiás? In: Anuário de Itajaí 1949. Itajaí: Aurora, 1949, p. 71-3.
30. LAUS, Lausimar. O guarda-roupa alemão. 3. Ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989.
31. MIRANDA, Gil. Documento para a história de Itajaí in: Jornal do Povo, 27.02.1971, p.2 e 6.
32. MONTOYA, Antonio Ruiz de (S.J.) Vocabulário de la língua guarani.

33. NARLOCH, Leandro. Guia politicamente incorreto da história do Brasil. 2.ed. ver.ampl. São Paulo: Leya, 2011.
34. NIEBUHR, Marlus. Memórias de Porto Franco ... Botuverá: a sua história. Blumenau: Nova Letra, 2005.
35. OLIVEIRA E PAIVA, Joaquim Gomes de (Arcipestre Paiva). Dicionário toponímico, histórico e estatístico da província de Santa Catarina. Florianópolis: IHGSC, 2003.
36. PATRIANOVA, Hermes Justino. Pequeno livro. Florianópolis: do autor, 1986.
37. PATRIANOVA, Hermes Justino. Taiá versus Taioba in: Blumenau em Cadernos, tomo XXXI, ago/1990, n.08, p. 185-7.
38. PATRIANOVA, Hermes Justino. Cartas in: Blumenau em Cadernos, tomo XXXI, fev/1990, n.02, p.56-8.
39. PEIXOTO, Maria José Hulse. História político-administrativa de Itajaí. Itajaí: datilografado, 1973.
40. REITZ, Raulino. Itajaí significa rio dos taiás in: Jornal do Povo, 25.04.1948, p.02.
41. RODRIGUES, J. Barboza. Vocabulário indígena comparado para mostrar a adulteração da língua. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1892.
42. SANTOS, Roselys Izabel Corrêa dos. A colonização italiana no Vale do Itajaí-Mirim. Florianópolis: Edeme/Lunardelli, 1981.
43. SANTOS, Viviane dos; SOUZA, Elaine Cristina de. Movidos pela esperança: a história centenária de Ilhota. Itajaí: S&T, 2006.
44. SERPA, Elio; RAMOS FLORES, Maria Bernadete. Catálogo de documentos avulsos manuscritos referentes à Capitania de Santa Catarina – 1717 – 1827. Florianópolis: edufsc, 2000.
45. SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim. Porto Alegre: Movimento; Brusque: SAB, 1974.
46. SANTOS, Antônio Henrique dos. O Vale do Rio Taia-Hy – levantamento de aráceas e dioscoreáceas comestíveis no Litoral Norte Catarinense. Florianópolis: 2005. Acesso na internet em 09 de maio de 2008 no endereço www.cipedya.com/web/filedetails.aspx?IDFile=153862.
47. SILVA, Afonso Luiz da. Itajaí de ontem e de hoje. Brusque: Mercúrio/O Município, 19[..]

48. SILVA, José Ferreira da. As terras do Itajaí Mirim e Vasconcelos de Drummond. Blumenau em Cadernos, Tomo VI, 1963. v. 4.
49. SILVA, José Ferreira da. A colonização do Valle do Itajahy – notas para a história dopovoamento e cultura do valle do maior rio do litoral catharinense. Blumenau: Correio de Blumenau, 1932.
50. SILVARES, José Carlos. Naufrágios do Brasil: uma cultura submersa. 1.ed. São Paulo: Cultura sub, 2010.
51. SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Itajaí quer dizer: pedra laminada in: Blumenau em cadernos, Tomo X, nov/1969, n. 11, p. 218-220.
52. SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido; DA SILVA, José Ferreira; Moraes, Gil. Itajai. São Paulo: Escalibur, 1972.
53. SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Cartas in: Blumenau em Cadernos, Tomo XXXI, n. 01, p. 23-4.
54. SOUZA, Cláudio Bersi de; SERPA FILHO, Gentil Abílio. Penha – a história para todos. Florianópolis: Paralelo 27, 1995.
55. THOMÁS, Cláudio M.; AZEVEDO, Paulo E. de. História do Brasil. Vol I. São Paulo: FTD, 1964.
56. THOMÉ, Nilson. Civilizações primitivas do Contestado. 1.ed.Caçador: IUL, 1981.
57. TOMIO, Telmo José. Obituário itajaiense 1791-1823 IN: Anuário de Itajaí – 2010 – Itajaí: 150 anos. Itajaí: FGML, 2011, pág 444-449.
58. VIANNA, Osório Gonçalves. Navegantes e sua história. [...]: Dehon, [...].
59. VIEIRA FILHO, Dalmo. Santa Catarina 500: terra do Brasil. Florianópolis: A Notícia, 2001.

ENTREVISTAS

1. - Antônio Henrique dos Santos – por telefone em 09 de maio de 2012
2. - Darlan Pereira Cordeiro, Arquivo Histórico de Itajaí em 01 de julho de 2011.
3. - Edison d'Ávila, Palácio Marcos Konder em 23 de junho de 2010.
4. - Isaque de Borba Corrêa, aldeia M'BIGUAÇU em 02 de julho de 2010.
5. - Ivo Pereira, Hotel e Restaurante Panorama em 29 de junho de 2011
6. - Josué Casemiro de Oliveira no Grêmio XXI de Julho em 09 de junho de 2012
7. - Lino João Dell'Antonio, residência Balneário Camboriú em 29 de junho de 2011
8. - Natanael Vieira, Superintendência do Porto de Itajaí em 08 de setembro de 2010
9. - Paulo Maes, Lanchonete da Bete em 27 de junho de 2011.
10. - Silvestre João de Souza Júnior, Supermercado Angeloni em 05 de dezembro de 2011
11. - Silvestre João de Souza, Supermercado Angeloni em 05 de dezembro de 2011
12. - Sueli Maria Vanzuita Petry, Fundação Cultural de Blumenau em 13 de dezembro de 2011
13. - Wanderley Carai Svydju, aldeia M'BIGUAÇU em 02 de julho de 2010.
14. - Selmo Braz Galm – Superintendência do Porto de Itajaí em 31 de maio de 2012
15. - Maria do Carmo Bauer de Oliveira – Rua Indaial em 25 de agosto de 2012.
16. – Luiz Fórbici, Noemi Rodrigues Evangelista e Pedro Evangelista – Estrada Geral de Brilhante em 13 de junho de 2012.

ANEXO I

Norberto Cândido Silveira Júnior

Blumenau em cadernos. 12 novembro 1989. Tomo XXXI, jan/1990, n. 01, p. 23-4.

CARTAS

Do estimado amigo Silveira Jr. Recebemos o seguinte:

“Florianópolis, 12 de novembro de 1989.

Meu caro confrade JOSÉ GONÇALVES

Acabo de ler no último “Blumenau em Cadernos” a versão do nosso comum amigo Hermes Justino Patrianova segundo a qual o topônimo **Itajaí** significa “rio do jaó de pedra”. Esse jaó seria a pedra existente na estrada de Cabeçadas, conhecida por “bico do papagaio”. É uma versão nova do discutido topônimo, mas creio que não encontra justificativa nos fatos. Pessoas antigas que ouvi, em 1949, quando publiquei um estudo sobre o assunto, me garantiram que a forma atual de um bico de ave que tem aquela pedra foi o resultado de repetidos desbastes que a mesma sofreu, quando, no começo do século, foi aberto o acesso a Cabeçadas. Por outro lado, segundo exaustiva pesquisa do Padre Raulino Reitz, publicada no “Anuário de Itajaí de 1949”, o topônimo **Itajaí**, com várias versões gráficas, aparece desde o século XVII, mas aqui há um detalhe muito importante: praticamente, com raríssimas exceções, antes do século XIX, não se grafava o topônimo **Itajaí** e sim **Tajaí**.

Se aceitarmos o fato de que os indígenas chamavam o nosso rio de **Tajaí**, não há dúvida de que seria então **rio dos taiás**, que é um arbusto de tubérculos comestíveis, também conhecido por taioba; mas se aceitarmos a atual grafia, com **i** inicial, então as coisas se complicam. Procurei em Assunção a maior autoridade talvez mundial em guarani, o professor Reinaldo Decoud Larrosa, que me afirmou: “Se os índios chamavam o rio de **Itajaí**, então estamos diante da expressão guarani ITA-JÁ-AI, que significa **pedra laminada**, uma ardósia muito encontrada no município de Ilhota, também conhecida por pedra de amolar.

Mas eu, meu caro José Gonçalves, me inclino a aceitar a versão de que o “i” inicial foi acrescentado no fim do século XVIII por viajantes e colonizadores europeus que imaginaram que **Tajaí** era um erro de pronúncia dos nativos, já que o prefixo “ita” (pedra) ocorre com muita frequência na toponímia do litoral catarinense: Itapema, Itajuba, Itaperiu, Itapocorói, etc.

É a minha colaboração ao seu excelente Blumenau em Cadernos. Este assunto se acha muito mais explicitado no meu trabalho “Anuário de Itajaí de 1949”, que suponho existir na Biblioteca da Fundação “Casa Dr. Blumenau”, ou no Itajaí 1972, também de minha autoria, que se encontra na Biblioteca Pública de Florianópolis.

Um grande abraço do amigo

Silveira Júnior

ANEXO II

Hermes Justino Patrianova

Blumenau em Cadernos, Tomo XXXI, ago/1990, n. 08, p. 185-7.

TAIÁ X TAIOBA

Começamos, hoje, transcrevendo e comentando escritos de outros autores sobre Taiá e Taioba.

Enciclopédia Brasileira Méritos: “TAIÁ – S. m. – **brasileirismo** – TAIOBA”.

Errado: O taiá tem folhas e talos verdes e tubérculos finos, compridos e ardidos.

“TAIOBA – S. f. – Botânica Erva da Família das **Aráceas**, do Gênero Xantossoma. No Brasil encontram-se as espécies: X. Sagitifolium, Schott, originárias das Antilhas. Alcança até 2,60 m de altura; folhas sagitiformes; rizoma pequeno, fino, comestível depois de cozido, doce e de valor nutritivo cerca de duas vezes superior ao da batatinha. Produz polvilho. As folhas novas substituem as couves. A parte interna das raízes cruas produz na língua um prurido devido à grande quantidade de agulhas cristalinas de oxalato de potássio que penetram na mucosa. Todavia, esses cristais desaparecem com a cocção. Também chamada **taro** e **mangarito**. / X. violaceum, Schott, de rizoma igualmente comestível.

“TAIOBA – S. f. – botânica Ihame-taioba”.

COMENTÁRIO: As folhas novas e também as mais velhas podem substituir as couves. Todas podem substituir as couves. Todas as partes da raiz, cruas, ardem na nossa língua, conforme o enunciado. Temos dúvida quanto ao inhame-taioba ser a mesma taioba: os inhames são originários da Ásia Menor e da África e não têm nomes tupis.

Grande e Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Laudelino Freire e J. L. de Campos: “TAIÁ, S. m. – O mesmo que taioba”.

NEGATIVO. Veja “TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA”, no final deste artigo.

Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa, de Francisco da Silveira Bueno: Taiá – Não menciona essa planta arácea.

“TAIOBA – S.f. – Planta herbácea do Brasil. O sábio Von Martius traduz por **caládiu colocásia esculenta...** Palavra tupi **tayá-oba**, propriamente **folha de tayá**.

DISCORDANDO: A taioba não é do Brasil, pois, veio das Antilhas de onde é originária. Não é **caládim**, nem **colocásia esculenta**, mas xanthosoma violácea. Não se traduz por **taiá-oba** que signifique **folha de taiá**, mas sim por **tái’ + oba**, que quer dizer **folha-picante**. Veja a transcrição do nosso livro inédito – TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA, no final deste artigo.

Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Cândido de Figueiredo: “TAIÁ – F. (V. taioba)” / “TAIOBA, (ta-i) f. **Brás**. Planta aráceas, o mesmo que jarro”.

CONTRARIANDO: Taiá não é o mesmo que taioba. Jarro é corruptela de **aro, saro, taro, jaro**, que deu **aráceas** e significa a Família do taiá, da taioba, do cará, do inhame, etc.

Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi, de Antônio Geraldo da Cunha: TAIÁ – Não menciona taiá, porque entende que é variação e taioba. “TAIOBA – Planta da família das aráceas, cujas folhas, picadas e cozidas, são comestíveis e se assemelham à couve; tajá”.

COMENTÁRIO – Há transcrições de antigos autores, que não têm muita importância e, por isso, não merecem referência. Discordamos que taiá seja a mesma taioba.

TOPÔNIMOS BRASILEIROS com tradução dos de Origem Indígena, de Hermes Justino Patrianova, inédito, de onde transcrevemos Topônimo TAIOBAS.

TAIOBAS – Morro da Faixa Norte-Oriental do Estado de Minas Gerais, localizado no Município de Bocaiúva; um Ramo da Serra da Bala do Maciço da Serra do Mar.

ORIGEM TUPI: TAIOBA (Erva da Família das Aráceas (Xanthosoma violaceum, Schott), originária das Antilhas, de folhas sagitiformes, violáceas, de rizomas tuberculiformes, comestíveis; ao contrário do **taiá**, da mesma procedência, que se comem as folhas; pois a **taioba** tem folhas altamente picantes ou, porque não dizer, causticantes; trazidas para o Brasil alguns anos depois da Descoberta) = TAIOBA, que se decompõe em: (T)ÁIA = TÁIA = TÁI’ (Ácido, azedo, ardido, picante, travento, adstringente, travoso) + OBA (folha) + FOLHA QUE ARDE = FOLHA QUE TRAVA = FOLHA QUE PICA = TAIOBA + S (Plural português) = TAIOBAS.

Decomposição de TAIÁ: (T)AIA = TÁIA – TÁI’ (Adstringente, picante, travento) + Á (contração de YBÁ (fruto, fruta, batata, tubérculo) = TUBÉRCULO ADSTRINGENTE = BATATA PICANTE (POR ISSO QUE SE COME A FOLHA) = TAIÁ.

Plínio Ayrosa – PRIMEIRAS NOÇÕES DE TUPI – TAIOBA(S) – (Taiá-oba) – a folha de taiá”.

Errado: TAIOBA significa a folha que arde, a folha que pica, folha que trava, nome dado pelos índios à taioba ou taiá roxo, anos depois da Descoberta do Brasil, quando essas plantas (taiá e taioba) foram trazidas das Antilhas, onde são nativas.

Antônio Geraldo da Cunha – Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi – “TAIOBA – TUPI – Taia’oua, de Ta’ia (Tajá) + Oua (Folha). Planta da Família das **Aráceas**, cujas folhas, picadas e cozidas, são comestíveis e se assemelham à couve; tajá”.

NÃO. As folhas de **taioba** não são comestíveis, por serem muito picantes, o que não acontece com os tubérculos, que são batatas de excelente sabor. O contrário acontece com o **taiá**, que tem as raízes um pouco picantes (podendo ser comidas, não obstante) e as folhas verdes (não roxas), tão saborosas como a couve, sejam fritas, cozidas ou ensopadas”.

NOTA ADICIONAL: os inhames pertencem à mesma Família, mas de Espécies diferentes, havendo algumas Espécies comestíveis, como o **INHAME DE SÃO TOMÉ**, que veio da África, e o **INHAME JAPONÊS**, que se comem cozidos e no pão.

Hermes Justino Patrianova

ANEXO III

Hermes Justino Patrianova.

BLUMENAU EM CADERNOS, Tomo XXXI, fev/1990, n. 02, p. 56-8.

CARTAS

Itajaí (Rio do Jaó de Pedra), 10-02-1990

Exmo Sr.Dr.José Gonçalves

DD. Diretor da Revista “Blumenau em Cadernos” – Cidade Jardim = Campo de Flores = Blumenau

BLUMENAU – SC

Lemos com a atenção que nos merecem todos os escritos do prezado Colega Silveira Júnior, a carta estampada às páginas 23-24 da nossa querida “Blumenau em Cadernos”, referente a janeiro deste ano de 1990 ...

2 – reafirmamos que o Topônimo ITAJAÍ significa RIO DO JAÓ DE PEDRA ! Esse jaó é o pássaro de pedra da capa do nosso PEQUENO LIVRO, que jamais poderá ser papagaio, pois tem bico retilíneo, diferente, portanto dos Psitacídeos, os quais são de veras aduncos ou conirrostrós.

3 – Pessoas antigas ouvidas pelo Colega Silveira Júnior, em 1949, não são diferentes das que temos ouvido na década de 90 (1981 a 1990): muitas delas ainda repetem a mesma versão de que o jaó de pedra nasceu da dinamitação do Morro, quando da passagem da Estrada para Cabeçudas (1944), sem o menor pejo.

4 – TAJAÍ “aparece desde o século XVII”; “praticamente, antes do século XIX, não se grafava o Topônimo ITAJAÍ e sim TAJAÍ”.

Pela informação do nosso prezadíssimo amigo Dr. José Alberto Barbosa, baseado no Botânico Alarich R. Schulze (Botânica Sistemática – volume II), o TAJAÍ (SEM CONFUSÃO COM TAJIOBA), NÃO É BRASILEIRO. E já em 1587 havia chegado a Bahia, conforme o Hisotirador Gabriel Soares e Souza (Notícias do Brasil). Segundo Ambrósio Fernandes Brandão, em seu “Diálogo das Grandezas do Brasil” (Pesquisa do nosso amigo J. A. Barbosa, que muito agradecemos, em 1618, tanto o taiá quanto a taioba, já haviam atingido outros setores do nosso País... Sobre os tinhorões, entretanto, entendemos que não se podem confundir com o taiá, embora sejam da mesma Família, pois estes são comestíveis e aqueles servem apenas para ornamentação habitacional, sendo, até mesmo venenosas algumas Espécies dessas **(t)ara(s)**. – **O taiá veio das Antilhas.**

5 – “...RIO DOS TAIÁS, que é um arbusto conhecido por taioba...”! respondemos: o taiá, que é uma erva de talos grossos e folhas verdes, estas que são comestíveis, uma vez que os seus tubérculos, finos, como dedos, são ardidos à nossa língua. Por isto, a composição do seu nome é: TAIA = TAI’ (Ardido, picante, adstringente, que arde, que pica) + À (Contração de YBÁ (Fruta, tubérculo, raiz, batata) = FRUTA QUE PICA = TUBÉRCULO QUE ARDE = RAÍZ QUE ADSTRINGE = BATATA PICANTE = TAIÁ.

A TAIOBA, da mesma Família, é bem diferente: tem talo muito grande e roxo, folha maior que a do taiá, também cordiforme, roxa, picante e sumamente ardida, por isso que se come o tubérculo e não a folha, como a do taiá, e compõe-se de TAIA = TAI’ (Ardido, picante, adstringente, que arde, que pica) + OBA (folha) = FOLHA QUE ARDE = FOLHA QUE PICA = FOLHA ADSTRINGENTE = TAIOBA.

Do taiá come-se a folha,
Em guisado, à feijoadá;
Da taioba, sem escolha,
Só se come a batatada.

Há grande diferença entre ambas as duas ervas aráceas.

6 – Larrosa – “ITA-JÁ-ÁI” que significa pedra laminada, uma ardósia muito encontrada no Município de Ilhota, também conhecida por pedra de amolar”.

Contestando, ITA não é Tupi nem Carani (Guarani); ITÁ é pedra, mas JÁ AI, veja o que quer dizer: JÁ (ele, ela, eles, elas, os) e AÍ (Mal, chaga, ferida, podridão, ruim, mamãe, mano). Temos o substantivo imperfeito PEDRA; onde está o adjetivo LAMINADA? E, a final, PEDRA DE AMOLAR, em Tupi como em Carani, é ITACUÍ = ITAQUI = ITAQUÍ, de ITÁ (Pedra) + CUI (Farelo, pó, farelento, poeirento) = PEDRA FARELANTA = PEDRA POEIRENTA = PEDRA DE AMOLAR = ITAQUI.

Já fomos chamados, amistosamente, pelo Colega e amigo Dr. Enéas Athanázio, de “INIMIGO DOS CHUTES” ... e continuamos, porque não os admitimos.

Cabe, aqui, parte da resposta que demos, antes, a valiosíssimas pesquisas efetuadas, em nossa ajuda pelo grande amigo Escritor-Historiador-Tupinólogo, Dr. José Alberto Barbosa, Promotor de Justiça aposentado e Advogado em Jaraguá-do-Sul –SC: “não devemos continuar a procurar cabelo em pele de rã: temos um marco que data de milhões de anos e que deu nome a ITAJAI – o jaó de Pedra”.

Com grandes abraços aos amigos José Gonçalves, José Alberto Barbosa, José Athanázio e Silveira Júnior, ex-corde,

Hermes Justino Patrianova

ANEXO IV

Marcos Konder

A pequena pátria. [...]: Dehon, [...]. pags 34-5.

“QUAL O VERDADEIRO NOME DE ITAJAÍ

A propósito desta denominação consultei, em 1943, o saudoso cientista e professor Roquete Pinto. Eis a resposta e os dados enviados.

“Rio, 17 de dezembro de 1943.

Meu caro amigo sr. Marcos Konder.

Só agora posso responder à sua carta, porque só agora encontro o artigo do Sr. Padberg a respeito de Itajahy. Está publicado no Boletim do Museu Nacional – Vol. VIII. 1932.

O artigo, porém, pouco adianta sobre o que dizia o velho Martius no seu Nomina Locorum do Brasil. Em 1863: Itajahy – Tajá – erva; hy – água: fluvius herbae Taiá. Seja: Itajahy – rio das Taióbas.

Com meus votos de ano bom envio-lhe os meus afetuosos cumprimentos.

(Ass.) Roquete Pinto.”

Escrito em alemão e publicado no “Urwaldsbote” de Blumenau havia a seguinte explicação. A tradução é a seguinte: (feita pelo próprio Marcos Konder)

“O Itajahy. Motivado por uma carta do sr. José Ferreira da Silva de Blumenau, publica o sr. A. J. A. Padberg-Drenkpol no Museu Nacional do Rio um interessante estudo sobre o nome do rio, nas margens do qual está situado Blumenau, sobre o nome Itajahy. Segundo a explanação, entram em conta duas explicações do nome. Podia-se deduzir o nome da palavra tupi **ita**, isto é, rochedo, e **Y**, isto é, água, rio, o nome poderia ser interpretado como o rio do rochedo. Mas esta explicação seria dificultada pelo **Já** ou **Yá** entre **Ita** e **Y**. Então o nome do rio seria simplesmente Itahy, uma denominação que aprece no Brasil com frequência. Em caso de necessidade poderíamos ligar a designação Tupi com os peixes-escorpiões, o que daria a Itajahy a interpretação do rio do **Itajaí** ou **Itajara**. Esta explicação seria muito rebuscada. O sr. Padberg dá por isso a preferência o “I” do princípio como uma intromissão, o que significaria o nome “**Tajahy**” o **rio Taiá**. O taiá é aqui conhecido por todos como uma planta herbacea, cujas raízes substituem as batatas e cujas folhas designam o gênero dessas plantas **Arum** de uma grande quantidade de diversas espécies, entre as quais o nome **Ngams** ou **Inhame**. A interpretação do sr. Padberg tem a seu favor que o rio em documentos antigos chamava-se **Tajahy Taujaujé, Tayajug, Tajabug, Tayahy** e somente na primeira quarta parte do século passado tornou-se mais usado o nome Itajahy”.

A esta explanação eu devo acrescentar o seguinte: Nas cartas marítimas inglesas da costa do Brasil o rio Itajaí figura como Taiahy. A mesma designação em lí num mapa antigo de relíquias históricas que estava exposto numa papelaria da rua da Quitanda no Rio de Janeiro. Com as mudanças feitas para satisfazer a reforma da ortografia fonética devia-se, a meu vêr, ter conservado a palavra tupi”.

Marcos Konder.

ANEXO V

NORBERTO BACHMANN. Jornal do Povo de 23 de janeiro de 1949.

“SOBRE A ORIGEM DA PALAVRA ITAJAÍ

Discutiu-se, recentemente, pela imprensa local, a etiologia do toponimo Itajaí, sendo admitidas as hipóteses seguintes:

- 1) Rio cheio de pedras;
- 2) Ó, que água excelente
- 3) Rio dos taiás

prevalecendo, parece, a última.

Encontrei, agora, no livro de Cal Friederich Phil. Von Martius, *Glossaria Linguarum Brasiliensis*, editado em Erlangen, no ano de 1863, além da interpretação *taja-hy*: fluvius herbae taiá, mais esta: *Taixi*: formiga vermelha e *hy*: água, ou seja rio das formigas.

Nunca me conformei com a tradução corrente dada ao nome taiá, como sendo igual à pimenta, pois nem os tubérculos, nem as folhas tem sabor picante. Encontrei em Martius que o termo significa couve, o que é muito mais consentâneo com o uso das folhas tenras que se preparam a jeito de espinafre ou couve à mineira ... Já li alhures, não me recordo mais onde, a mesma interpretação.

Aliás, sobre taiá, taioba, mangará, cará, inhame que são dados como sinônimos, há muito que pesquisar. Já apelei ao Revmo. Sr. Padre Raulino Reitz, neste sentido. Conheço taioba como variedade, cujos tubérculos, estes sim de sabor acre, se dão cozidos como alimento aos porcos. A diferença aparente está nas folhas que tem outro formato.

Sobre este assunto, aguardo o parecer dos competentes.

Norberto Bachmann.

ANEXO VI

SILVEIRA JÚNIOR e MARCOS KONDER

Anuário de Itajai 1949. Pag. 70-73

“RIO DAS PEDRAS OU DOS TAIÁS?”

Muito se tem escrito sobre as verdadeiras origens da palavra “Itajai”. O nome, tal qual se escreve hoje, não padece dúvida que significa “rio pedregoso” ou qualquer outra forma equivalente. Resta, porém, saber se os índios, realmente chamavam o nosso rio de “Itajai” ou de “Tajai”. Tudo faz crer que usavam a segunda versão ou seja “rio dos taiás”.

Nesta coletânea transcrevemos trechos de trabalhos que são verdadeiros depoimentos de vários estudiosos do assunto. Reunindo-os e citando-lhes as procedências, desejamos facilitar aos futuros pesquisadores fontes de consulta sobre o tão debatido significado desse topônimo.

As provas em favor da versão “rio dos taiás” se avolumam e ganham foros de legalidade. Mesmo assim, aquele mofino “i” que adicionaram ao começo da palavra será sempre uma pedra na bota dos estudiosos da toponímia nacional...

vamos, pois, aos depoimentos:

“Ora, precisamente êsse “i” é um intruso que apareceu, pelo menos, há uns cem anos, com a fundação duma colônia na foz por Drumond em 1820 e a subsequente criação da paróquia do “Santíssimo Sacramento de Itajahy” em 1833. Antes dessa época, quando vemos, o nome começava sempre com “t” e só depois generalizou-se o uso ou abuso de lhe anteporem um “i”. Achamos, por exemplo, em 1845 Itajahi e ainda Tajahi (Milliet St. Adolphe, Dicc. Geogr. Do Brasil). 1827, Itajahy (Menezes de Drumond no Journal des Voyages); 1822, Tajay (Memórias Hist. do Rio de Janeiro, IX, 268); 1817, Tajahy e Thajai (Ayres Casal, Corografia Brasileira, I, 57, 188, 204); 1816, Tajahi (Paulo Miguel de Brito, Mem. Política sobre S. Catharina); 1767, Tujuy (Carta do Vice-rei ao Gov. De S. Paulo, citada por Lucas Boiteux, Notas para a História Cat., pagina 243)”. (exerto de um longo trabalho de J. A. Padberg-Drempkol, in “Revista de Philologia e de História”, Tomo I pgs. 427 e segs.)

“... por não ter terras para empregar na Agricultura hum suficiente numero de Escravos que tenha, sendo alias tão necessarios para o suplimento de sua numerosa família me pedia pellos requerimentos e despaxos correntes que me apresentava lhe concedesse para Seu melhor estabelecimento, centro e trinta e trez braças de terra sde frente com mil quinhentas de fundos que se achavam devolutas no logar denominado Canto da Praia de Itajahy”. (trecho de um escritura de doação de sesmaria datada de 1806. Arquivo da Diretoria de Terras de S. Catarina).

“... o vocábulo pode, portanto, ter sido inicialmente formado por elementos de pronúncia quase análoga à atual, como, por exemplo, Ité-ja-y, e que em virtude das formas peculiares à construção de línguas tão diferentes da nossa, em vez de serem consideradas de per si – do que resultaria apenas uma frase sem sentido: (excelente, que água!) formariam, no seu conjunto harmônico a expressão bem significativa: “que água excelente”. (Do trabalho “Nos caminhos da semântica” de Arnaldo S. Thiago, estampado em “A Notícia”, de Joinville de 12-5-48)

“... sitas neste Rio de Itajahi Grande no lugar Chamado Estaleiro” E no fecho: “Rio de Itajahy 2 de abril de 1824”. (De uma escritura de doação de terreno onde se localiza a Igreja Matriz, transcrita no “Jornal do Povo” de 14-4-46).

“Itajaí como localidade sempre foi grafado “Itajai”. Antes de 1820, todas as cartas geográficas e documentos grafam Tajahy, ou mesmo Tajahug e Tayabeuhy. Note o leitor que mesmo nas variantes, a parte inicial do termo (“Taiá”) fica invariável. Vejamos alguns documentos:

“Sec. XVI – Nenhuma referência existe sobre o nome “Tajai” na toponomástica da costa catarinense do século XVI.

“Sec. 17 – Duma referencia minuciosa da “Costa do Governo do Rio da Prata até o Brasil”, feita segundo as noticias de Emanue Figueredo (português) e de Theodoro Reuter (holandês) que atribuo ao Sec. XVII, transcrevo o seguinte: “Do Cabo Mandiu, segundo Figueredo, o Nordeste para os que seguem a costa, encontra-se uma bahia que os portugueses chamam Enseada das Garoupas e daí uma costa alta, até o rio que os índios chamam de Tajahug até o S. Francisco o mesmo navegante conta 27 leguas ...”.

“1722 – Num mapa do Paraguai e zonas limitrofes feito pelos jesuitas da Provincia do Paraguai está assinalado o nome “R Tayabeuy” para o nosso rio Itajai.

“1818 – Numa exposição feito pelo deputado por S. Catarina, em 15 de maio de 1818 ao rei de Portugal, Antenor Menezes de Carvalho, quando fala do rio Itajai escreve: “ ... e o famoso Tajay, alem da enseada das Garoupas ...”

“De 1820 para cá a grafia de nossa cidade sempre aparece como hoje-Itajaí”.

“Analisando o termo “Tajai” ou “Taiá-i”, temos em primeiro lugar a palavra taiá, sinônimo de taioba (nome usado no centro e norte do Brasil) que no seu sentido primitivo é uma planta herbácea nativa, de folha grande e sagitada, família das aráceas, também conhecida por tarro, talo, pé de bezerro ou jarro (*Xanthosma sagittifolium* Schott, *Xanthosma violaceum* Schott). O nome desta planta passou para o nosso conhecido taiá de folhas igualmente sagitadas e grandes rizomas comestíveis, muito rico em matérias amiláceas, natural das Indias Orientais e do arquipélago malaio, e introduzida no Brasil pelos europeus. Foi chamada taiá porque é semelhante ao nosso taiá nativo e casualmente pertence à mesma família das aráceas.

“O “i” ou “hy” significa água, rio”. (Do extenso e bem documentado artigo “Itajai significa rio dos taiás” do Padre Raulino Reitz, publicado no “Jornal do Povo” de 25-4-48).

“... no célebre mapa Garaffa oferecido pelos Jesuitas do Paraguai ao R P Vicenzo Garaffa, VII Geral da Companhia de Jesus, supondo Rio Branco que o trabalho tenha sido delineado entre os anos de 1637 e 1641, encontra-se a designação R. Taiabug; nos segundo e terceiro mapas do Paraguai, de 1722 e 1732, respectivamente, persiste o elemento taia na forma Tayabuy, em ambos registrada; no Mapa do Paraguai por d’Anvile datado de 1733, constante do tomo XL das Lettres Edifiantes, ja se encontra a forma Tajahug, tendo o **J** o som de **I** e no Mapa das Cortes, datado de 1749, no Mapa de los Confines de las dos Coronas de España y Portugal em la America Meredional de 1760, e no Mapa Geografico de America Merydional, feito e gravado por Ormedilla, em 1775 – verifica-se a fixação da forma Tajai”.

O autor dêste artigo também registra a forma “Tahei, usada por Manoel Gonçalves de Aguiar num documento datado de 1711.

E termina:

“O documento mais antigo que consegui encontrar no Arquivo da Diretoria de Justiça, e no qual já figura a forma Itajahy data de 1799 e é do seguinte teor: “Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. Diz Joaquim Francisco de Salles e Mello, Capitão, Governador da Fortaleza de Santa Catharina, que elles pertende que Vossa Excellencia se digne conceder-lhe por Sesmaria huma legoa de terras em quadra no rio Itajahy-merim, fazendo frente ao Su do mesmo rio, com fundos ao Norte, confrontando pela parte Leste com terras que anda requerendo o Capitão Manoel Antonio Tavares: e pela parte de Oeste com terras devolutas, para neste lugar construir uma fabrica de assucar para seu interesse e dos Reaes Dizimos, portanto: Pede a Vossa Excellencia se digne conceder-lhe no Real Nome de Sua Majestade o terreno que suplica, e receberá merce. Despacho. Informe o Tenente Coronel Governador, ouvindo por escrito a Camara e ao Intendente de Marinha. Rio, 30 de agosto de mil setecentos e noventa e nove. Com rubrica do Senhor Conde, Vice-Rei”. (Do trabalho “A propósito do topônimo Itajai”, de Carlos da Costa Pereira, publicado em “O Estado”, de Florianópolis, de 18-4-48).

“ ...encontrei, agora, no livro de Carl Friederich Phil. Von Martius – Glossaria Linguarum Brasiliensis – editado em Erlangem, no ano de 1863, além da interpretação “tajahy” - fluvius herbae taia – mais esta: Taix: formiga vermelha e hy: água, ou seja: rio das formigas. (Norberto Bachmann, in “Jornal do Povo” de 23-1-49, na nota “sôbre a origem da palavra Itajai”).

ANEXO VII

RAULINO REITZ

JORNAL DO POVO 25 de abril de 1948 p.2

“ITAJAI SIGNIFICA RIO DOS TAIAS

Convidado pelo Dr. Noberto Bachmann, dedicado pesquisador da origem e significado dos nossos nomes indígenas, venho aliar a minha opinião às muitas controvertidas sobre o legítimo significado da palavra “Itajai”.

Certamente meu particular amigo N. Silveira Junior se lembrará, ao ler estas linhas, das saudosas palestras, em horas de lazer, quando trabalhava em Itajaí (1946), em que defendia a tese de que “Itajaí” provem de “Tajaí”, que significa “rio dos Taiás”. E repito, numa expressão “goismonteriana”, desta opinião não me arredo.

Somente existe um rio homônimo do que deu o nome à nossa progressista cidade. Chama-se Itajaí o rio do Estado do Mato Grosso, afluente direito do Ivinheima, cerca de 14 klms abaixo da foz do Vacaria e uns 80 klms, abaixo do rio de S. Bento.

Antes de apresentar argumentos chamo a atenção do prezado leitor sobre a dificuldade em pisar terreno tão difícil como seja a interpretação exata dos topônimos tupi-guaranis, especialmente quando, durante os diferentes séculos, mudaram de grafia. O rio limitrofe, por exemplo, do sul do nosso Estado, denominado Mampituba, desde o descobrimento do Brasil vem tendo diferentes grafias, como Iboipeteni – Iboipethi – mboiyativa – Mambituba – Mambituba e hoje Mampituba.

Um método seguro para solucionar dificuldades que apareçam na interpretação dos nomes indígenas é examinar o critério em que se baseava o nosso autóctone na nomenclatura dos nomes geográficos. Dava o nome aos rios, lagos, montanhas e regiões conforme as utilidades que aí encontrava; e, por vezes também seguindo alguma particularidade notável, ou acidentes naturais, que se relacionavam com seu modo de viver. Assim “Araçatuba” significa abundância de araçás, “Butiatuba”, abundância de butiás, “Curitiba”, abundância de pinheiros, “Imbituba”, areial, lagoa da “Itapema” lagoa da pedra chata, “Itapei”, rio da lage, “Itatinga”, pedra branca, etc; etc.

Julgo, pois, que si “Itajai” significasse “rio das pedras”, seria chamado “Itai”, como temos diversos topônimos brasileiros. De mais a mais, a presença de pedras nas caceiras do rio Itajai não representa nenhuma particularidade, pois, no Brasil, isso é quasi geral. E, na parte inferior do rio não há nenhuma pedra notável.

Com o intuito de solucionar definitivamente o problema da origem e significação do nome “Itajai” acordei velhos documentos da Biblioteca Estadual, do Arquivo Paroquial de Itajai

e outros, já publicados, na Revista do Instituto Histórico e geográfico de S. Catarina, que comprovaram a minha opinião, que o “i” inicial de “Itajai” é puramente eufônico e introduzido posteriormente, talvez pelo próprio Antonio Menezes de Vasconcelos Drummond, quando, em 1820, iniciou o povoado de Itajai, como se poderá deduzir da documentação que apresentarei.

“Itajai, como localidade, sempre foi grafado “Itajai”.

Antes de 1820 todas as cartas geográficas e documentos grafavam “Tajahy” ou mesmo “Tajahug” ou “Tayabeuhy”. Note o leitor, que mesmo nas variantes, a parte inicial do termo (“Taiá”) fica invariável. O “i” terminal, que significa “rio”, às vezes se pronunciava “u” como podemos ver no topônimo “tamarandahú” antiga grafia do rio Tramandaí, no Rio Grande do Sul.

Vejam os alguns documentos:

Sec. 16 – Nenhuma referência existe sobre o nome “Tajai” na toponomástica da costa catarinense no século XVI.

Séc. 17 – Duma referência minuciosa da “Costa do Governo do Rio da Prata até o Brasil”, feita segundo as notícias de Emanuel Figueredo, (português) e de Theodoro Reuter (holandês), que atribuo ao sec. XVII, transcrevo o seguinte: “Do Cabo Mandiú, segundo Figueredo, o Nordeste para os que seguem a costa, encontra-se uma baía que os portugueses chamavam *Enseada das Garoupas* e d’ahi uma costa alta, até o rio que os índios chamam **Tajahug** até o S. Francisco o mesmo navegante conta 27 léguas...”

1722 – Num mapa do Paraguai e zonas limitrofes feito pelos jesuitas da Província do Paraguai está assinalado o nome “**R.Tayabeuy**” para o nosso rio Itajaí.

1816 – Na “memoria politica sobre a Capitania de Santa Catarina” Paulo José Miguel de Brito escreve assim “... o **Tajahy** vai confluir no Oceano pela latitute de 26’58, ... de fôrma hum pequeno e seguro porto com barra, em que podem entrar Curvetas”.

1817 – Na “corografia Brazilica” o P. Ayres Cazal refere-se ao “Itajaí” assim: Perto de tres leguas adiante do rio “Cambory-guassú”, que é Camboriú) está a embocadura do grande **Tajahy**, que tem pouco menos de sessenta braças no lugar da passagem um pouco arredada da praia.

1818 – Numa exposição feita, como deputado por S. Catarina, em 15 de maio de 1818 ao rei de Portugal, Antonio Mendes de Carvalho, quando fala do rio “Itajaí” escreve: “... e o famoso **Tajay**, além da enseada das Garoupas ...”

Além desses documentos, há, na Biblioteca Estadual, diversas cartas geográficas de antes de 1820, que grafam invariavelmente “**Tajahy**”

Analisando o termo “tajai” ou “Taiá-i” temos em primeiro lugar, a palavra “taiá”, sinônimo de “taioba” (nome usado no centro e norte do Brasil) que no seu sentido primitivo é uma planta herbácea nativa, de folhas grandes e sagitadas, família das *aráceas*, também conhecida por “tarro”, “talo”, “pé de bezerro” ou “jarro” *Xanthosma Sagittifolium* SCHOTT,

Xanthosma violaceum SCHOTT). O nome desta planta passou para o nosso conhecido “taiá”, de folhas igualmente sagitadas e grandes rizomas comestíveis, muito ricos em matérias amiláceas, natural das Índias Orientais e de Arquipélago Malaio e introduzida no Brasil pelos europeus. Foi chamada “taiá” porque é semelhante ao nosso “taiá” nativo e casualmente pertence à mesma família natural das aráceas. Cientificamente é chamado *Alocasia antiquorum* SCHOTT. Para diferenciar este vegetal cultivado do silvestre, inicialmente, como em alguns lugares ainda hoje, é chamado “taioba de S. Tomé” ou “Taiá” de São Tomé.”

Já que tratei da família das aráceas, quero dizer algo sobre a planta irmã do taiá, o inhame. Assim creio responder totalmente, por meio deste hebdomadário, à consulta a mim feita pelo Dr. Norberto Bachmann, referida neste jornal.

“Inhame” provem do termo francês “Ignose”, que naquela língua é o nome desta planta tuberosa. Primitivamente, mesmo em francês, era o nome de uma planta (*Dioscorza brasiliensis* WILLD, *D piperifolia* WILLD, i é, folha apimentada) com tubérculos grossos, comestíveis, da família das dioscoreáceas, a qual pertence o nosso saboroso “cará”. Como o “inhame”, por nós conhecido, também tem grandes raízes comestíveis, passou a ser chamado “inhame branco”, “inhame da costa”, ou simplesmente “inhame”. O “inhame vermelho” chama-se *Alocasia indica*, o “inhame assú o ‘i. Gigante”, *Alocasia macrorhizza*, ambos pertencentes à família das aráceas. Existe até o “inhame-taioba” (*alocasia antiquorum* SCHOTT, Var. *Esculeta* ENGL.), que é uma variedade do nosso “taiá”. Os estimados “margaritos” (*Xanthosma Safittifoium* e *X. Violaceum*) pertencem à mesma família que os inhames e taiás.

“Tai”, conforme “arte de la lengua guarany, ó mais bien Tupi” (1876) de P. Antonio Ruiz de Montoya, significa “azedo” ou “picante”. Temos diversas outras plantas indígenas com a mesma formação, como sejam “taioba” “tajabemba”, “tajuva” ou “taiuba” “tajuja” ou “taiuiá”, “tajabemba”, etc.

O sufixo “ã” de “taiá” ou melhor “tai-ia” provem de “iá” que, segundo Montoya, significa dono, possuidor, o u poderemos dizer “igual a”, e, no nosso caso, “igual a pimenta”, ou “igual vinagre”. É frequente a terminação “ã” na nomenclatura indígena dos vegetais, como “tajuja”, “manacá”, “endaiá” “butiá”, etc.

O “i” ou “hy” significa agua, rio.

Deduz-se, pois, que “tai-ia-i” significa “rio dos taiás”, ou “rio das plantas iguais a vinagre” ou “iguais a pimenta”. Combina isto com Montoya, quando escreve que “tayao” é igual a “coles de la tierra”.

De 1820 para cá a grafia de nossa cidade sempre aparece, como hoje “Itajaí”.

1820 – Neste mesmo ano temos o testemunho fidedigno do grande botânico e observador St. Hilaire, muito exato na transcrição dos nomes geográficos. Sobre sua viagem marítima de Armação de Itapocoroia até a Ilha de S. Catarina escreve: “... até a praia de **Itajahy**

navegamos próximo da costa; nessa altura “afastamo-nos para o largo, sem entretanto perde-la de vista”.

1828 – Numa Provisão de 1828, arquivada na Paróquia de Itajaí lê-se: “Faço saber, que sendo-me apresentada na conformidade da Lei de 22 de Sbro. De 1828 o presente compromisso da Irmde, do SS Sacramento da Igreja de **Itajahy**, deste Bispado ...”

1833 – No auto da Posse e Juramento da instalação da Câmara Municipal da Vila de Porto Belo, lavrado em 7 de dezembro de 1833, lê-se: “... e outro o da vila de Porto Belo, compreendendo o Curato de **Itajahy**, a dividir-se do de São Francisco pelo rio Gravatá”.

1860 – Num outro auto exarado em 3 de junho de 1860 escreve-se assim: “Artigo Primeiro – Sera elevada à categoria de Villa a Parochia do Santissimo Sacramento de **Itajahy**, logo que seu Municipales tenham promptificado, a sua custa, casa para sessões da Camara”.

1860 até 1948 – Por mais horas pesquisei o arquivo da Paroquia de Itajaí e observei que o nome “Itajaí” é sempre grafado com “i” eufônico, como também acontece nas coleções de jornais e documentos oficiais.

Por razões históricas, pois, contesto a opinião do eminente mestre Sampaio, bem como o D. J. O. Gay e de Cristovão de Mauricéa, quando afirmam que o topônimo “Itajaí” significa rio das pedras”.

Não quero cair no mesmo erro dos que à primeira vista, querem interpretar os nomes indígenas não examinando mais profundamente o histórico de sua formação, como os que quiseram vêr no topônimo “Bopebra” um nome tupi, quando é apenas um arranjo de justaposição das sílabas iniciais dos três países limítrofes Bolívia, Perú e Brasil.

E “... Scripti, Scribendis” conluo: “Itajaí” significa “rio dos taiás”.

ANEXO VIII

SILVEIRA JUNIOR p. 218-220

ITAJAI QUER DIZER: PEDRA LAMINADA

“Um dos meus secretos desejos de conhecer Assunção era exatamente encontrar lá uma autoridade incontestada no idioma guarani. Como se sabe, o Paraguai é um dos raros países onde o idioma guarani é uma das línguas oficiais. Daí o meu raciocínio primário: lá deve haver um Laudelino Freyre da língua guarani. E de pesquisa em pesquisa, consultando a Biblioteca Nacional, a Faculdade Nacional de Filosofia e os estudantes nas ruas e lojas, encontrei o denominador comum: o homem se chama Reinaldo Decoud Larrosa (pronuncia-se Decô Larôça). A sua fé-de-ofício encheria uma página, mas eu me limitarei a citar êstes títulos: “Doutor em medicina e cirurgia, licenciado em Filosofia, Professor Titular de Língua Guarani da Universidade Nacional de Assunção, Tradutor da bíblia para o idioma Guarani, Autor da Gramática do Idioma Guarani, Professor da Universidade Mackenzie, de São Paulo”.

x – x

Achar êsse homem em Assunção foi mais ou menos como achar Garcia no episódio da guerra cubana ... Mas eu não sou pessoa que recue depois de fazer um plano. À noite, encontrei-o ensinando Teologia na Faculdade Evangélica de Assunção.

- Professor Decoud Larrosa. Eu moro numa cidade brasileira chamada Itajaí ... E faz um século que vivemos discutindo o que essa palavra signifique em guarani. O senhor poderia tirar-nos dessa dúvida?

O professor Larrosa, que é um simpático velhote grisalho, de fala mansa e gestos tranquilos, me mandou sentar e foi direto à resposta:

- Quero que o senhor escreva palavra por palavra o que eu vou ditar. Não esqueça que os índios usavam de grandes circunlóquios para expressar certos pensamentos. E na sua toponímia sempre registravam coisas abundantes na região. Porisso lhe pergunto: “Nas proximidades do rio Itajaí existem pedras laminadas, que se chamam em geologia (e me citou o nome científico que eu não registrei)”?

- Existem umas pedras pretas, que nós chamamos de “pedra de amolar”. Existe até uma localidade com êsse nome nas proximidades da foz do rio – esclareci. Há

também grande quantidade de pedras lamináveis, claras, que se usam em revestimentos de paredes...

O professor me encarou com um sorriso vago, pediu-me para que trocasse o lápis pela caneta, que me emprestou, e continuou:

- Não vá supor que tenho uma palavra mágica para definir êsse topônimo e não quero que os estudiosos da sua terra venham me contestar. Porisso lhe peço que seja absolutamente fiel no que passo a ditar. Vamos decompor a palavra:

ITA – Pedra laminada (êste sentido se deduz da composição da palavra, porque “ita”, por si só, é “pedra” ou “minério”, pois também os metais levam em seu nome o vocábulo “ita”. O ferro chama-se “itaum”, que quer dizer “minério preto” o cobre chama-se “itatã”, etc.)

JA - Significa cimentado ou grudado com cimento.

AI – Quer dizer “feio”. Nome que dão a um cimento irregular, mal formado, de aspecto desagradável e fácil de esfarelar, composto geralmente de lodo e pedras miúdas.

Leu o que escrevi, achou que estava conforme e me disse:

- A palavra quer dizer “pedra laminada” ou “laminável”.

Eu objetei:

- Mas está sobrando um “a”, professor. Pela decomposição, a palavra deveria ser ITAJAAI ...

- Isso se chama “elisão”. Usamos nós e usavam e usam os índios
foi a resposta.

Eu então voltei com outra história:

Mas acontece que uma corrente de estudiosos acredita que a palavra signifique “rio dos taiás”, porque nos primeiros mapas geográficos o vocábulo era grafado “Tajai” ou outras expressões semelhantes, que mantinham sempre o radical “tajá” ou “taiá” ...

- É uma hipótese aceitável – disse o mestre. Mas também é possível que o conquistador branco tenha registrado mal a pronúncia indígena. Há muitos casos semelhantes na toponímia aborígene.

Fêz uma pausa e concluiu:

- Uma coisa é certa: os índios não chamariam o rio de “Tajai”, se nas imediações não houvesse grandes tratos de taiá. E isso é um problema dos senhores ... O que, porém, não resta a menor dúvida é que o topônimo, tal como se escreve hoje, quer dizer “pedra laminada” ou “pedra laminável”. E creio que foi êsse o sentido da sua pergunta: “O que quer dizer Itajai”?

Pela primeira vez, alguém decompunha o nome “Itajaí” sem ligar o “i” final à ideia de “rio” ou de “água”. Porque tudo o que se supunha até agora (rio dos taiás, rio das pedras, água boa, rio das formigas) continha essa conotação. Mas Decoud Larrosa entende que o último elemento etimológico do topônimo “Itajaí” não é vogal “i” e sim o ditongo “ai”.

X-X

Dei-me por satisfeito, agradei e saí para a cidade. Na garagem peguei uma pequena pedra, mostrei-a ao garagista, de olhos oblíquos de índio e perguntei?

- Como os índios chamam a isto?

E êle:

- “Tá” (a pronúncia do “i” quase não se percebia).

Levei a pedra no bolso e perguntei ao garçom:

- Como se chama isto em guarani?

- “Tá” (também com um “i” muito breve).

Conclusão: Se eu fôsse um português do século XVI ou um espanhol do século XVII e o índio me dissesse que o rio se chamava Itajaí (pronunciando o “ita” quase numa sílaba só, soprando o “i” e carregando no “tá”) eu informaria a el-rei que o nome do rio era “Tajai”. Não sei se fui claro. Com isto quero dizer que saí da palestra com o professor Larrosa convencido de que o nome do nosso rio (deu nome à nossa cidade) saí tirado ou das pedras lá de perto da Usina ou daquelas outras do Luiz Bella Cruz, ali nas imediações do Matadouro. Umas pretas, outras claras, mas tôdas elas “laminadas” ou “lamináveis”.

ANEXO IX

Gustavo Konder

A ORIGEM DO NOME DE ITAJAÍ. Blumenau em cadernos p. 94-

Reverendo um velho arquivo de documentos, colecionados pelo meu saudoso pai, Marcos Konder, encontrei uma carta interessante do eminente sábio Dr. E. Roquette Pinto, em resposta à consulta que lhe fez em 1943 sobre o verdadeiro nome de Itajaí e que transcrevo para o conhecimento dos meus conterrâneos e leitores.

Eis a íntegra da carta:

“Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1943. - Meu caro amigo Sr. Marcos Konder – Só agora posso responder à sua carta, porque só agora encontro o artigo do Sr. Padberg a respeito de Itajaí. Está publicada no Boletim do Museu Nacional – Vol. VIII – 1932. O artigo, porém, pouco adianta sobre o que dizia o velho Martins no seu *Nomina locurum* do Brasil, em 1863: - Itajahy – Tajá-erva; Oy-água: - *fluvius herbae taiá*. Seja: Itajahrio das Taiobas. Com os meus votos de ano bom envio-lhe os meus afetuosos cumprimentos. (Ass.) - Roquette Pinto.

“O Itajahy”, motivado por uma carta do Sr. José Ferreira da Silva, de Blumenau, publica o Sr. A. J. A. Padberg-Drenkpol no Museu Nacional do Rio um interessante estudo sobre o rio, nas margens do qual está situado Blumenau, sobre o nome Itajahy. Segundo a explanação, entram em conta duas explicações do nome. Podia-se deduzir o nome da palavra tupi ITA, isto é rochedo, e Y, isto é, água, rio, o nome poderia ser interpretado como o rio do rochedo. Mas esta explicação seria dificultada pelo já ou YA entre ITA e Y. Então o nome do rio seria simplesmente ITAHY, uma denominação que aparece no Brasil com frequência. Em caso de necessidade poderíamos ligar a designação Tupi com os peixes-escorpiões, o que daria ITAJAHY a interpretação do rio ITAJA ou ITAJARA. Esta explicação seria muito rebuscada. O Sr. Padberg dá por isso a preferência a uma outra explicação. Ele considera o “I” do princípio como uma intromissão, o que significaria o nome “TAJAHY” ou TAIÁ. O taiá é aqui conhecido por todos como uma planta herbacea, cujas raízes substituem as batatas e cujas folhas o espinafre. A palavra do tupi designa o gênero dessas plantas *arum* de uma grande quantidade de diversas espécies, entre as quais o nome *Ngams* ou *Inhame*. A interpretação do Sr. Padberg tem a seu favor que o rio em documentos antigos chamava-se:- TAJAY, TAUJAJÉ, TAYAHUG, TAJABUG, TAYAHY e somente na primeira quarta parte do século passado tornou-se mais usado o nome de ITAJAHY”.

Em baixo deste documento, o meu pai (Marcos Konder) anotou ainda o seguinte: - Nas cartas marítimas inglesas da costa do Brasil, o rio Itajaí figura como TAIAHY. A mesma designação eu li num mapa antigo de reliquias históricas que estava exposto numa papelaria da Rua Quitanda no Rio de Janeiro. Com as mudanças feitas para satisfazer a reforma da ortografia fonética devia-se, a meu ver, ter conservado a palavra tupi. M.K. “ ...

ANEXO X

Almirante Lucas A Boiteux

Blumenau em Cadernos p.23-5

O RIO ITAJAI – O desvendamento da Costa – Mapas e Portulanos do tempo – Nomenclatura litorânea – Morfologia do nome.

“A costa catarinense, como sabemos, foi descoberta e perlongada a primeira vez entre os anos de 1501-1502, por nautas portugueses.

Das expedições que tiveram por chefes André Gonçalves e Gonçalo Coelho, raros topônimos dos sítios particularmente observados foram, desde logo, incorporados aos monumentos cartográficos da época e que chegaram até nós. Da expedição castelhana de João Dias de Solis (1515-16) nenhum prevaleceu. Mui naturalmente, receosos de naufrágio em “mares nunca dantes navegados”, os nautas d’outrora ao perlongarem-na deram bom resguardo à costa, só dela se apropriando, cautelosos, ao cantar monótono do prumo na mão, quando careciam de viveres, aguada e lenha, de uma escapada ao mau tempo ou para reparar avarias.

Só mais tarde, com o escoar do tempo, estimulados pelos atrativos da terra exuberante, as explorações litorálicas se foram praticando com mais vagar e maiores afoiteza e minudência.

Os poucos mapas, portulanos e roteiros dos primeiros anos da descoberta, que por felicidade rara alcançaram os nossos dias, são, todavia, falhos, omissos, confusos, quanto à nomenclatura e sua situação verdadeira no trecho costeiro por nós visado neste simples estudo. Apesar dessa carência e confusão toponímicas julgo, no entanto, encontrar em o famoso mapa dos Reinel (pai e filho), executado em Lisboa em desenho não muito escoreito, mas sobrepujando os coevos na nomenclatura, a mais remota referência ao rio que nos preocupa. A referida preciosidade cartográfica, aparecida por 1515, demonstra ter incorporado o resultado “de mais de uma investigação para as bandas do sul”, no parecer do douto inaciano Padre Hafkemeyer.

Assim é que da inspeção cautelosa que nela fizemos, no trecho considerado do ribamar catarineta, nossa atenção foi atraída para um *R. Das Voltas*, situado aos 26°35’ de latitude sul. Como é do nosso conhecimento, o *Rio Itajaí* (principalmente o *Mirim*) apresenta desde a sua embocadura, um curso assaz sinuoso. Testemunha-o nestas palavras Almeida Coelho, baseado em Van Ledé, em sua apreciada ‘Memória histórica’:

- “ ... notável por suas numerosas voltas ...” a situação de sua foz, da mesma maneira, levando-se em conta a imperfeição dos instrumentos e observações do tempo, se aproxima da latitude do referido mapa dos Reinel.

Com essa designação vamos ainda encontrá-lo no mapa de Maggiolo (1519), na Carta de Turim (1523). Em a carta marítima de Diego Ribeiro (1519), entre os topônimos costeiros **R. De S. Franco. E P. De S. Catali.**, descobrem-se as embocaduras de três cursos d’água (naturalmente o *Itapocu*, o Itajaí e o *Tijucas*), assinaldas pela designação – Rios – e vários ilhéus fronteiros. Afinal, na carta de Ramúsio (1563), grafado à castelhana, lemos na mesma altura *R.º de las Bueltas*.

Dos mais antigos mapas e cartas marítimas, que alcancei consultar, vem o nome indígena do notável rio catarinense – Itajaí – assim grafado:

Judocus Hondius ou Blaeu (1630)	R. Tajahug
1.º mapa do Paraguai (1646-49)	R. Taiahug
Le Pere Coronelli (1688)	R. Tacahug
Guilherme Delisle (1700)	R. Tacuay
2º mapa do Paraguai (1722)	R. Tayahug
Mapa do Paraguai (1726)	R. Tayabuy
Mapa do Paraguai (1732)	R. Tayabuy
Mapa d’Anville (1733-34)	R. Tajahug
Mapa de João de Deus Garção (1747)	R. Tajahug
Mapa d’Anville – América Meridional (1748)	R. Taiaiye
Mapa das Côrtes (1749)	Ens. de Tajay
Mapa das Côrtes (1751)	Ens. de Tajay
Mapa espanhol (1760)	Ens. de Tajay
Carta do Vice-rei Conde da Cunha (1767)	Tujuy
Mapa de Silveira Peixoto (1768)	R. Tamarandi (?)
Mapa de J. C. Olmedilla (1775)	R. Tajay – Ea. Tajay – R. Tajahy-miri
Mapa da Mem. Polit. De Miguel de Brito (1816)	Tajahi
Mapa de Costa Fraga	Tajay – Tajay-mirim

Ainda a respeito da grafia do nome do rio em questão, lemos em a “Arte de Navegar e Roteiro” de Manoel Pimentel, fidalgo da casa de S.M., e cosmógrafo-mor do reino de Portugal, publicação de 1710: - “Dalli (Ens. Das Garoupas) cousa de tres leguas está hum rio chamado *Tajahug* ...

O autor da “Carta do governo do Rio da Prata até ao Brasil (1717)” baseado nos “Jornaes” de Emanuel Figueiredo, português, e de Teodoro Reuter, holandês, mostramos, estribado no primeiro que da enseada das Garoupas segue “uma costa alta, até o rio que os indios chamam *Tajahug*” e que, conforme o segundo, está êle em 28° (?) de latitude austral”.

O nome do rio em questão é assim grafado pelos autores abaixo:

Brigadeiro Custódio de Faria – Corresp.	Tujuy
Paulo J. Miguel de Brito – Mem. Política	Tajahi
Ayres de Casal – Corografia	Tehahy – Thajahi
Monsenhor Pizarro – Memórias	Tajay
Menezes Drummond (Biografia)	Itajahy
São Leopoldo – anais	Tajahy – Itajahy
Milliet de Saint´Adolphe – Dicionário	Tajahi - Itajahi

O ilustre General Vieira da Rosa, em um dos números da “Revista da Engenharia Militar”, sob o título de “Mosaicos Literários”, procurando explicar o significado de vários acidentes geográficos da nossa terra, procedentes do tupi-guarani, aborda o de *Itajaí*. Acha que o nome exato do famoso rio devera ser *Itaju-hy*, isto é, *rio de ouro*, por ser êle “o único que arrasta pepitas auríferas dos terrenos do Itajahi-mirim e do Garcia. Se o nome do rio fôra *Itajahy*, diz êle, - rio das Pedras (?) pelas muitas que seu leito tem em 200 quilômetros, então seria justo que todos os rios da vertente maritima se chamassem *Itajahy*, porque há quase identidade quase igualdade de leito em todos êles. Se a existência de aroídeas fôsse tão abundante que justificasse seu nome de batismo teríamos que cair no primeiro caso: cada rio ou riacho seria um rio ou riacho dos taiás. Creio estar raciocinando com acêrto, preferindo o nome *Itajuhy* – rio do ouro – por ser o único que possui o precioso e louro metal.”

Se assim fôra, acredito eu, todos os rios e ribeirões auríferos do Brasil deveriam ser chamados *Itajuhy* como deseja o ilustre geógrafo, meu caríssimo amigo. O nosso selvícola sempre soube com grande propriedade aplicar os nomes aos acidentes naturais.

O antepassado *Carijó*, que deu nome ao famoso rio, mais teria se impressionado com a quantidade de água-pés boiantes em suas águas e seus remansos do que com as pepitas de ouro envoltas nas areias de seu leito e ocultas às suas vistas. Taiá-i – rio da conhecida aroídea, nome que o linguajar do povo mantém ainda puro.

ANEXO XI

DO MEU CADERNO DE RECORDAÇÕES – OURO NO VALE DO RIO ITAJAI-MIRIM. Ayres Gevaerd. Blumenau Em Cadernos. P. 237-40.

Segundo nos conta o jornal “Novidades” – Itajaí, edição de 2 de outubro de 1910 – remonta a 1651 a notícia da existência de ouro nas cabeceiras do rio Itajaí.

Naquele ano, **nas imediações de Tayó**, estava a minerar ouro, Salvador Pires, filho de Francisco Dias Velho Monteiro, fundador da Vila de Destêrro, quando recebeu notícias de que a povoação fundada por seu pai havia sido atacada por piratas e que o mesmo havia sido morto.

Com relação a ocorrências de ouro no rio Itajaí-Mirim, o mais antigo relato, que se conhece, é de 1727. O sargento-mor de Carollana Francisco de Souza Faria, encarregado da abertura de um caminho que devia ligar Laguna a Curitiba, iniciado em fevereiro daquele ano, partindo dos Conventos e subindo a serra do mar, em carta que dirigiu ao P. Mestre Diogo Soares faz referências às **ricas minas de Tayó**. Em um trecho de sua carta refere-se ao nosso rio: “... pelo pé da Serra Negra corre um ribeirão que vai buscar as cabeceiras do dito **morro Tayó**, o qual morro é baixo, redondo e agudo com sua campina ao pé e tem êste feitio. Tem também sua campina da banda norte e da banda do Sul mato grosso carrasquenho, pelo pé deste morro podem buscar ouro; quando não se queiram alongar para os matos do mar, não seja pela parte do sul, seja pela parte do nordeste que d’ahi manam as cabeceiras tôdas do Itajahy Mirim que não poderão deixar de achar ouro.”

Outra notícia também publicada pelo referido jornal em 27 de fevereiro de 1910, é de extraordinária importância para pesquisadores e historiadores, porque esclarece as razões de uma denominação e permite considerações com relação à presença de ingleses na Colônia Príncipe Dom Pedro e de dois dos nossos precursores, “Vicente Só” e Francisco Sallenthien.

Conta aquêlê jornal que há uns 70 anos atrás, pelos começos de 1840, três irmãos vindos dos Estados Unidos, Roberto, Augusto e Leweson Leslie, penetraram rio acima à procura de ouro. Depois de muito pesquisar instalaram-se às margens de um ribeirão, afluente do Itajaí-Mirim e o resultado, segundo declararam, tempos depois, havido sido compensador. A existência de ouro era então uma realidade e a boa nova, como não podia deixar de acontecer, aos poucos, espalhou-se. Anos depois, quando colonos foram estabelecer-se naquela região deram o nome ao afluente de nosso rio de “Ribeirão do Ouro”.

Dos três mineiros, dois voltaram para os Estados Unidos e o terceiro, Leweson, ficou em Itajaí. Em 1909 faleceu em avançada idade, era abastado agricultor em Ilhota e conhecido popularmente por “Seu Lessa”.

As considerações que podem ser tiradas, são simples. Não restam dúvidas, em face da aventura dos três americanos, que ao regressarem, dois, aos Estados Unidos, a notícia da existência de ouro no Itajaí-Mirim teve repercussão. E a vinda, em grande número de irlandeses, ingleses e norte americanos, a maioria “recolhida” em Nova York, em 1867, para Rodgers Road, na Colônia Príncipe Dom Pedro, tem coincidência. Documentos viriam comprovar os fatos e não são poucos os registros feitos.

As buscas, de águas Claras rio Itajaí Mirim acima, deviam ter sido uma constante dos nossos aventureiros. Entretanto, a decepção deve ter-se apoderado dos garimpeiros, quando a realidade se apresentou: o Itajaí-Mirim não era absolutamente segunda Alaska, tão pouco uma Califórnia.

O ouro era de aluvião, cuja procura requer trabalho paciente. A descoberta de um filão ou jazida compensadora era uma questão de sorte, e, caprichosa como ela só, talvez tenha bafejado um reduzidíssimo número de pesquisadores.

O nosso lendário “Vicente Só”, provavelmente foi outro minerador. Sua presença, segundo as crônicas, foi o gôsto pela natureza e a beleza do local em que se acha a cidade de Brusque. Entretanto, como ninguém pode viver em eterno sonho, contemplando as belezas naturais, “Vicente Só” teria sido mais um garimpeiro cuja frustração só viria no fim de seus dias.

Francisco Sallenthien foi mais agressivo. Ao contrário de “Vicente Só”, tinha recursos materiais e dotado de cultura geral, o que demonstra em suas cartas. Veio da Alemanha, 1850 e, em 1954, residia em Itajaí. Foi proprietário de grande extensão de terras no local da futura sede de Brusque, que em 1863 vendeu a Pedro José Werner, cuja área era de 750 braças de frente para o rio Itajaí-Mirim com 3.000 braças de fundos. Foi amigo de Paul Kelliner um dos precursores no vale do Itajaí-Mirim e, como este, dono de engenho de serrar madeiras.

Relata, em carta de 28 de março de 1856, a fundação de uma Sociedade para exploração de ouro cuja existência era segura, mas que requeria muito trabalho. O diretor era um Californiano que afirmava ter qualidade e quantidade iguais à Califórnia! Expressa na carta o seu entusiasmo e a esperança de um resultado plenamente satisfatório. Não se encontram outras notícias a respeito e, considerando a venda de sua propriedade a Pedro J. Werner, a empresa fracassara.

Pedro José Werner costumava contar a seus filhos e netos as atividades de um inglês, muito seu amigo, que exportava madeiras adquiridas de serrarias existentes na região. Certo dia, ao inquiri-lo porque não comprava madeiras de seu engenho, o inglês contou-lhe, confidencialmente, que sua permanência na Colônia não era propriamente esse o comércio. Seu objetivo era o ouro, que sabia existir em grande e boa qualidade. A compra e venda de madeiras servia para encobrir suas verdadeiras intenções.

Contou-lhe ainda que teve conhecimento de jazidas de ouro no Itajaí Mirim ao ler um livro em uma biblioteca em Paris. Êsse livro relatava o naufrágio de um Navio holandês ocorrido nas imediações de Itajaí. Um náufrago, autor do relato, afirmou que enquanto aguardava com seus companheiros a vinda de outro navio, subiu, de canôa, com mais dois amigos, o rio e em determinado lugar encontrara ouro.

Raros são os Relatórios das administração coloniais com anotações relacionadas a ocorrências de ouro no Itajaí-Mirim, excessão feita a documentos da Colônia Príncipe Dom Pedro.

A procura, entretanto, foi constante, ininterrupta. Nossos avôs contavam “casos” de pessoas que tentaram fortuna procurando o precioso metal, aqui, em nossa região. E êle existe, não há dúvida. A começar no ribeirão do Cortume, no Grosser Fluss, até às cobeceiras do Itajaí-Mirim. A ocorrência maior sempre foi nas confluências do nosso rio com os seus tributários Cristalina, Lajeado, Gabiroba, Porto Franco, Águas Negras e Ouro.

Aventureiros apareceram, como se viu, em todos os tempos. Apesar da presença desses estranhos, nas proximidades de Casas de Pasto, de “Vendas” e de armazéns que forneciam bebidas, não são conhecidas hostilidades que os moradores mostrassem aqueles, de brigas, tumultos ou mortes. O ambiente sempre foi o mais tranquilo possível.

Afirmei que as pesquisas eram continuadas. De 1900 a 1925 recolhi notas esparsas em alguns jornais inclusive de Brusque quando aqui apareceu o primeiro, em 1912. Meu pai que se estabeleceu com o comércio de jóias e relógios em 1910, desde o início comprou ouro ou trocava com mercadorias e não raras vezes a transação variava de 50 a 100 gramas. Na minha firma, sucessora de meu pai, esse comércio continua ainda hoje, porém raramente, com pessoas que trazem o ouro em pequenos vidros, variando entre 5 a 15 gramas.

Bom volume de pesquisas registrado e com resultados mais ou menos compensadores aconteceu entre os anos 1932 a 1936. Depois, por volta de 1939 a 1945 pequenos grupos se organizaram, além de garimpeiros isolados, verificando-se assim intensas buscas, fazendo com que desaparecesse a monotonia do cotidiano nas sedes de Porto Franco (Hoje Botuverá) e Ribeirão do Ouro.

Trechos considerados auríferos foram devassados através de escavações nas margens e costões do rio e túneis foram feitos com maior e menor profundidade.

Naqueles anos, o Banco do Brasil comprava o ouro por intermédio de correspondentes devidamente autorizados. Estes reuniam o ouro que era fundido para formar barras de 200 a 500 gramas.

Verdadeira febre apoderou-se de muitas pessoas e famílias residentes nas proximidades do garimpo, muitas das quais inteiras, crianças, mulheres e homens abandonavam suas atividades domésticas e se dedicavam a procurar ouro.

O processo de pesquisa era o mais rudimentar e somente dois ou três grupos possuíam ferramentas apropriadas, inclusive, um deles, escafandro. O material, barro e areia era colhido nas margens do rio, nos costões e no próprio leito Enquanto uns coletavam esse material para ser pesquisado, juntando-o em determinado lugar, previamente preparado, outros faziam a lavação que consistia no seguintes: Uma taboa grossa de aproximadamente 1 metro de comprimento com 40 a 50 centímetros de largura com fendas talhadas em horizontal, igual à taboa de lavar roupa, era colocada no fim de um pequeno canal feito na praia.

O material era devidamente lavado e no fundo dos sulcos tralhados firmavam-se as pepitas. Os escafandristas recolhiam material nos lugares mais difíceis e inacessíveis pela profundidade do rio.

O processo, entretanto, era doentio pois a maioria das pessoas não dispunha de proteção necessária. A malária também se manifestou, verificando-se inclusive mortes, por falta de tratamento médico adequado, principalmente no Ribeirão do Ouro. Retraíram-se os garimpeiros pois muito poucos tinham condições de enfrentar a moléstia, havendo inclusive dispersão total das pessoas vindas de fora.

O abandono das lides auríferas processou-se lentamente. Felizmente, para aquela região, como também para todo o município, por volta de 1946 e com maior incremento em 1949, a plantação de fumo, coordenada inteligentemente pela Cia de Cigarros Souza Cruz

O ouro, cuja procura deixou vestígios e lembranças, às vezes bem amargas a muitos moradores daqueles lugares, só voltará a “sacudir” o Vale quando, um belo dia, alguém achar um veio mais ou menos rico, o bastante para despertar o que deve se achar latente em todo garimpeiro, profissional ou amador, riqueza fácil e duradoura...

ANEXO XII

RIO “DAS PEDRAS” OU DOS “TAIÁS”?

Silveira Júnior – publicado na edição do JORNAL DO POVO de 07 de março de 1948 (capa e página 08)

“(ao ilustre patricio Norberto Bachmann)

O desejo de colaborar na elaboração de um assunto que vem suscitando estudos e controvérsias entre os amantes da toponímia indígena me encoraja a meter-me, pela segunda vez, em seára alheia trazendo para a imprensa alguns elementos referentes à origem da palavra Itajaí.

Querem uns que o nome original fosse “Tajaí”, corruptela de “taiá” (nome que os indígenas davam ao aguapé) e “i”, água ou rio. Essa corrente admite que o “i” inicial é puramente eufônico e foi adotado muitos anos depois de batizada a caudal que deu o nome ao vale.

Outros insistem em que o nome verdadeiro sempre foi “Itajaí”, cuja tradução é: “rio pedregoso”, formado de “itaiá”, que contem pedras e “i”, água ou rio.

Norberto Bachmann, o grande estudioso da língua tupi-guarani, no seu bem elaborado artigo “Toponímia Tupi guarani no Município de Itajaí”, estampado no ‘Jornal do Povo’, de 22 de fevereiro, pede aos interessados que se pronunciem sobre o assunto. Não é outro motivo que me eva a trazer à letra de fôrma esta modesta contribuição.

Parece-me fora de duvida que o povoado, depois cidade de Itajaí sempre teve o nome tal qual se escreve hoje, apenas com “hy” finais. Quanto ao rio, cuja denominação é anterior, sou hoje partidário dos que advogam a denominação primitiva de “Tajaí”.

É mesmo possível que a adoção do “i” inicial fosse obra de Vasconcelos Drumond ao fundar o povoado. Era esse Vasconcelos um português fidalgo e estudioso e talvez supusesse haver engano na pronuncia nativa, pois que são muito frequentes os topônimos indígenas com o prefixo “ita” – pedra.

O que me induz a esse raciocínio é o fato, mais ou menos incontestável, de que até 1816, antes, portanto, da fundação do povoado, ser o rio conhecido por “Tajaí”! e já em 1824, três anos depois do estabelecimento da colonização, grafar-se “Itajaí”.

Paulo José Miguel de Brito, na sua “Memória Política sobre a Capitania de Santa Catharina”, escrita em 1816, grafa invariavelmente “Tajahi”. É dessa obra os trechos que passarei a transcrever:

“O segundo rio he o Tajahi, que nasce no sertão que hoje pertence à Capitania de São Paulo; e diz-se que atravessa o caminho que vai da Curitiba para o Continente do Rio Grande (o que afirmo)”.

E mais adiante:

“O porto de Tajahi he pequeno e pouco frequentado por não haver ali povoação mas he seguro e abrigado e pode vir a ser de transcendente utilidade, como ao diante direi; a sua entrada he entre o pontal do norte e a ponta cabeçada do lado do sul, com 6 a 7 braças de fundo; o canal he estreito e deve demandar-se com vento e maré favoráveis; o ancoradouro tem o sobredito fundo e he defronte de uma fazenda de lavoura, chamada do Arzão, única que com caza ali se acha”.

Era um homem extremamente minucioso o autor dessas “Memórias” e, dado que viveu por vários anos em Santa Catarina como ajudante de ordens do Governador, não lhe devia ser estranha a exata grafia de um rio e porto cujo valor já naquele tempo era proclamado.

Um grande e erudito estudioso do assunto, o Sr. Marcos Konder, me informa que, numa carta marítima da segunda metade do século XVIII se acha assinalado o porto de “Tajahy”.

E quem se detiver nessa pesquisa não ficará somente nesses dois exemplos.

Já em 1824 vamos encontrar o “i” inicial. É o que se observa por esta escritura, cujo teor vamos transcrever por inteiro. Trata-se da doação do terreno onde hoje está localizada a Igreja Matriz e os dois jardins que a circundam. Vejamos:

“Dizemos nos abaixo assignados, com huma Cruz que he o signal de que uzamos José Cuelho da Rocha e minha mulher Maria Cuelho da Rocha que somos senhores e Peçuidores de trinta (30) braças de terras de Frente com Cecenta (60) Braças de fundos Sitas neste rio de Itajahy Grande no logar Chamado Estaleiro, Cujas terras fazem a Leste no dito Rio as frentes os fundos ao oeste com terras de nossa propriedade estremão pelo Sul com terras de Agostinho Alves Ramos e pelo Norte ainda com terras de Noça propriedade, cujas terras a sim confrontadas fazemos a Duação no valor de trinta mil reis ao Santissimo Sacramento para nelas ser feita sua Capella e hum Cemitério Com condição de senos dar a Sepultura e fazer noço Bem d’Alma cuja a duação fazemos por muito noça livre vontade e sem constrangimento de pessoa Alguma. E pedimos ao Senhor Bento José da Costa que este pornôs fizesse Assinando como testemunha e nos assignamos com o noço signal que he huma cruz. Rio de Itajahy 2 de Abril de 1824 Joze Cuelho da Rocha Maria Cuelho da Rocha Como testemunha

que este fize por me ser pedido pelos ditos senhores Bento Jose da Costa como testemunha que este vi fazer Germano Joze da Silva”.

Dessa data em diante é frequente a grafia “Itajaí”, conforme se observa em coleções de jornais centenários e em atos oficiais.

Parece justo aceitar-se a versão dos que advogam a grafia “Tajai” (rio dos taiás) como origem do nome do rio e posteriormente da cidade e do vale.

Ainda mais se atentarmos para o fato de que os índios chamavam de “taiá” ao aguapé, essa planta que, nas épocas de cheias, cobre o Rio Itajai de um tapete verde que desliza rumo à sua foz até ao mar.

Acresce, ainda, que o Itajaí não é pedregoso por excelência. Sendo navegável em grande extensão somente nos afluentes secundários se observa a existência de seixos ou grandes pedras.

Eis os apontamentos que pude recolher sobre as origens do nome “Itajaí”...

ANEXO XIII

Taiá, Aguapé e Itajaí

Silveira Júnior – Jornal do Povo em 21 de março de 1948 (capa)

“O Dr. Norberto Bachmann, em artigo publicado em “A Notícia” de 18 do corrente, cumula-me de gentilezas ao apreciar o meu modesto trabalho intitulado “Rio das pedras ou dos taiás?”, estampado em edição recente dêste jornal.

Concordo plenamente com as restrições que o ilustre articulista faz ao meu trabalho sobre a origem da palavra “Itajaí”. Poderia muito bem ter-lhe respondido em carta particular, dando as explicações que irei dar nestas notas. Acontece que tenho muito em conta os meus leitores e parece que estou a ouvi-los dizer: “Quero ver como é que êsse camarada vai sair da sinuca em que o meteram”. E é justo que eu satisfaça a essa curiosidade.

Apenas uma objeção deve ser respondida, porque foi feita a uma afirmativa categórica de minha parte. As demais se referem a meras suposições e, como tais, sujeitas a contraditas.

Como dizia, apenas uma objeção deve ser respondida. É a minha afirmativa de que “os índios chamavam de taiá ao aguapé”.

Antes que o Dr. Bachmann, delicadamente, me chamasse às falas, já tinha eu dado pela temeridade da minha afirmação. Tanto assim que em carta que há dias escrevi ao Sr. Teobaldo Costa Jamundá, de Indaial, dizia mais ou menos o seguinte: “...vejo que o amigo não atinou com uma grande leviandade que ao cometi, afirmar que os índios chamavam de taiá ao aguapé, etc.”

Vê-se, assim, que me antecipei ao puxão de orelhas que me vem de aplicar o erudito autor de “Taiá e Itajaí”.

Evidentemente houve excesso de bondade do Dr. Bachmann ao dizer que eu demonstro “grandes conhecimentos sôbre o assunto”. Na verdade, nada entendo sôbre a língua tupi-guarani e muito menos sôbre toponímia. Conforme declarei, ao escrever o referido artigo tive em mente apenas deixar “registrados na imprensa dois documentos e a versão oral sôbre Camboriú que me pareceram valiosos à elucidação do assunto de que é mestre o Dr Bachamann.”

E como estava com a mão na massa, não perdi vasa de registrar o que li algures, sôbre a palavra “taiá”, nome que os indígenas dariam ao aguapé, na certeza de que afirmava a mais indiscutível, a mais axiomática das verdades.

Mal publicara o artigo, notei que a minha assertiva não tinha apôio da matéria. Por isso, hoje, não quebro lanças para defender um ponto que sou o primeiro a considerar indefensável.

E não seria honesto defender-me com as armas que o Dr. Bachmann me põe nas mãos, quando afirma que “taiá” pode ter o significado de “o que abunda nos braços de rio ou nas águas calmas”.

Portanto, só me sobra a alternativa de que faço uso: estender a mão e receber o “bolo”.

ANEXO XIV

TOPONIMIA TUPI-GUARANÍ DO MUNICÍPIO DE ITAJAÍ

Norberto Bachmann – Jornal do Povo - 22 de fevereiro de 1948 (capa e pag. 04)

“Ao Sr. Coronel Marcos Konder

O meu distinto amigo sr. Abdon Fóes deu-me a honra de convidar-me escrevesse algo sobre esse lema que talvez interesse aos leitores do seu bem feito jornal.

Não é rico em topônimos indígena o município de Itajaí; mas, em compensação, são de interpretação interessante, a começar pelo nome **Itajai**, sobre o qual há controvérsia. Há quem opine que o nome antigamente era **Tajai**, sendo **I** anteposto ulteriormente por analogia com outros termos que começam com **ita** – pedra, Itapemerim, Itacolomi, Itapetininga, etc.; significaria então **rio dos taiás**. Taiá é conhecida planta da família das araceas, de raízes e folhas comestíveis; seria idêntica à taióba e ao inhame de São Paulo. Sobre este assunto, escrevi ao sábio padre Raulino Reitz, diretor do Herbário de Itajaí, na esperança de que esclareça o assunto. Taiá provem de – **tai-ia** o que quer dizer: igual à pimenta, o que não corresponde ao taiá que conhecemos. Ha, porém, outra corrente, encabeçada pelo eminente mestre Teodoro Sampaio, que decompõe a palavra Itajaí em **Itaiá**: o que contem pedras e **i**: rio; são de igual opinião o padre J. O. Gay e Cristovam da Mauricéia.

As partículas **Açú** ou **Assú** e **Mirim** pospostos aos dois rios que atravessam o município significam respetivamente grande e pequeno.

Itoupava ou **Itaipava** como está gravado no mapa oficial, é uma localidade proxima à sede, na estrada para Brusque: corresponde a **itú-peba**: quêda de agua rasteira, corredeira, de **itú**: cachoeira e **peba**: baixo, rasteiro. O nome se refere ao trecho visinho do rio Itajaí-mirim em que pedras agrupadas encachoeiram as aguas.

Entre as localidades Carvalho e Itoupava, na mesma estrada, desmembra-se um caminho vicinal que, ladeando o rio **Canhanduva** ou Conceição, se dirige ao povoado **Canhanduva**. Este termo se divide em **caá**: mato em **anha**: cortado, mais a partícula **duva** derivada de **tuba**, **tiba** que indica abundancia; significa, portanto, abundancia, grande quantidade de mato roçado. Ha quem dê a **anha** a interpretação **anhã**: diabo, assim sendo, teríamos: lugar onde ha muitos diabos do mato.

Antes de chegar ao Arraial dos Cunhas, a estrada é atravessada pelo ribeirão **Cananéa** que, juntando-se depois ao rio Sabino, aflue no Itajaí-Mirim. Teodoro

Sampaio liga Cananéa o **Canindé**, ave da família dos papagaios, mas Orville Derby e Artur Neiva com **Cananéa**, feminino de cananen, da região bíblica Canaã. Poder-se-ia traduzir Cananéa por maracá ruim, de **canâ** – chocalhar e **ndal**: mal. De canandai é fácil formar-se canandaia e cananéia.

O rio e o morro de **Ariribá** ficam no litoral, na divisa com o município de Camboriú. Ariribá é alteração de **arara-ibá**, fruto ou arvore dos araras. Araribá é arvore da família das rubiáceas (*Sickingia sinctoria* Schummm) ou das leguminos as papillonaceas (*Centrolobium tomentosum* Beuth).

Mais para o interior, separando o mesmo município homônimo, fica a serra de **Camboriú**. Nosso saudoso conterraneo José Artur Boiteaux disse que Camboriú significa rio das cambôas com o que concorda St. Hilaire. Cambôa ou das gambôa é um pequeno lago artificial junto ao mar em que, com o preamar, entra o peixe miudo. Vem de **caá** – mato, madeira e **mbó**: fecho, cinta, porque o lago era circundado de um gradeado de galhos. St. Hilaire, em sua “Viagem na Província de S. Catarina, em 1820, narra que, noutro lugar, pronunciavam Cambriaçú. Penso que o nome se pode ligar a **cambui**, arvore da família das miriaceas, dos gêneros *Myrciaria* ou *Enterolobium*. Cambui se decompõe, segundo Magalhães Correia, em **caà-mboi** ou arvore cujas folhas se despreendem. O major Arlindo Viana lembra: **caá** arvore e **mboi** – cobra; e ha quem imagine **cambú**: pote e **i**: pequeno, talvez referencia aos frutros. **Cambui-rirú** significa: o que contem cambuís e **cambui-rú** o cambui triste, perdido, isolado; cambui **ri-ú** seria a corrente grande entre cambuís. Teodoro Sampaio decide a questão, interpretando **cambi-ri-i**: rio onde corre leite, rio do leite ou **camuri-ú**: rio do robalo.

No distrito de Luiz-Alves existe o rio das **Canoas**, com duas localidades marginais, o Baixo e o Alto Canoas. Canôa não é nome tupi-guarani: procede do termo carábe do Haiti **canaoa**, como afirma Raymond Breton (Dicionário caraiibe – francês) e confirmam Artur Neiva e Mario Marroquim.

Afinal, no distrito da Penha, encontramos o povoado, rio e ponta do **Gravatá**. É abreviação de **caraguatá**, nome dado a diversas bromeliáceas bastante conhecidas e, segundo Delforge, a uma umbelífera. O nome se divide em **cará uáalã**, que quer dizer talo espinhoso e rijo.

No mesmo distrito existe a ponta do Itapocorói e a localidade balnearia na praia de Armação de Itapocoroi, onde antigamente se faziam grandes pescarias de baleias. Adolphe Sains-Hilaire se detem, descrevendo o lugar, originariamente Itapocoroia, como escreveu Serge Adolphe de St Milliet; significa pedra longa que avança no mar;

itá: pedra; **pocú**: comprida; **rô**: muito e **i**: água. **ROI** poderia significar frio, mas essa interpretação não se adapta ao caso.

Próximo a povoação da Penha, sede do distrito, se lança ao mar o rio **iririm** ou **iriri**. **Iriri** ou **riri** é a ostra (Teodoro Sampaio).

Ao sul da praia de Piçarras entre os morros que avançam para a Ponta da Casa, ha um a que St. Hilaire, em seu livro citado, aponta com a designação de **Cambri**; este nome é de todo desconhecido na região, nem os mais velhos habitantes dele se lembram.

Em frente à mesma praia, dentro do mar, se levantam dois penhascos isolados, um grande e outro menor, batizados: com **Itacolomi**, este vocabulo, frequente no Brasil, significa a pedra e o menino, o pai ou a mãe com o filho, na expressão do povo. O termo colomi, coromin ainda hoje é usado no Norte para indicar criança, menino.

Ao norte de Piçarras, nos limites com o municipio de Araquari, ha duas localidades quase desabitadas, denominadas **Chororó** Grande e **Chororó** Pequeno.

Manoel Niotti afirma que **Choró** significa impetuoso, no que é acompanhado por Cristovão da Mauricéa. Teodoro Sampaio traduz: rio correntoso ou ruidoso. Martins relaciona o vocábulo com **çororog**: murmurar e Paulino Nogueira com **Chororon**, com o mesmo significado ou com a ave **choro-chorô**. Tomaz Pompeu Sobrinho liga com **soro**, **sorog**: romper-se, rompido ou com **chororon** de **toronon**: manar, borborinhar e admite ainda que possa ser de origem tairairiu (sopuia). Inclino-me para a tradução murmurar, murmurejar. Conheço as localidades e sei que o nome é dado por filetes de água que produzem um leve ruído. (...) é homofonia com a expressão portuguesa chorar, água, fonte que chora.

Com este topônimo acabam-se as que conheço, no município de Itajaí. Deve haver mais. Peço encarecidamente a todos que conheçam outras denominações indígenas tenham a bondade de me escrever, citando-as. Sou grato também a toda e qualquer correção. Estou planejando uma grande obra e aceitarei prazeroso o auxilio de quem queira colaborar na sua realização.

ANEXO XV
O OURO NO VALLE DO ITAJAHY
Novidades – 02 de outubro de 1910 –pag. 02

A existência de filões auríferos nas cabeceiras do Itajahy nos é revelada desde o anno de 1651.

Nas imediações do Tayó estava a minerar ouro Salvador Pires, filho de Francisco Dias Velho Monteiro, fundador da Villa de Desterro, quando recebeu noticias de que a povoação fundada por seu pae havia sido atacada por piratas e que o mesmo havia sido morto.

Em 1727, quando foi emprendida a abertura do caminho que deveria ligar Laguna a Curityba, e que teve inicio em Fevereiro, partindo dos Conventos e subindo a serra do mar, falla-se novamente das minas do Tayó e assim se expressa o sargento mór de Carollana Francisco de Souza Faria, encarregado da dita abertura, na noticia que deu ao P. Mestre Diogo Soares encarregado de levantar mapas, etc..... “Das Tajucas (B. Joaquim da C. Serra) fui sempre acompanhado a mesma Serra do Mar, e achando sempre campos com alguns capões de matto e não poucos ribeirões, até chegar ao grande Cambiera, ou morro de S. Anna, fronteiro a Ilha de Santa Catarina, n’este me foi preciso gastar alguns dias para abrir um grande matto que teria seis léguas de comprido, e aberto dei com um rio, a que chamei S. Luzia.

Deste rio segui viagem para os campos, e passando algumas restingas de matto dei com outro campo mais alto e alegre de donde avistei um morro, que pelo roteiro que levava dos Certonystas antigos julguei ser o rico e sempre procurado morro Tayó, e o mesmo pareceu ao meu Piloto; bons desejos tive de os socavar, mas a fome e miséria em que nos vinmos todos, nos obrigou não só a deixar o morro, mas ainda a a mesma serra do mar, pela muita aspereza com que um e outro nos ameaçava, e assim fugindo a morte, e abrindo um caminho por mattos grossos, distancia de quatro léguas, sahimos com não pouco trabalho nas primeiras cabeceiras do rio Uruguay, e passámos nelas com duas braças de largo.”

O roteiro que levava esta expedição diz desta Serra Negra caminho de Leste não poderão errar o morro chamado Tayó, que é o que se vae buscar. Pelo pé da Serra Negra corre um ribeirão que vae buscar as cabeceiras do dito morro Tayó, o qual morro é baixo, redondo, e agudo com sua campina ao pé, e tem este feitio.

Tem tambem sua campina da banda do Norte e da banda do Sul matto grosso carrasquenho, pelo pé deste morro podem buscar ouro: - quando se queiram alongar para os mattos do mar, não seja pela parte do Sul, seja pela parte do Nordeste, que d’ali manam as cabeceiras todas do Itajahy mirim que não poderão deixar de achar ouro.

Estas são as chamadas minas de Inhanguera tão afamadas como as antigas, e ficam no sertão da Enseada das Garoupas e Ilha de Santa Catharina.

Muitos outros documentos poderíamos citar provando a existencia de ouro e prata nas cabeceiras do Itajahy, contentamo-nos, porem, em trazer a publico uma carta que escreveu o fundador de Lages Antonio Correia Pinto em 21 de março de 1783, e por poucos conhecida. Eil-

“Sr. João Baptista Floriano.

Amigo e sr. Na Cidade de S. Paulo, falando eu proximamente com Thomé de Almeida da Faxina sobro materiais mineraes no certão da V^a. Das Lages o dito me informou, que vm, e seu filho Gaspar em companhia de um Mánoel Visente entrarão pela marinha no rio Tajahi acima, onde toparão boa pinta de ouro, o que não duvido pelas tradições antigas, e exames de outras pessoas, que calcularão outras parages, e as mesmas em que falamos a muitos anno noscomo nestas deligencias tem havido muitas variedades de noticias, e como de presente sou encarregado pelo exmo. Sr. General p^a. As ir verificar verdadeiras nos exames que pretendo mandar por pessoas suficientes, se me faz muito preciso suplicar a vm. Me faça a honra de informar-me o que souber da realidade destes resp^{to} sendo certo ter v^m. feito a referida entrada pelo mesmo rio; os dias que n’elle marcharão, em canoa ou por terra, os braços do rio que seguirão a parte do Sul, ou do Norte, a ponta que descobrirão: p^o. que a sua informação confira com aq. Tenho da bandeira que expedi d’aquelle certão pelo mesmo rio abaixo, onde acharão no decurso de doze Ligoas pelas margens do mesmo rio. Lemitada faisqi. De ouro e tambem pelos accidentes que se moveram n’aquella oceazião de oposiçoins de governos daquelle certão, e movimentos de guerra. Cheguei a este citio de meu cunhado o sargento mór Antonio Roiz de Oliveyra a cinco dias, onde me acho molestado, motivo porque não sou pessoalmente o p^o. Desta para praticar com v^m mais largamente sobre esta matéria, e juntamente a convidar a v^m. para o mesmo intento, quando tive-se lugar chegar v^m. daquelas partes quando v^m. por cá na deligencia em que tem andado não achasse melhores interesses e quando menos sempre de lá traria algumas cavalgaduras não achando melhor conveniência, e sobre esta matéria desejava antes de sahir daqui falar com v^m. podendo no possível de hoje the amanhã chegar a este citio por me fazer mês.

Hé o quanto tenho de expressar av^m. aq^m. apeteso completa saúde pro m^s. a^s. q. D^s. felizmente ge. Citio de Aracarig^{ma}. 21 de março de 1783. De V^m.

O mais obsequioso crdo – Antonio C. Pinto.”

ANEXO XVI

IBIRAMA – JOAÇABA - ITAJAI

Norberto Bachmann - A União – Joinville – 28 de setembro de 1947

O meu velho e ilustre amigo, sr. Coronel Marcos Konder, escreveu-me de Itajaí gentilíssima carta, indagando da significação dos termos acima citados. [...]

A interpretação corrente de Itajaí é **taiá-i** rio dos taias.

O **i** foi anteposto, por analogia com outros topônimos que começam com **itá-pedra**: Itajubá, Itacolumi, Itapeva, Itaguaçu, etc.

Taiá ou taioba, botanicamente uma aroidea de nome Arum esculentum ou Colocasia antiquarum é comestível e usada para gargarejar e contra úlceras. O termo se decompõe em **tai** e **iá** – o que é picante, ácido, pimenta.

Entre nós, parece-me, chamamos de **taiá** uma arácea que não é ardida, tanto que suas folhas substituem o espinafre e a couve europeus; a planta que aqui chamamos de **taioba** é a variedade que trava e dela se faz alimento para os suínos; corresponde ao inhame, em S. Paulo. Há em Itajaí um grande namorado da Botânica que poderá esclarecer melhor este assunto.

I ou **Y**, sílaba final de Itajaí, corresponde a rio ou água e é uma vogal indígena de pronúncia difícilíssima; corresponde, de certo modo, o **a** francês ou o **ii** alemão, é aspirado, nasalizado e termina com a gutural **g**; escrever-se-ia melhor: **hung**.

Diz o Sr. Marcos Konder que o glossário popular de Cristovam de Mauricéa sobre os nomes populares indígenas dá a versão mais corrente: rio pedregoso, de **itayá**: o que contem pedras e **y**: água. Não conheço este trabalho; é possível que o autor tenha a razão. Seria apoiado por Auguste de Saint Hilaire que, no seu livro Viagem à Província de Santa Catarina, magistralmente traduzido por Carlos da Costa Pereira, diz também que Itajaí significa rio onde ha muitas pedras.

A interpretação de vozes indígenas dá margem a largas fantasias, contra o que, com razão, protestaram Batista Caetano e Rodolfo Garcia; mas, si o proprio grande mestre von Martins devaneou neste sentido, porque não havemos de cair no mesmo peca-dilho. Assim, eu lembro uma interpretação poética: **itá**, pedra; **ya** contração de **y yara**, a sereia e **y** rio! Rio da sereia, das pedras.

Yá também significa fruto.

Talvez os índios, aludindo aos seixos redondos que abundam na Itoupava, em Blumenau, dêsem ao rio o nome de frutos de pedra. A denominação de nossos rios se prende, por vezes, a acidentes locais; assim o Itapocú que se lança ao mar no município de Araquarí, muitas léguas acima, no distrito de Bananal, hoje Guarámirim é que possui uma pequena cachoeira que originou o nome: **itá** pedra e **pocú**, comprida.

Terminando, resta-me agradecer as expressões afetuosas do sr Marcos Konder, grande catarinense, cuja amizade me honra sobremaneira.

ANEXO XVII

ITAJAI

Pequeno livro. Hermes Justino Patrianova. Pag. 45 a 50.

[...]

ORIGEM TUPI: ITÁ (pedra) + JAÓ, contraído para JÁ (Jaó, Sabarê, pássro da Família dos *Tinamídeos* (*Cryptu – ellus noctivagus noctivagus*, Wied) e outras espécies; também chamado *juó*, *saberê*, *zabarê*, *zaberê*, *zabelê*, etc. + Y = I (Água, Rio) = RIO DO JAÓ DE PEDRA = RIO DA PEDRA – JAÓ = ITAJAY = ITAJAÍ. Ou: ITÁ (Pedra) + YÁ = JÁ = IÁ (Cabaça, porongo, fruto do cabaceiro) + Y= I (Agua, Rio) = RIO DA CABAÇA DE PEDRA = RIO DA PEDRA – CABAÇA = ITAYAY = ITAJAÍ.

Jaó-de-pedra é um pássaro granítico “construído” pela Natureza há milhares ou milhões de anos e situado na Praia da Atalaia, entre o Oceano Atlântico e a Via Francisco Canziani, que liga a Cidade de Itajaí (SC) ao seu Bairro e Praia Balneária de Cabeçudas.

O Monumento a Itajaí, “erguido” pela Natureza, o *jaó-de-pedra* ou *Pedra-Jaó* – que o vulgo o chama impropriamente de *Bico-do-Papagaio*, foi o que de melhor os Índios acharam para perpetuar na pedra o nome do Rio (Itajaí); Posteriormente o da Aldeia e, daí, o da Povoação, da Freguesia, da Vila, do Distrito, da cidade, do Município, da Comarca, do Porto e de tudo o que diz respeito à linda Cidade turística de Santa Catarina.

No Distrito de *Itaiá*, do Município de Nova Canaã, Estado da Bahia, existiu uma grande pedra, em forma de *cabaça*, que deu nome a esse Distrito e a todos os Itajaís Baianos.

A mudança da letra Y ou I para J foi procedida pelos Jesuítas Espanhóis e Portugueses, que adulteraram a Língua dos Tupis, porque não podiam entender os sons emitidos pelos aborígenes.

O pássaro de pedra, chamado, impropriamente, de *Bico-do-Papagaio*, o é pelo fato de papagaio o índio denominar de Ajuru, que se traduz por *boca-arredondada* ou *bico-cornirrostro*; enquanto o jaó-de-pedra catarinense tem bico retilíneo.

Depois que o Escritor paulista Luís Caldas Tibiriçá, descendente de Índio, pesquisou, confrontou Línguas, estabeleceu paralelos, voltou no Tempo e no Espaço, mas encontrou a verdadeira origem do nosso aborígene, sabemos que os homens que povoaram as Américas vieram de uma grande Civilização asiática desaparecida há milhares de anos.

A Suméria, de onde vieram os Tupis, os Caranis, os Tamoios, os Boboros e muitas outras Tribos, existia na Ásia, entre os anos 2600 e 2400 antes de Cristo, portanto, há mais de 4000 anos.

Sabendo-se que depois do desaparecimento dessa Divisão Babilônica, não existiu mais Sumeriano, é de concluir-se que os primitivos donos das Terras do Brasil tenham vindo antes do ano 2400-aC.

Não somente pela cultura trazida e perdida em parte nas brenhas deste País imenso, mas pela posse continuada e por nos terem legado este magnífico Patrimônio toponímico, os Índios brasileiros merecem a nossa ilimitada consideração.

E nessa consideração deve estar incluído o nosso respeito do Direito do Índio e, principalmente, à sua grande inteligência; inteligência que não permitiria comessem inhambranco de Santa Catarina por taiá ou taioba das Antilhas ou jaó de pedra por bico de papagaio, que eles chamavam de *Ajuru*, isto é, boca redonda ou bico conirrostro!

A sua grande capacidade de discernimento também não lhes permitiria confundir as “cabeçadas”, Montes de Terra cobertos de vegetação, com pedras ... que tenham dado origem ao Itajaí catarinense, como o querem as pessoas teimosas que não aceitam a verdade do *jaó-de-pedra* contra o embuste do *Rio-dos-Taiás*, *Rio-das-Pedras*, *Rio-que-corre-sobre-Pedras* e até mesmo *Rio-da-Pedra-Lascada*.

Como já repetimos, pelos Jornais de várias Cidades do Estado de Santa Catarina, o *taiá*, sendo originário das Antilhas, somente foi conhecido no Brasil indígena depois do Descobrimento. Assim, pois, querer basear Itajaí, seja o catarinense ou o baiano, em taiá, que não existia em Santa Catarina, é tão ignóbil como atribuir à palavra Sergipe a composição de ser o veículo de uso geral (General purpose – GP) que os americanos do Norte usaram na Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945).

Rio-das-Pedras tem a tradução do ITAÍ!

Rio-eu-Corre-sobre-Pedras, coisa trivial, que não seria motivo toponímico indígena, tem a tradução da ITARINHANI!

Rio-da-Pedra-Lascada seria ITAIACICA!

Somente um *Indiota* (Contração de Índio com idiota) poderia atribuir a Itajaí uma destas composições como sua origem.

“... a Verdade / é a única mulher de eterna virgindade / que o homem não quer ver quando está nua...” (Catulo da Paixão Cearense, o grande Poeta nordestino, em uma de suas magníficas estrofes).

Por isso, doa a quem doer, os Itajaís, catarinenses e baianos, não têm outras origens que não sejam: RIO DO JAÓ DE PEDRA e RIO DA CABAÇA DE PEDRA!

[...]

Padre Raulino reitz (Copiando Martius) – TAYÁ (Planta da Família das *Aráceas*) + Y = I (Água, Rio) = RIO DOS TAIÁS = TAIÁI = ITAJAÍ.

Plínio Ayrosa – PRIMEIRAS NOÇÕES DE TUPI: “ITAJAÍ – (*Taiá-hy*) – rio ou aguada dos taiás ou das taiobas”.

Mais um Autor que foi ... no conto do taiá.

Cristóvão de Mauricéa – NOMES GEOGRÁFICOS ABORÍGENES: - ITAJAÍ – *Rio Pedregoso; alteração de YTAYÁ (O que contém pedras) e Y (Água)*”.

Errado, Senhor Mauricéa: Rio Pedregoso traduz-se em ITAÍ. Está faltando, na sua tradução, um JAÓ (JÁ) para Santa Catarina e uma CABAÇA (YÁ) para a Bahia.

ÉDISON D’ÁVILA – JORNAL “A NAÇÃO” de 15-06-1978 e JORNAL “DIÁRIO” – ITAJAÍ – de 17-05-1981: - “... não acredita que seja correta a recente opinião maniesta por um Órgão de Imprensa sobre o significado do termo Itajaí ser Rio do Jaó de Pedra, numa referência ao conhecido Bico do Papagaio, situado na Praia da Atalaia: “Isto porque o Pássaro de Pedra que o articulista diz que a “Mãe Natureza ergueu à beira da Estrada”, na verdade resultou da dinamitação das Ribanceiras do Morro de Cabeçudas, quando na década de 30, promoveu a abertura da estrada para aquele Balneário”.

Transcrevemos, *ipsis literis virgulisque*, “conhecido Bico do Papagaio ... “ na verdade resultou da dinamitação ...” “década ...” “promoveu-se” , etc.

Errado. Um pássaro de pedra GRANITO que aflorou na ponta de um Morro de ardósia nunca poderia ter sido produto de dinamitação, mesmo porque a pedra mole que chegava até às proximidades do pássaro granítico não deve ter sido dinamitada, para ser removida e passar a Via Francisco Canziani, onde já era “carreiro” dos Índios Carijós.

Qualquer pessoa de Bom senso poderá comprovar a nossa acertiva. E não há mais nada em Itajaí, Santa Catrina, que justifique o nome dado pelo Índio: RIO DO JAÓ DE PEDRA = ITAJAÍ.

Uma burrada, dum sujeito estulto,
Que fez um papagaio dum jaó,
Pegou mais fácil, entre um Povo culto
Que, em boa terra, planta de giló.

O *sabarê* tem fico afunilado,
O papagaio, boca bem redonda;
Mesmo se ponha seu *juru* trocado
Nenhum dos dois embarca nessa onda ...

(Transcrito do Livro inédito – TOPÔNIMOS BRASILEIROS, COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA, do mesmo Autor).

CRONOLOGIA DA OBRA DE MAGRU FLORIANO

- 1999 – Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido [Literatura]
 1999 – De Itajahy a Itajaí – 100 anos de poesia (organizador) [literatura]
 2000 – Ver cinema. Ler cinema. [sociologia // pedagogia]
 2001 – A pesquisa dialética [filosofia]
 2001 – Como faço poesia [literatura]
 2001 – De Itajahy a Itajaí – 100 anos de prosa (organizador) [literatura]
 2001- Fogo-fátuo – o diário de um poeta triste [literatura]
 2002 – Aprendendo a fazer poesia com autores catarinenses [literatura]
 2002 – Itajaí em Chamas [história]
 2002 – Quem escreve em Itajaí – indicador da literatura e jornalismo da Região da Grande Itajaí até 2000 [história // literatura // comunicação social]
 2003 – Obras selecionadas – I Concurso Literário da Academia Itajaiense de Letras (organizador) [literatura]
 2004 – Ensaios 1 LITERATURA [literatura]
 2004 – Ensaios 2 IMPRENSA [história // sociologia da comunicação]
 2004 – Ensaios 3 SOCIOLOGIA [sociologia]
 2006 – Itajaí em Chamas – a história de um herói – em coautoria c/ Ivan Rupp [história // literatura]
 2008 – Pia-Mater & Insight [literatura].
 2009 – A lógica do eleitor – reflexão sobre o processo eleitoral de 2008 no Município de Itajaí. [sociologia política // história]
 2009 – O grito universal [literatura // fotografia]
 2010 – O Príncipe em Itajahy [filosofia política // história // literatura]
 2011 – Política – texto referência para um diálogo aberto sobre a prática política. [filosofia e sociologia políticas]
 2012 – A lenda do Monte Tayó – Contribuição para a secular discussão sobre o verdadeiro significado do nome Itajaí [história]
 20[.] – Análise – esforço para compreender a realidade em que vivemos [filosofia e sociologia políticas]
 20[.] – espiando as coisas do mundo – fotos. [fotografia] Versão digital
 20[.] - Inventário bibliográfico dos autores da Região da Foz do Rio Itajahy até o ano 2010 [literatura //história] versão digital
 20[.] – Inventário dos meios de comunicação da Região da Foz do Rio Itajahy até 2010 [história // comunicação social] versão digital
 20[.] – Itajahy por inteiro – fotos. [fotografia] versão digital
 2012 – Mapas de Itajahy - em coautoria com Thiago Floriano [fotografia], Jorge Bittencourt [artes gráficas], Ronaldo Silva Júnior [fotografia] – encadernação xerox
 20[.] - A história do CIITA – Clube da Imprensa de Itajaí [história // comunicação social] versão digital

Participação em obras coletivas:

- 1998/2000/2001/2002/2003/2004 - Anuário de Itajaí [Fundação Genésio Miranda Lins]
 1999 - De Itajahy a Itajaí – cem anos de poesia [Academia de Letras de Itajaí]
 2001 - De Itajahy a Itajaí – cem anos de prosa [Academia de Letras de Itajaí]
 2002 – Itajaí outras histórias [Fundação Genésio Miranda Lins]
 2004 – O jardim de Judith [organizado por Esther Bayer Laus]
 2005 – Projeto Palavras Azuis [Blumenau - volume 4]
 2008 – Projeto Palavras Azuis [Blumenau - volume 5]
 2005 – Um rio de letras [Sociedade Escritores de Blumenau – volume 2]
 2012 - Atlas socioambiental de Itajaí [Univali]

Citado em obras:

- 2003 – A força do jornal do interior

Outras mídias

- 2009 – Itajaí em chamadas – a história de um herói (versão oral para deficientes audiovisuais) [CD].
 2005 – Itajaí em chamadas (gravado para televisão) [CD]

Em pesquisa:

- Calendário histórico de Itajahy – datas para compreender nossa história
 - Nossa gente – nomes de ruas, praças e instituições de Itajahy

SINOPSE

A LENDA DO MONTE TAYÓ resume o esforço de pesquisa do escritor Magru Floriano visando contribuir para o debate acerca do verdadeiro significado da palavra ITAJAÍ. O autor recupera inúmeros textos de escritores, jornalistas, memorialistas e historiadores consagrados e dá à luz novas interpretações e teorias sobre a grafia e o significado do nome ITAJAÍ. Após expor as trinta e cinco traduções possíveis e trinta e seis maneiras diferentes de escrevê-lo, o autor conclui pela tradução do termo ITAJAÍ como sendo PEDRA BRILHANTE, relacionando a expressão diretamente à atividade de mineração no Monte Tayó, localizado às margens do Rio Itajaí-Mirim.

O livro contém uma interessante provocação ao leitor: “Esta é a lenda do Monte Tayó. Você acredita nela ou tem outra história para nos contar?”

ENVIE SUA CONTRIBUIÇÃO SOBRE O TEMA PARA MAGRU FLORIANO:

Magrufloriano2008@gmail.com.br

heliofloriano@yahoo.com.br

QUEM É O AUTOR

MAGRU FLORIANO nasceu no Município de Itajaí (SC) a 13 de agosto de 1956. Professor universitário, colunista e analista político com quarenta anos de serviços prestados à imprensa microrregional e catarinense. Foi repórter dos jornais A Nação, A Notícia e Jornal de Santa Catarina (sucursais de Itajaí e Balneário Camboriú). Diretor da Casa da Cultura de Itajaí; presidente da Associação dos Professores do Ensino Superior de Itajaí; Associação dos Amigos do Museu Histórico e Arquivo Público de Itajaí; Clube da Imprensa de Itajaí e Academia Itajaiense de Letras. Membro da Academia de Letras de Balneário Camboriú e Associação de Escritores de Blumenau.